

JULIANO DESIDERATO ANTONIO

**ESTRUTURA RETÓRICA E ARTICULAÇÃO DE
ORAÇÕES EM NARRATIVAS ORAIS E EM
NARRATIVAS ESCRITAS DO PORTUGUÊS**

Araraquara
2004

JULIANO DESIDERATO ANTONIO

**ESTRUTURA RETÓRICA E ARTICULAÇÃO DE
ORAÇÕES EM NARRATIVAS ORAIS E EM
NARRATIVAS ESCRITAS DO PORTUGUÊS**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Lingüística e Língua Portuguesa, da FCL – UNESP, *Campus* de Araraquara – SP, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor em Lingüística e Língua Portuguesa.

**Orientadora: Profa. Dra. Maria Helena
de Moura Neves**

Araraquara
2004

Numa noite clara e iluminada, aquilo que você consegue enxergar do universo é apenas o quanto uma ameba pode ver na gota d'água onde vive imersa, a qual é, para ela, como se fosse um oceano. Tudo o que o olho humano pode abranger ao olhar para o céu é como se fosse uma pequenina gota d'água, em comparação com a imensa vastidão que a vista humana pode captar. (Kenneth Taylor)

Os céus proclamam a glória de Deus, e o firmamento anuncia as obras das suas mãos. Um dia discursa a outro dia, e uma noite revela a outra noite. Não há linguagem, nem há palavras, e deles não se ouve nenhum som; no entanto, por toda terra se faz ouvir a sua voz, e as suas palavras, até os confins do mundo. (Salmo 19:1-4)

AGRADECIMENTOS

A Deus, “a minha fortaleza, em quem confio; o meu escudo, a força da minha salvação, e o meu alto refúgio” (Sl. 18:2).

À professora Maria Helena de Moura Neves, pela orientação segura e competente, pela disponibilidade, pelo incentivo e, principalmente, pelo exemplo de dedicação à ciência.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação da UNESP – Araraquara.

Aos funcionários da seção de Pós-Graduação da UNESP – Araraquara.

Aos colegas da área de Lingüística, do Departamento de Letras da Universidade Estadual de Maringá.

Aos amigos Ismael Pontes e Fátima Sena, pela ajuda na coleta do *corpus*.

Aos amigos Flávia Hirata, Beatriz Decat, Jacqueline Botassini, Daniela de Amorim, Flávia Zanutto, Pedro Navarro e Vera Cristóvão, pelas discussões e pelas sugestões.

Ao amigo Denerval Batista, pela ajuda com os programas utilizados no tratamento dos dados e com a impressão dos arquivos da estrutura retórica.

À CAPES, pela bolsa concedida no período 2001 a 2003.

À minha esposa, Ana Paula,

à minha filha, Ana Júlia,

aos meus pais, José Valter e Marilene,

dedico, com especial carinho, este trabalho.

RESUMO

Neste trabalho, procura-se verificar, no português brasileiro, nas modalidades de língua oral e escrita, a validade da afirmação de Matthiessen & Thompson (1988) de que as relações retóricas que se estabelecem no nível discursivo organizam desde a coerência dos textos até a combinação entre orações. Relaciona-se um fenômeno gramatical, a articulação de orações, à estrutura organizacional do texto, com base na Teoria da Estrutura Retórica do Texto, teoria que tem como objetivo descrever a organização dos textos caracterizando as relações que se estabelecem entre as suas partes.

O *corpus* da pesquisa é constituído de sessenta narrativas, produzidas por informantes do Ensino Superior, do Ensino Médio e do Ensino Fundamental, após a exibição de um filme mudo. Por meio da ferramenta RSTTool, foram elaborados os diagramas da estrutura retórica dos sessenta textos do *corpus*. Os dados referentes à articulação de orações foram codificados com a ajuda da ferramenta Systemic Coder.

A análise das narrativas revelou um modelo de estrutura retórica comum a todos os textos do *corpus*, exibindo algumas semelhanças com a estrutura da narrativa de Labov e Waletzky (1967). O modelo encontrado no *corpus* apresenta, no mínimo, três níveis ou camadas. No primeiro nível, estabelece-se uma divisão tripartite entre a porção central da narrativa (complicação, no modelo de Labov e Waletzky), que funciona como núcleo, e dois satélites: *background*, que fornece o pano de fundo (orientação, no modelo de Labov e Waletzky) e *solução*, que apresenta a resolução das ações da porção central (resolução, no modelo de Labov e Waletzky). No segundo nível, as porções de texto dividem-se em seqüências de ações que se resolvem em relações multinucleares de seqüência e de lista. A partir do nível subsequente, a estrutura retórica de cada narrativa passa a apresentar configurações diferentes.

Estabeleceu-se, também, uma taxonomia das funções exercidas pelas relações retóricas nas narrativas do *corpus*. Há relações cuja principal função é a de organização textual, relações que atuam na organização textual e também na combinação de orações paratáticas e, por último, relações que atuam apenas na combinação de orações hipotáticas.

Puderam ser estabelecidas, na pesquisa, semelhanças entre as definições e a frequência de ocorrência (nas modalidades de língua oral e escrita, nas narrativas de todos os grupos de informantes), entre relações retóricas multinucleares e orações paratáticas, entre relações retóricas núcleo-satélite e orações hipotáticas adverbiais. Assim, este trabalho serve como forte evidência a favor da afirmação de Matthiessen & Thompson supra-citada.

Acrescentou-se à investigação da relação entre estrutura retórica e articulação de orações a busca de uma melhor caracterização das modalidades de língua oral e escrita e a busca de possíveis diferenças nos textos produzidos pelos informantes dos diferentes níveis de escolaridade.

Observou-se uma maior complexidade estrutural nas construções das narrativas escritas, com uma maior frequência de orações e relações que envolvem hierarquização (relações núcleo-satélite, orações hipotáticas, orações encaixadas) nas narrativas escritas do que nas narrativas orais. Por outro lado, nas narrativas orais, observou-se uma maior frequência do que nas narrativas escritas de estruturas que não envolvem hierarquização, como relações multinucleares, orações independentes e orações paratáticas. É nossa hipótese que essas diferenças sejam resultado de diferenças nos processos de falar e escrever.

As diferenças observadas entre os textos produzidos pelos diferentes grupos de informantes levam a crer que quanto maior a exposição institucionalizada à modalidade escrita, maior a diferenciação entre fala e escrita nas narrativas do *corpus*.

Palavras-chave: estrutura retórica do texto, articulação de orações, funcionalismo.

ABSTRACT

In this research we try to verify in Brazilian Portuguese, both in oral and written language, the validity of Matthiessen & Thompson's (1988) assumption that rhetorical relations held at discourse level organize from text coherence to clause combining. This research relates a grammatical phenomena, which is clause combining, to text organizational structure, based on the Rhetorical Structure Theory, which has the aim of describing text organization, characterizing the relations which are held between its spans.

The research *corpus* is formed by sixty narratives, produced by undergraduate students, secondary school students and fundamental school students, after watching a silent film. Two computational tools were used for the treatment of the data. The rhetorical structure diagrams of the sixty texts of the *corpus* were produced with the help of RSTTool. The clause combining data were coded with the help of Systemic Coder.

The analysis of the narratives revealed a common rhetorical structure model to all the texts in the *corpus*, with similarities to Labov and Waletzky's (1967) narrative structure. This model found in the *corpus* presents at least three levels. In the first level, a tripartite division is established between the central span of the narrative (complication, in Labov and Waletzky's model), which is the nucleus, and two satellites – background, which provides background information (orientation, in Labov and Waletzky's model) and solution, which provides the resolution for the actions in the central span (resolution, in Labov and Waletzky's model). In the second level, text spans are divided into sequences of actions coded by sequence and list multinuclear relations. From the next level on, the rhetorical structure of each narrative has a different configuration.

Through this research a taxonomy of the functions held by rhetorical relations in the narratives of the *corpus* was established. There are relations whose main function is text organization. There are other functions which work in paratactic clause combining, besides

working in text organization. At last, there are functions which work only in hypotactic clause combining.

We were also able to draw similarities between definitions and occurring frequency (both in oral and written language, in the narratives of all the groups of subjects) of rhetorical multinuclear relations and paratactic clauses; between nucleus-satellite relations and hypotactic adverbial clauses. Thus, this work is a strong evidence towards Matthiessen & Thompson's assumption cited above.

Beyond the investigation of the relation between rhetorical structure and clause combining, we also looked for a better characterization of the relation between oral and written language and for possible differences in the texts produced by the subjects of different school levels.

We found a higher structural complexity in written narrative constructions, with a higher frequency of clauses and relations that involved hierarchical organization (nucleus-satellite relations, hypotactic clauses, embedded clauses) in written narratives than in oral narratives. On the other hand, in oral narratives we found a higher frequency than in written narratives of structures which did not involve hierarchical organization, such as multinuclear relations, independent clauses and paratactic clauses. It is our hypothesis that these differences are caused by differences in the processes of speaking and writing.

The differences we found among the texts produced by the different groups of subjects make us believe that the higher the institutionalized exposition to written language is the higher difference between oral and written language in the narratives of the *corpus* is.

Key words: rhetorical structure of the text, clause combining, functionalism.

LISTA DE FIGURAS

Figura 2.1 - Esquema de relação núcleo-satélite	41
Figura 2.2 - Esquema de relação multinuclear	41
Figura 2.3 - Tipos de esquemas utilizados na Teoria da Estrutura Retórica	42
Figura 3.1 – Diagrama da taxonomia de Prince	51
Figura 4.1 – Relação multinuclear – elementos em um mesmo nível	56
Figura 4.2 – Relação núcleo-satélite – hierarquia de elementos	57
Figura 4.3 – Relação de contraste – ações	58
Figura 4.4 – Relação de contraste – situações	58
Figura 4.5 – Relação de lista	59
Figura 4.6 – Relação de seqüência	60
Figura 4.7 – Relação de evidência – leva o ouvinte/leitor a acreditar no conteúdo do núcleo	62
Figura 4.8 – Relação de circunstância – reconhecimento da relação	62
Figura 4.9 – Relação de avaliação	63
Figura 4.10 – Relação de causa – satélite anteposto ao núcleo	65
Figura 4.11 – Relação de causa – satélite posposto ao núcleo.....	65
Figura 4.12 – Relação de causa estabelecida entre porções de texto maiores do que a oração	66
Figura 4.13 – Relação de resultado estabelecida entre orações	67
Figura 4.14 – Relação de resultado estabelecida entre porções de texto maiores do que a oração	67
Figura 4.15 – Relação de circunstância	69
Figura 4.16 – Relação de elaboração	69
Figura 4.17 - Relação de meio – método	71
Figura 4.18 – Relação de meio – instrumento	71
Figura 4.19 – Relação de modo	72

Figura 4.20 – Relação de propósito	73
Figura 4.21 – Relação de <i>background</i>	76
Figura 4.22 – Relação de concessão	77
Figura 4.23 – Relação de evidência	77
Figura 4.24 – Relação de justificativa – ato de nomear a aeronave	78
Figura 4.25 – Relação de justificativa – explicação da expressão “deu um jeito”	78
Figura 4.26 – Relação de elaboração estabelecida em unidade iniciada pela conjunção <i>mas</i>	79
Figura 4.27 – Relação de contraste estabelecida em unidade iniciada pela conjunção <i>e</i>	80
Figura 4.28 – Relação de elaboração estabelecida por cadeia de orações	81
Figura 4.29 – Relação de circunstância – satélite modificando mais de uma porção de texto	82
Figura 4.30 – Relação de circunstância – nova cadeia modificada	82
Figura 4.31 – Organização do primeiro nível da estrutura retórica dos textos do <i>corpus</i>	83
Figura 4.32 – Organização do primeiro nível da estrutura retórica dos textos em que ocorre a relação de resumo	85
Figura 4.33 – Modelo do segundo nível da estrutura retórica das narrativas do <i>corpus</i>	86
Figura 6.1 – Proposições relacionais ajudam a estabelecer a coerência do texto	126
Figura 6.2 – Proposições relacionais atuam na combinação de orações	126
Figura 6.3 – Relação de resumo	128
Figura 6.4 – Relação de elaboração estabelecida entre orações	130
Figura 6.5 – Relação de elaboração estabelecida entre uma oração e uma porção de texto formada por várias orações	130
Figura 6.6 – Relação de resultado estabelecida entre porções de texto formadas por mais de uma oração	131
Figura 6.7 – Relação de resultado estabelecida entre orações paratáticas	131
Figura 6.8 – Relação de seqüência estabelecida entre orações aditivas	132

Figura 6.9 – Relação de lista estabelecida entre orações aditivas	132
Figura 6.10 – Relação de contraste estabelecida entre orações adversativas	133
Figura 6.11 – Relação de evidência estabelecida entre a oração causal e a oração-núcleo ..	135
Figura 6.12 – Relação de justificativa estabelecida entre a oração causal e a oração-núcleo	136
Figura 6.13 - Relação de causa estabelecida entre a oração causal e a oração-núcleo	137
Figura 6.14- Relação de resultado estabelecida entre a oração consecutiva e a oração-núcleo	137
Figura 6.15 – Relação de causa estabelecida entre duas ou mais orações adverbiais em seqüência com um único núcleo	138
Figura 6.16- Relação de concessão estabelecida entre a oração concessiva e a oração-núcleo	139
Figura 6.17 - Relação de propósito estabelecida entre a oração final e a oração-núcleo	139
Figura 6.18 – Relação de propósito estabelecida entre duas ou mais orações adverbiais em seqüência com um único núcleo	140
Figura 6.19 - Relação de modo estabelecida entre a oração modal e a oração-núcleo	141
Figura 6.20 - Relação de meio estabelecida entre a oração modal e a oração-núcleo	141
Figura 6.21 – Relação de modo estabelecida entre duas ou mais orações adverbiais em seqüência com um único núcleo	142
Figura 6.22 - Relação de meio estabelecida entre a oração modal e a oração-núcleo	143
Figura 6.23 – Relação de modo estabelecida entre duas ou mais orações adverbiais em seqüência com um único núcleo	144

LISTA DE QUADROS

Quadro 2.1 - Definição da relação evidência	40
Quadro 4.1 – Frequência de ocorrência das relações multinucleares e diferença oral/escrita	55
Quadro 4.2 – Frequência de ocorrência da relação de contraste	59
Quadro 4.3 – Frequência de ocorrência da relação de lista	60
Quadro 4.4 – Frequência de ocorrência da relação de seqüência	60
Quadro 4.5 – Frequência de ocorrência das relações núcleo-satélite, divididas de acordo com suas funções globais	61
Quadro 4.6 Frequência de ocorrência da relação de avaliação	63
Quadro 4.7 – Frequência de ocorrência da relação de causa	64
Quadro 4.8 – Frequência de ocorrência da relação de resultado	67
Quadro 4.9 – Frequência de ocorrência da relação de circunstância	68
Quadro 4.10 – Frequência de ocorrência da relação de elaboração	70
Quadro 4.11 – Frequência de ocorrência da relação de meio	71
Quadro 4.12 – Frequência de ocorrência da relação de modo	72
Quadro 4.13 – Frequência de ocorrência da relação de propósito.....	74
Quadro 5.1 Frequência de ocorrência das orações independentes	90
Quadro 5.2 – Orações independentes – predicados	92
Quadro 5.3 - Frequência de ocorrência das orações independentes em cada tópico da narrativa	92
Quadro 5.4 – Frequência de ocorrência das orações paratáticas	93
Quadro 5.5 – Tipos de predicados – orações paratáticas	94
Quadro 5.6 - Frequência de ocorrência das orações paratáticas em cada tópico da narrativa	94
Quadro 5.7 - Identidade de sujeito vs. tipo de sujeito quanto à manifestação morfológica nas orações paratáticas	95
Quadro 5.8 – Frequência de ocorrência de cada tipo de oração paratática	97

Quadro 5.9 – Frequência de ocorrência das orações aditivas	97
Quadro 5.10 – Frequência de ocorrência dos juntivos aditivos nas narrativas dos informantes do Ensino Superior	98
Quadro 5.11 – Frequência de ocorrência dos juntivos aditivos nas narrativas dos informantes do Ensino Médio	98
Quadro 5.12 – Frequência de ocorrência dos juntivos aditivos nas narrativas dos informantes do Ensino Fundamental	100
Quadro 5.13 - Frequência de ocorrência dos juntivos adversativos	101
Quadro 5.14 – Frequência de ocorrência das orações adverbiais no <i>corpus</i>	101
Quadro 5.15 – Tipos de oração-núcleo	103
Quadro 5.16 – Tipos de predicados – orações hipotáticas adverbiais	104
Quadro 5.17 – Frequências das orações hipotáticas adverbiais em cada tópico da narrativa	105
Quadro 5.18 - Identidade de sujeito vs. tipo de sujeito quanto à manifestação morfológica nas orações hipotáticas	105
Quadro 5.19 – Domínio das orações causais	107
Quadro 5.20 – Posição vs. juntivo das orações causais nas narrativas dos informantes do Ensino Superior	109
Quadro 5.21 – Posição vs. juntivo das orações causais nas narrativas dos informantes do Ensino Médio	109
Quadro 5.22 – Posição vs. juntivo das orações causais nas narrativas dos informantes do Ensino Fundamental	109
Quadro 5.23 – Posição vs. estatuto da informação das orações causais	110
Quadro 5.24 – Posição vs. juntivo das orações finais	111
Quadro 5.25 – Posição vs. estatuto da informação das orações finais	113
Quadro 5.26 – Posição vs. juntivo das orações finais	113

Quadro 5.27 – Frequência de ocorrência dos juntivos temporais	115
Quadro 5.28 – Posição das orações temporais	116
Quadro 5.29 – Posição vs. estatuto da informação das orações temporais	116
Quadro 5.30 – Mudança de tópico nas orações temporais	117
Quadro 5.31 – Frequência de ocorrência das orações encaixadas	121
Quadro 5.32 – Tipos de oração-matriz	122
Quadro 6.1 – Frequência de ocorrência das orações aditivas e das relações multinucleares de lista e de seqüência	133
Quadro 6.2 – Frequência de ocorrência das orações adversativas e da relação multinuclear de contraste	134
Quadro 6.3 – Frequência de ocorrência das orações causais e da relação de causa	138
Quadro 6.4 – Frequência de ocorrência das orações finais e da relação de propósito	140
Quadro 6.5 – Frequência de ocorrência das orações modais e das relações de modo e de meio	142
Quadro 6.6 – Frequência de ocorrência das orações temporais e da relação de circunstância	143

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1 – INTRODUÇÃO	18
CAPÍTULO 2 - FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	22
2.1 A base funcionalista do trabalho	22
2.2 Modalidades de língua oral e escrita	26
2.2.1 Métodos de produção, transmissão e recepção	28
2.2.2 Estruturas de organização	29
2.3 Articulação de orações: a visão da gramática tradicional	31
2.4 Articulação de orações: a visão do funcionalismo	33
2.5 Teoria da Estrutura Retórica do Texto	38
CAPÍTULO 3 – METODOLOGIA	43
3.1 Coleta dos dados	43
3.2 Transcrição	44
3.3 Segmentação e unidades de análise	45
3.4 Ferramentas computacionais utilizadas no tratamento dos dados	46
3.4.1 Systemic Coder	46
3.4.2 RSTTool	54
CAPÍTULO 4 – ANÁLISE DA ESTRUTURA RETÓRICA DAS NARRATIVAS DO <i>CORPUS</i>	55
4.1 Relações multinucleares	55
4.1.1 Relação de contraste	57
4.1.2 Relação de lista	59
4.1.3 Relação de seqüência	60
4.2 Relações núcleo-satélite	61
4.2.1 Relações núcleo-satélite que dizem respeito ao assunto	62

4.2.1.1 Relação de avaliação	63
4.2.1.2 Relação de causa	64
4.2.1.3 Relação de resultado	66
4.2.1.4 Relação de circunstância	68
4.2.1.5 Relação de elaboração	69
4.2.1.6 Relação de meio	70
4.2.1.7 Relação de modo	72
4.2.1.8 Relação de propósito	72
4.2.1.9 Relação de resumo	74
4.2.1.10 Relação de solução	75
4.2.2 Relações núcleo-satélite que dizem respeito à apresentação da relação	75
4.2.2.1 Relação de <i>background</i>	75
4.2.2.2 Relação de concessão	76
4.2.2.3 Relação de evidência	77
4.2.2.4 Relação de justificativa	78
4.3 Identificação das relações	79
4.4 Delimitação das cadeias de orações	80
4.5 A estrutura retórica	83
4.6 Conclusões a respeito da estrutura retórica das narrativas do <i>corpus</i>	87
CAPÍTULO 5 – ANÁLISE DA ARTICULAÇÃO DE ORAÇÕES	90
5.1 Orações independentes	90
5.2 Orações paratáticas	93
5.3 Orações hipotáticas adverbiais	101
5.3.1 Orações hipotáticas adverbiais causais	106
5.3.2 Orações hipotáticas adverbiais finais	111

5.3.3 Orações hipotáticas adverbiais modais	113
5.3.4 Orações hipotáticas adverbiais temporais	115
5.3.5 Orações concessivas, orações consecutivas e orações proporcionais	118
5.4 Orações encaixadas	120
5.5 Conclusões a respeito da articulação de orações	122
CAPÍTULO 6 – RELAÇÃO ENTRE ESTRUTURA RETÓRICA E ARTICULAÇÃO DE ORAÇÕES	125
6.1 Função das relações na organização do texto e na combinação de orações	125
6.1.1 Relações que atuam na organização do texto	127
6.1.1.1 Relações que têm como escopo porções de texto maiores do que a oração	127
6.1.1.2 Relações que têm como escopo desde uma oração até porções de texto maiores do que a oração	129
6.1.2 Relações que atuam na organização do texto e na combinação de orações paratáticas	131
6.1.3 Relações que atuam principalmente na combinação de orações hipotáticas	134
6.2 Conclusões a respeito da relação entre estrutura retórica e articulação de orações	144
CAPÍTULO 7 – CONCLUSÕES	146
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	152
ANEXO A – NORMAS PARA TRANSCRIÇÃO	160
ANEXO B – DEFINIÇÕES DAS RELAÇÕES DA TEORIA DA ESTRUTURA RETÓRICA DO TEXTO	161
ANEXO C – NARRATIVAS DO <i>CORPUS</i>	165
Narrativas dos informantes do Ensino Fundamental	165
Narrativas dos informantes do Ensino Médio	192
Narrativas dos informantes do Ensino Superior	219

Antonio, Juliano Desiderato

Estrutura retórica e articulação de orações em narrativas
orais e em narrativas escritas do português / Juliano Desiderato
Antonio. – Araraquara, 2004

2 v. : 30 cm

Tese (Doutorado em Lingüística e Língua Portuguesa) –
Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras.
Orientador: Maria Helena de Moura Neves

1. Lingüística. 2. Língua portuguesa – Combinação
de orações. 3. Língua portuguesa – Narrativas. I. Título.

CAPÍTULO 1 - INTRODUÇÃO

Os estudos lingüísticos podem ser caracterizados por dois grandes momentos em sua evolução histórica. O primeiro é o impulso dado por Ferdinand de Saussure para a criação de uma nova ciência, a Lingüística (LEROY, 1987). Embora já os gregos na Antigüidade Clássica tivessem iniciado uma tradição na discussão gramatical, que se perpetuou ao longo do tempo, somente no início do século XX os estudos a respeito da linguagem adquirem estatuto científico, com a delimitação, por Ferdinand de Saussure, de um objeto de estudo – a língua – e de um método de estudo – o método sincrônico, além do propósito de estudar a linguagem pela linguagem. Ao longo das décadas que se seguiram, expandiram-se os níveis de análise adotados pelos lingüistas. Inicialmente, a fonética, a fonologia e a morfologia foram grandemente desenvolvidas, em especial pelos estruturalistas norte-americanos em suas atividades de descrição de línguas indígenas. No início da década de 1960, com o surgimento do gerativismo, começou a ser privilegiado o estudo da sintaxe e da semântica. E é nessa época que ocorreu o segundo grande momento, conhecido como o “salto qualitativo” da Lingüística (KOCH, 1988). Novas possibilidades de pesquisa surgiram nessa época, como o estudo integrado dos diversos níveis de análise, incluindo-se, aí, a recém-descoberta pragmática. Fenômenos lingüísticos antes examinados apenas no âmbito da frase passaram a ser estudados no nível textual. Essa integração dos níveis permitiu que se chegasse a um nível mais alto de investigação, o texto, uma vez que a maior unidade que se estudava até então era a frase.

O tal “salto qualitativo” abriu caminho para que novas teorias surgissem e para que teorias que já existiam ganhassem força e ampliassem seus domínios, por meio das novas perspectivas teóricas existentes. Encontra-se nesse segundo grupo o funcionalismo. Lingüistas como Danes e Firbas retomaram muitas das idéias da chamada Escola Lingüística de Praga, formada por autores que na década de 1930 atuaram no Círculo Lingüístico de Praga (ILARI,

1992). A estudo da “perspectiva funcional da frase” por esse grupo já incluía fatores pragmáticos, como o estatuto da informação na determinação de tema/remática ou tópico/foco. Outras contribuições significativas desse grupo de lingüistas foram a importância atribuída ao contexto lingüístico e a adoção do nível de análise comunicativo para a frase (NEVES, 1997a).

Na esteira dessas idéias, outros modelos funcionalistas foram sendo desenvolvidos. Dois desses modelos que irão servir de base para este trabalho, a Gramática Funcional de Dik (1989) e a Gramática Sistêmica de Halliday (1985), são expostos no item 2.4.

Siewierska (1991) destaca que a Gramática Funcional de Dik procura explicar a estrutura da sentença por meio de camadas que vão desde a representação semântica subjacente (mais abstrata) até a forma fonética da superfície (mais concreta). O modelo de Halliday, por sua vez, acopla à interpretação funcionalista da lingüística uma teoria da língua pela qual cada estrutura representa uma escolha associada com um determinado tipo de constituinte (NEVES, 1997a).

A adoção de uma perspectiva funcionalista, que tem como principal característica o estudo da função dos elementos lingüísticos, permite que se façam incursões na área da relação entre gramática e discurso. Neste trabalho, pretende-se relacionar um fenômeno gramatical, a articulação de orações, à estrutura organizacional do texto. Parte-se da descoberta de Matthiessen e Thompson (1988) de que as relações retóricas que se estabelecem no nível discursivo organizam desde a coerência dos textos até a combinação entre orações. Essa descoberta está incluída nos estudos da Teoria da Estrutura Retórica do Texto (ver item 2.5), que está sendo desenvolvida por um grupo de lingüistas funcionalistas de renome, cujo principal campo de estudo é a relação entre gramática e discurso. Essa teoria tem como

objetivo descrever a organização dos textos, caracterizando as relações que se estabelecem entre as suas partes.

Os textos que serviram de base para esta pesquisa foram narrativas produzidas por informantes do Ensino Fundamental, do Ensino Médio e do Ensino Superior, após a exibição de um filme mudo. Primeiramente os informantes narraram a história oralmente e, em seguida, por escrito. Nos sessenta textos do *corpus* foram analisadas a combinação de orações e a estrutura retórica, para que se pudesse verificar, no português brasileiro, a validade da afirmação de Matthiessen & Thompson (1988) de que a combinação de orações reflete a estrutura organizacional do texto. Estabeleceu-se a hipótese de que a análise de textos produzidos por informantes de diferentes níveis de escolaridade poderia revelar se há diferenças na maneira como esses grupos de informantes organizam seus textos tanto em relação à estrutura retórica, como no que diz respeito à articulação de orações. O mesmo pode ser dito quanto à análise de textos na modalidade oral e de textos na modalidade escrita. Pretende-se, com isso, verificar se, em ambas as modalidades, os textos apresentam uma organização semelhante da estrutura retórica e da articulação de orações.

O trabalho é dividido em dois volumes. O primeiro, dividido em sete capítulos, é a tese propriamente dita. O segundo volume é um anexo no qual podem ser encontrados os diagramas da estrutura retórica dos sessenta textos do *corpus*. Os diagramas foram impressos em formulário contínuo, no sentido “paisagem”, para que as relações pudessem ser representadas e observadas adequadamente.

O primeiro capítulo do primeiro volume é a introdução. No segundo capítulo, apresentam-se as bases teóricas do trabalho: a teoria funcionalista, a teoria da estrutura retórica do texto, a visão funcionalista e a visão da gramática tradicional sobre a articulação de orações, modalidades de língua. O terceiro capítulo trata dos aspectos metodológicos da pesquisa, ou seja, coleta e tratamento dos dados, ferramentas computacionais utilizadas. O

quarto capítulo trata da análise da estrutura retórica dos textos do *corpus*. O quinto capítulo traz a análise da articulação de orações nos textos do *corpus*. No sexto capítulo, estabelece-se a relação entre a estrutura retórica e a articulação de orações. Por último, o sétimo capítulo traz as conclusões da pesquisa.

CAPÍTULO 2 - FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Neste capítulo, dividido em cinco itens, são apresentadas as bases teóricas desta pesquisa. Primeiramente, são expostos alguns dos princípios mais importantes do funcionalismo, modelo teórico-metodológico no qual se fundamenta este trabalho. O segundo item coloca em pauta as posições de alguns pesquisadores funcionalistas a respeito das diferenças entre as modalidades de língua oral e escrita. Os dois itens seguintes tratam do tema da articulação de orações: o primeiro deles, na visão tradicional, e o segundo, na visão funcionalista. O último item apresenta os principais pressupostos teóricos da Teoria da Estrutura Retórica do Texto.

2.1 A base funcionalista do trabalho

A base funcionalista se revela pelo fato de estudar-se a língua em uso e também pelo fato de procurar-se determinar a função dos elementos lingüísticos na comunicação. É necessário, portanto, que se faça uma apresentação dos princípios desse paradigma teórico que embasa o trabalho.

O funcionalismo toma como base um usuário de uma língua natural (ULN), que é muito mais do que um simples “animal lingüístico”, uma vez que há várias funções humanas envolvidas na comunicação humana (DIK, 1989). Além da capacidade lingüística, que permite ao ULN produzir e compreender expressões lingüísticas em um grande número de situações comunicativas diferentes, Dik (1989) cita outras quatro capacidades:

(i) epistêmica, que diz respeito à obtenção de conhecimento de mundo, pelo ULN, a partir de expressões lingüísticas, sua organização e posterior uso na interpretação de outras expressões;

- (ii) lógica, que está relacionada à capacidade que o ULN tem de, a partir de certas porções de conhecimento, derivar porções de conhecimento adicionais por meio de princípios de lógica dedutiva e de lógica probabilística;
- (iii) perceptual, pela qual o ULN percebe o ambiente em que se encontra e dele deriva conhecimento para produzir e interpretar expressões lingüísticas;
- (iv) social, que permite ao ULN não apenas saber o que dizer, mas como veicular um determinado conteúdo a um determinado interlocutor em uma determinada situação comunicativa, para atingir determinados fins.

Assim, está relacionado ao paradigma funcional o conceito de competência comunicativa, entendido por Hymes (1987) como o conhecimento prático (e não necessariamente explicitado) das regras psicológicas, culturais e sociais que governam a utilização da fala em uma situação comunicativa.

Dessa forma, o conceito de língua, para os funcionalistas, não pode ser o de um estoque de palavras reunidas por determinadas regras. Dik (1989, p. 3) define a língua como “um instrumento de interação social entre seres humanos, utilizado com a intenção de estabelecer relações comunicativas”. Essa interação social que se dá pela língua é uma atividade: (i) estruturada, por ser governada por regras, normas convenções; e (ii) cooperativa, por envolver pelo menos dois participantes.

Por estudar a língua em uso e por utilizar como correlato psicológico a competência comunicativa, o funcionalismo leva em conta dois tipos de regras: as de ordem fonológica, morfológica, sintática e semântica, que constituem as expressões lingüísticas mediadoras das interações verbais, e as de ordem pragmática, que governam os padrões de interação verbal em que as expressões são usadas.

Dessa forma, pode-se dizer que uma gramática funcional trata de forma integrada os componentes tratados isoladamente por outras teorias (NEVES, 1994a; 1997a). Segundo essa orientação, um tratamento funcional da sintaxe e da semântica só pode ser realizado de forma adequada integrando a pragmática a esses outros componentes, e não considerando-a um componente externo.

Como exemplo dessa integração, podem-se citar os três níveis de funções que, segundo Dik (1989), organizam integradamente a estrutura do predicado: funções semânticas, funções sintáticas e funções pragmáticas. As funções semânticas Agente, Meta, Receptor, etc. especificam os papéis dos referentes envolvidos no estado de coisas designado pela predicação. As funções sintáticas Sujeito e Objeto, por sua vez, especificam a perspectiva a partir da qual um estado de coisas é apresentado na expressão lingüística. Por último, as funções pragmáticas Tema, Tópico, Foco, etc. especificam o estatuto informacional de um constituinte na situação comunicativa em que ocorre.

Como se pode observar, a abordagem funcionalista não se limita a uma análise categorial de um determinado elemento ou a uma análise isolada de um determinado componente. Muito pelo contrário, uma análise funcionalista leva em conta a função de cada elemento em relação a todo o sistema lingüístico (fonologia, morfologia, sintaxe, semântica) e em relação ao seu contexto de uso (pragmática) (HALLIDAY, 1985).

A análise integrada dá ao funcionalismo equilíbrio no que diz respeito à interação das forças que lutam no domínio da linguagem. Três diferentes concepções sobre essa interação de forças são apresentadas por Du Bois (1985). De um lado, há o funcionalismo transparente, que defende a idéia de que a sintaxe é completamente permeável ao discurso, ou seja, não há regras sintáticas fixas e toda estrutura gramatical é fruto das necessidades discursivas do falante. De outro, há o estruturalismo autônomo, que defende a idéia de um sistema lingüístico autônomo e

absoluto, suficiente em si mesmo. Para o funcionalismo moderado, modelo no qual se baseia este trabalho, a língua é um sistema adaptativo no qual motivações entram em competição. Segundo Du Bois (1985), a língua é adaptativa porque é suscetível a pressões externas, e é sistema porque suas categorias e estruturas têm continuidade. Assim, pode-se dizer que cabe à lingüística funcional estudar os padrões de uso estatisticamente mais freqüentes. As finalidades são duas: sistematização e tentativa de desvendar quais processos são mais utilizados pelos falantes, uma vez que as formas não-marcadas são as mais utilizadas pelos falantes e mais codificadas pela gramática.

Uma vez que o funcionalismo leva em conta enunciados efetivamente realizados, pode-se afirmar que o modelo funcionalista é sistêmico, ou seja, o falante deve escolher, dentre as várias opções de expressões lingüísticas à sua disposição, aquela que melhor satisfaça suas intenções comunicativas. Descobrir que fatores influenciam as opções que se tornam padrões de uso é, assim, tarefa do funcionalismo.

Além de incluir a pragmática em suas análises, o funcionalismo não se limita a focalizar a forma lingüística, que deixa de ser um fim em si mesma. Embora a maioria dos modelos empregue mecanismos de formalização, o estudo das expressões lingüísticas é um meio para atingir-se um objetivo maior, que é o de descrever o modo como a língua é efetivamente utilizada pelos falantes.

No que diz respeito ao nível de análise, pode-se dizer que o modelo funcionalista toma como objeto unidades maiores do que a frase. Votre e Naro (1989) propõem uma análise lingüística *no* discurso, e não *do* discurso, para nele localizar princípios e entidades. Halliday (1985) afirma que a análise lingüística tem duas finalidades no nível textual:

(i) permite que se explique como e por que o texto diz o que diz;

(ii) permite que se explique por que um texto produz ou não os resultados pretendidos por seu produtor, uma vez que leva em conta como as expressões lingüísticas de um texto se relacionam com seu contexto, incluindo as intenções de quem está envolvido na produção do texto.

Este trabalho pautou-se pelos princípios funcionalistas descritos neste item. A análise da combinação de orações nos textos do *corpus* procura integrar os componentes morfológico e sintático (por exemplo, realização morfológica do sujeito, tipo de juntivo, ordem), semântico (tipo de predicado), pragmático (por exemplo, modalidade, estatuto informacional, tópico). Além disso, a análise se dá no nível do texto, uma vez que as orações são verificadas no co-texto em que ocorrem. Por sua vez, a análise da estrutura retórica das narrativas do *corpus* leva em conta as relações estabelecidas entre as porções do texto, ou seja, trata das funções das porções do texto em relação a outras porções, bem como da função das porções do texto em relação aos objetivos do produtor do texto. O confronto dos dados obtidos com a combinação de orações e com a estrutura retórica demonstra que uma análise de texto deve levar em conta a gramática, pois é por meio das categorias gramaticais que os padrões semânticos se realizam (HALLIDAY, 1985). Por último, o estudo de fatores extralingüísticos, como o grau de escolaridade dos informantes e as condições e o modo de produção das modalidades de língua oral e escrita, permite que se verifique o equilíbrio entre as pressões externas e a permeabilidade do sistema lingüístico.

2.2 Modalidades de língua oral e escrita

Desde que se começou a estudar a linguagem, três posturas distintas já foram adotadas a respeito da relação entre língua oral e língua escrita (CHAFE, 1994). Primeiramente, na tradição gramatical iniciada pelos gregos e pelos romanos, a escrita gozava de maior prestígio do que a fala. Com o nascimento da Lingüística, a ênfase dada ao estudo de línguas que ainda não

tinham uma tradição escrita elevou a fala a uma posição de prestígio. Essa modalidade foi considerada o verdadeiro objeto de estudo dos lingüistas e a escrita era concebida apenas como uma representação da fala. Nas últimas décadas passou a ser difundida uma concepção mais equilibrada da relação entre fala e escrita. De acordo com essa concepção, as duas modalidades são realizações diferentes da linguagem, com funções diferentes.

Um equívoco cometido por muitas pesquisas que tratam da relação entre a fala e a escrita é conceber as duas modalidades como antagônicas. A visão de Ochs (1979) sobre o planejamento do discurso mostra que a fala e a escrita podem, na verdade, representar um contínuo. A autora fala de quatro níveis de planejamento: discurso falado não planejado, discurso falado planejado, discurso escrito não planejado e discurso escrito planejado. Assim, um bilhete escrito às pressas pode ter muito mais semelhança com uma narração informal de uma história a um amigo do que com um editorial de jornal, por exemplo. Esse mesmo editorial, por sua vez, também pode apresentar muito mais semelhanças com um discurso elaborado feito a uma platéia do que com o tal bilhete escrito às pressas. Marcuschi (2000, p. 28) também critica essa visão dicotômica da relação entre fala e escrita que, segundo ele, “postula para a fala uma menor complexidade e uma maior complexidade para a escrita”.

Outro equívoco cometido por muitos pesquisadores a respeito da relação fala/escrita é, segundo Tannen (1982), analisar textos de tipos diferentes e atribuir as diferenças encontradas à modalidade de língua. Escolhe-se um texto oral de um determinado tipo e um texto escrito de um tipo diferente. Para Tannen, muitas das diferenças que surgem, nesse caso, são originadas pelas diferenças nos tipos de texto. Neste trabalho, para evitar esse problema, são utilizados textos de um mesmo tipo, mas nas modalidades oral e escrita (veja item 3.1).

Como aponta Neves (1996), a modalidade oral e a modalidade escrita utilizam um mesmo sistema, mas diferem no que diz respeito aos métodos de produção, transmissão, recepção

e de estruturas de organização. Essas diferenças, que produzem diferenças lingüísticas na fala e na escrita, serão examinadas nos itens a seguir.

2.2.1 Métodos de produção, transmissão e recepção

Não se considera, neste trabalho, que a fala e a escrita estão opostas dicotomicamente. No entanto, não pode ser negligenciado o fato de que falar e escrever são atos diferentes, podendo, em consequência disso, surgir diferenças lingüísticas nos textos produzidos em cada uma dessas modalidades (CHAFE, 1994). Por depender dos sons, a fala dificulta o controle contínuo do falante sobre os enunciados já produzidos. Já a escrita, valendo-se do recurso da visão, tem a possibilidade do registro gráfico, o que facilita esse controle. Além disso, a escrita é realizada globalmente, permitindo que marcas do processo de elaboração do texto sejam “editadas”, ao passo que a realização seqüencial da fala deixa no texto as marcas do processo de produção (CHAFE, 1985).

Por outro lado, por ser geralmente produzida em circunstâncias diferentes da situação da recepção, a escrita não tem a possibilidade da alternância de turnos, que é característica da conversação. Além disso, a língua oral tem maior ancoragem no contexto situacional em que é produzida, ao passo que a escrita é mais independente¹.

Halliday (1989) também aponta uma importante diferença entre a fala e a escrita no que diz respeito aos métodos de produção, transmissão e recepção. Para ele, a escrita não consegue traduzir por meio de suas marcas (no caso, os sinais de pontuação) a riqueza do potencial expressivo da fala, deixando de lado contribuições prosódicas e paralingüísticas. Em

¹ Atualmente, como lembra Hilgert (2000), os novos recursos tecnológicos têm possibilitado o surgimento de textos “mistos”, com características de ambas as modalidades. Trata-se dos bate-papos pela Internet que, mesmo sendo produzidos *on-line* e por escrito, permitem a alternância de turnos e uma maior ancoragem no contexto situacional do que outros tipos de texto escritos.

contrapartida, a fala não tem marcas para indicar os limites de uma frase ou de um parágrafo, nem o início ou o fim de uma citação.

2.2.2 Estruturas de organização

Para Chafe, a fala espontânea é produzida numa série de breves jorros, chamados unidades de idéia (1980, 1985) ou unidades de entoação (a partir de 1987), que expressam a informação que está sendo focalizada pela consciência. Esse fluxo descontínuo é consequência, segundo ele, das limitações da consciência. A definição apresentada por Chafe de unidade de entoação baseia-se na conjunção desses critérios: “conjunto de palavras combinadas sob um único e coerente contorno entonacional caracterizado por um ou mais picos entonacionais e uma cadência típica de final de oração ou de final de sentença, geralmente precedidas por uma pausa” (CHAFE, 1988, p. 1).

Como o conceito de unidade de entoação se baseia em características da língua oral, como entoação, contorno e pausa, poder-se-ia imaginar que na língua escrita não haveria uma estrutura semelhante. No entanto, Chafe (1985) afirma que a maior parte dos textos escritos apresenta segmentos semelhantes às unidades de entoação. Intuitivamente, quem escreve procura organizar seus enunciados de acordo com os limites das unidades de entoação. Em outras palavras, o escritor tenta implantar em seu texto os padrões entonacionais que fixam os limites das unidades de entoação. Chafe (1985) aponta razões para essa semelhança. Historicamente, a fala tem primazia sobre a escrita, no que diz respeito ao uso. Por muito tempo, a escrita foi privilégio de poucos, e, mesmo nos dias atuais, em que grande parte da população é alfabetizada, as pessoas passam mais tempo falando do que escrevendo. Assim, é natural que as unidades da fala sejam transpostas para a escrita de forma intuitiva. Isso acaba permitindo que a leitura seja

feita com facilidade, uma vez que as informações são apresentadas de forma semelhante à maneira como são apresentadas na fala.

Chafe (1985) também se refere às unidades de entoação como *unidades de idéia*, uma vez que elas expressam a quantidade de informação que uma pessoa pode focalizar de uma única vez. Chafe verificou em suas pesquisas (1985; 1992; 1994) que as unidades de idéia tendem a ser mais longas e mais complexas na escrita do que na fala, pois quem escreve tem mais tempo e mais recursos do que quem fala para “empacotar” mais informação em uma unidade de idéia. Da mesma forma, quem lê tem mais tempo e mais recursos do que quem escuta para “escanear” mais informação na unidade de idéia.

Halliday (1989) apresenta uma outra diferença importante: a maior densidade lexical da escrita e a maior complexidade gramatical da fala. Para ele, a escrita geralmente é analisada em seu produto final e acaba representando os fenômenos também como produtos. Assim, na escrita a experiência é interpretada como ações e eventos, de forma que, para nomear essas ações e esses eventos, e quem os realiza, são necessários nomes. A densidade lexical da escrita é essa maior frequência, na escrita, de itens lexicais do que de itens gramaticais. Por outro lado, a fala representa os fenômenos como processos que estão sendo realizados por alguém ou que estão acontecendo. Para isso, é necessário mais do que um verbo. Precisa-se de uma oração com os elementos que acompanham o verbo, tais como os participantes, a modalidade, etc. Além disso, um mesmo conteúdo expresso por uma oração nominalizada pode precisar de duas ou três orações não-nominalizadas. Isso caracteriza, para Halliday (1989), a maior complexidade gramatical da fala. Ou seja, como os processos ocorrem em uma seqüência, a fala exige uma maior quantidade de orações.

2.3 Articulação de orações: a visão da gramática tradicional

Observando-se as gramáticas normativas disponíveis no mercado editorial, pode-se estabelecer uma distinção entre aquelas que apenas divulgam os paradigmas da norma padrão, muitas vezes de forma simplificada e esquemática, e aquelas elaboradas por estudiosos dessa norma, verdadeiros pesquisadores do modelo da língua considerada culta. É com base em cinco gramáticas desse último tipo que se baseiam as observações a seguir sobre a visão tradicional a respeito da articulação de orações, a saber: Bechara (2002), Cegalla (1979), Cunha e Cintra (1985), Rocha Lima (1973) e Said Ali (1965).

A Gramática Tradicional tem na definição do termo “período composto” o ponto de partida para o que se convencionou chamar, no funcionalismo, *articulação de orações*. O período é a frase organizada em uma ou mais orações. É simples quando formado por apenas uma oração, e composto quando formado por duas ou mais orações.

As gramáticas tradicionais apresentam dois processos sintáticos para a formação do período composto: a coordenação e a subordinação. O conceito de dependência sintática é fundamental na definição desses processos. Assim, uma oração considerada independente é a que não exerce função sintática em outra, enquanto uma oração considerada dependente é aquela que exerce função sintática em outra oração. Assim, para as gramáticas tradicionais, o período composto por coordenação é uma seqüência de orações independentes entre si, de mesma natureza sintática, ao passo que o período composto por subordinação é formado por uma oração

principal e por uma ou mais orações dependentes².

As orações coordenadas podem estar ligadas entre si sem conectivo - apenas justapostas -, ou ligadas por uma conjunção. Nesse último caso, as orações coordenadas recebem, nas gramáticas tradicionais, o nome das conjunções coordenativas que as iniciam: aditivas, adversativas, alternativas, conclusivas, explicativas.

Na classificação tradicional, a oração principal de um período composto é aquela que não exerce função sintática na outra, pelo contrário, a outra oração depende dela. Essa oração que exerce uma função sintática na estrutura da oração principal é chamada subordinada. As orações subordinadas podem exercer na oração principal função de substantivo, de adjetivo ou de advérbio, sendo classificadas, pelas gramáticas tradicionais, de acordo com sua função. Assim, as orações subordinadas substantivas são subdivididas em subjetivas, objetivas diretas, objetivas indiretas, completivas nominais e predicativas. As orações subordinadas adjetivas, por sua vez, são subdivididas pelas gramáticas tradicionais em restritivas e explicativas. Por último, as orações subordinadas adverbiais são classificadas de acordo com a circunstância que exprimem, aparecendo com maior frequência, nas gramáticas consultadas, os seguintes tipos de orações subordinadas adverbiais: causais, comparativas, concessivas, condicionais, conformativas, consecutivas, finais, modais, proporcionais e temporais.

No que diz respeito à forma com que se pode apresentar o verbo de uma oração, as gramáticas classificam as orações em desenvolvidas, quando o verbo está em sua forma finita, e em reduzidas, quando o verbo está em sua forma não-finita, ou nominal – infinitivo, gerúndio, particípio.

² Bechara (2002) considera que apenas orações coordenadas podem formar um período composto, por estarem em uma mesma camada gramatical. As orações subordinadas, segundo ele, fazem parte das orações complexas, uma vez que funcionam em uma camada inferior à da oração principal, exercendo função de substantivos, adjetivos ou advérbios.

Para a maioria das gramáticas, apenas as orações subordinadas podem ser reduzidas. Bechara (2002) e Cegalla (1979), no entanto, defendem que também há orações coordenadas reduzidas.

A abordagem tradicional da articulação de orações, como se pode observar, baseia-se na classificação das orações de acordo com sua função sintática. Não são levados em conta os aspectos pragmáticos e o estudo é feito no nível da frase. Também pode-se observar que a subordinação inclui as orações subordinadas, as orações adjetivas e as orações adverbiais.

2.4 Articulação de orações: a visão do funcionalismo

Segundo Neves (1997b, p. 1), uma das mais importantes contribuições do funcionalismo para o estudo da articulação de orações é “a valorização da participação do falante na organização de seu enunciado, para expressar as relações aí envolvidas”. Na prática, os modelos funcionalistas de gramática, sendo sistêmicos, procuram explicar, com base na pragmática, os motivos que levaram o falante a optar por uma determinada forma e não por outra diante do grande número de possibilidades disponíveis na língua.

Um ponto comum a praticamente todos os modelos funcionalistas no que diz respeito à articulação de orações é o estabelecimento de uma distinção entre os tipos de estruturas abrigadas pela gramática tradicional sob o rótulo de subordinação (DECAT, 1993). Os tipos de relações estabelecidas entre a oração tradicionalmente chamada “principal” e a chamada “subordinada”, nos exemplos (i) e (ii)³ a seguir são entre termos diferentes, conforme se pode explicar a partir do modelo de Dik (1989).

³ Os exemplos foram retirados de narrativas do *corpus* do trabalho, transcritas no ANEXO C. As siglas EF, EM e ES significam, respectivamente, Ensino Fundamental, Ensino Médio e Ensino Superior, indicando a que grupo de textos pertence a narrativa da qual foi retirado o exemplo.

(i) .. mas logo desvenda .. que a cidade é muito triste, (EM9 oral)

(ii) Quando ele chegou na cidade, foi diretamente para um hotel. (EF3 escrita)

Esse modelo propõe uma estrutura subjacente da oração formada por níveis ou camadas. Na base dessa estrutura está o predicado, que é aplicado a um certo número de termos para referir entidades, além de designar propriedades ou relações. O resultado da aplicação do predicado aos termos apropriados é a predicação, que constitui a segunda camada. Uma predicação designa um estado de coisas, concebido como algo que pode ocorrer em um mundo. A predicação é expandida por argumentos – termos exigidos pela semântica do predicado – e por satélites – termos que fornecem informação suplementar. A predicação pode ser construída em uma estrutura da terceira camada, a proposição, que designa um fato possível. O conteúdo proposicional pode ser verdadeiro ou falso, pode ser mencionado, negado, defendido, lembrado, etc. A proposição, quando recebe força ilocucionária, por meio da aplicação de operadores ilocucionários - declarativo, interrogativo ou imperativo – constitui uma frase, que corresponde à unidade da quarta camada, o ato de fala.

No caso do exemplo (i), a oração sublinhada é um argumento exigido pela semântica do predicado para formar uma predicação nuclear completa. Já no exemplo (ii), a oração sublinhada (satélite) acrescenta uma informação relativa à circunstância de tempo, que não é condição para que a predicação nuclear da oração principal seja satisfeita.

Dessa forma, as orações tradicionalmente chamadas subordinadas substantivas se relacionam com a oração principal de forma diferente das orações conhecidas na tradição gramatical como subordinadas adverbiais. Neves descreve as relações do primeiro tipo como “verticais” e as do segundo tipo como “laterais” (1997b), ou as do primeiro tipo como de “constituência” e as do segundo tipo como de “interdependência” (2003).

No modelo de Halliday (1985), que tem como base o complexo de orações - seqüência de orações estruturalmente ligadas -, pode-se encontrar uma taxonomia capaz de distinguir esses tipos de orações “subordinadas”.

Para Halliday, há duas dimensões para a interpretação dos elementos de um complexo: (i) o sistema tático, ou de interdependência; (ii) o sistema de relações lógico-semânticas.

(i) No sistema tático, há dois tipos de interdependência: paratática e hipotática. No primeiro caso, a relação se estabelece entre elementos de mesmo estatuto, sem que um dependa do outro. No segundo caso, o estatuto dos elementos não é igual, ou seja, um elemento modifica o outro, sendo o modificador dependente do modificado;

(ii) No sistema lógico-semântico, as relações que podem ser estabelecidas entre os elementos de um complexo são de dois tipos fundamentais: (1) expansão e (2) projeção.

(1) Expansão: uma oração pode expandir a outra de três maneiras: (a) por elaboração; (b) por extensão; (c) por encarecimento.

(1a) Elaboração: uma oração pode expandir a outra reafirmando seu conteúdo com outras palavras, especificando seu conteúdo com maiores detalhes, comentando ou exemplificando seu conteúdo.

(1b) Extensão: uma oração pode expandir a outra acrescentando um novo elemento, apresentando uma exceção, oferecendo uma alternativa.

(1c) Encarecimento ou realce: uma oração pode expandir a outra qualificando seu conteúdo com traços circunstanciais de tempo, de lugar, de causa, de modo, de condição.

(2) Projeção: uma oração se projeta sobre a outra, funcionando como representação da própria representação lingüística.

Halliday apresenta, ainda, um mecanismo chamado *integração* ou *encaixamento*. Nesse mecanismo, uma oração funciona como elemento constituinte da estrutura de outra oração. A relação da oração encaixada com uma oração externa é indireta, pois o grupo que forma com a oração principal funciona como intermediário nessa relação. Por esse motivo, uma oração encaixada não estabelece relações táticas com outras orações, apenas relações lógico-semânticas.

Portanto, Halliday trata parataxe e hipotaxe como fenômenos, e o encaixamento como mecanismo. Com base na relação entre a taxonomia de Halliday e as categorias da gramática tradicional, podem ser feitas as seguintes observações:

- Na combinação da elaboração com a hipotaxe, aparecem as orações adjetivas explicativas, que têm uma função descritiva em relação à oração primária do complexo.
- Na combinação da parataxe com a extensão, ocorre a coordenação entre orações.
- Na combinação entre parataxe e encarecimento, aparece a coordenação entre orações, mas com traços circunstanciais geralmente indicados por conjunções ou locuções conjuntivas.
- Da combinação entre encarecimento e hipotaxe surgem as orações conhecidas tradicionalmente como “adverbiais”. A oração dependente expressa notações de tempo, espaço, modo, causa, condição, introduzidas por preposições, conjunções ou locuções conjuntivas hipotáticas.
- Na combinação de parataxe e projeção, aparece o discurso direto (ou citação). Por outro lado, da combinação de projeção com hipotaxe surge o discurso indireto.
- O encaixamento, ou integração, engloba as orações tradicionalmente conhecidas como subordinadas substantivas - exemplo (i) da página 47, em que a oração encaixada é exigida pela semântica do predicado - e subordinadas adjetivas restritivas – exemplo a seguir, em que a oração encaixada é uma complicação de um tema.

“comprou um jornal ... de um garoto que estava na esquina,” (ES1 oral)

Com base na distinção estabelecida por Halliday entre parataxe e hipotaxe como fenômenos, e encaixamento como mecanismo, Matthiessen e Thompson (1988)⁴ propõem um modelo de estudo da articulação de orações a partir da noção de relações retóricas, que organizam não somente a coerência do texto mas também a combinação entre orações. Para esses autores, as relações entre as orações refletem a organização do discurso. Há dois tipos de relações que podem ser estabelecidas entre orações ou entre porções maiores de texto, as do tipo núcleo-satélite, em que uma porção é ancilar da outra, e as do tipo listagem, em que as porções têm um mesmo estatuto. As orações hipotáticas adverbiais estabelecem relações do primeiro tipo, funcionando como satélites da oração-núcleo, ao passo que as orações coordenadas estabelecem relações do segundo tipo, em que cada oração é um núcleo distinto. Nessa visão, o encaixamento não pode ser levado em conta na combinação de orações, uma vez que a oração encaixada perde sua identidade funcional por ter um grau de integração muito grande com a oração-matriz⁵.

A importância dada por Matthiessen e Thompson ao estudo da sintaxe no discurso é compartilhada por outros autores funcionalistas como Talmy Givón, por exemplo. Para ele (1990; 1993; 1995), a gramática deve ser estudada de forma integrada ao estudo do discurso. A investigação da articulação de orações, portanto, deve levar em conta o contexto do discurso coerente em que as orações são produzidas.

Givón (1990; 1993) considera que toda oração apresenta algum tipo de dependência semântico-pragmática e gramatical em relação ao contexto imediato em que é produzida. Do ponto de vista semântico, dentre as relações funcionais que podem ser estabelecidas entre uma oração e seu contexto imediato estão as noções retóricas de temporalidade, condicionalidade,

⁴ Ver item 2.5, em que a teoria desses autores será explicada em detalhes.

⁵ Será utilizado o termo oração-núcleo no caso da hipotaxe, e o termo oração-matriz no caso do encaixamento.

causalidade, concessão, propósito, razão, etc. Do ponto de vista lógico, encontram-se noções como junção, disjunção, paráfrase, tautologia e contradição.

O estudo da gramática relacionado com o estudo do discurso permite, por exemplo, que Givón explique a diferença pragmática entre a anteposição e a posposição de orações adverbiais em relação à oração-núcleo, ou seja, a função da posição da oração adverbial na ancoragem de informações.

2.5 Teoria da Estrutura Retórica do Texto

Os principais pesquisadores envolvidos com a Teoria da Estrutura Retórica do Texto (Christian Matthiessen, Sandra Thompson, William Mann) pertencem a um grupo funcionalista norte-americano, em que estão lingüistas de renome como Charles Li, John Haiman, Paul Hopper, Scott DeLancey, Talmy Givón, Wallace Chafe, dentre outros. Em geral, as pesquisas desse grupo têm como campo de estudo a relação entre gramática e discurso, lançando mão de um olhar pragmático sobre o funcionamento das línguas. Podem ser citadas como exemplo as publicações conjuntas desses autores: *Discourse and Syntax* (GIVÓN, 1979), *Tense-Aspect: Between Semantics and Pragmatics* (HOPPER, 1982), *Clause Combining in Grammar and Discourse* (HAIMAN & THOMPSON, 1988).

A Teoria da Estrutura Retórica dos Textos é uma teoria descritiva que tem por objeto o estudo da organização dos textos, caracterizando as relações que se estabelecem entre as partes do texto (MANN & THOMPSON, 1983; MANN & THOMPSON, 1985; MANN & THOMPSON, 1987a; MANN & THOMPSON, 1987b; MANN & THOMPSON, 1988; MATTHIESSEN & THOMPSON, 1988; MANN, MATTHIESSEN & THOMPSON, 1992).

De acordo com essa teoria, além do conteúdo proposicional explícito veiculado pelas orações de um texto, há proposições implícitas, chamadas *proposições relacionais*, que surgem das relações que se estabelecem entre porções do texto.

Para Mann e Thompson (1983), o fenômeno das proposições relacionais é *combinacional*, definido no âmbito textual, ou seja, as proposições relacionais são resultantes da combinação de partes do texto. Essas combinações podem ser estabelecidas tanto entre orações, como entre porções maiores de texto. Uma outra observação importante diz respeito à natureza das relações. Quando duas porções de texto se relacionam, além do conteúdo proposicional expresso por cada uma das porções há também um *conteúdo implícito*, a proposição relacional.

Outros traços importantes das proposições relacionais levantados por esses autores são os seguintes:

- (i) as proposições relacionais são básicas: outros tipos de inferências podem ser derivados das proposições relacionais, mas estas não são derivadas de outros tipos de inferência;
- (ii) as proposições relacionais surgem no texto independentemente de sinais específicos de sua existência: não há necessidade de inclusão, no texto, de elementos lingüísticos que tenham por função indicar as relações estabelecidas;
- (iii) as proposições relacionais não estão limitadas a aspectos organizacionais do texto, mas são essenciais para o estabelecimento da coerência: elas são fundamentais para o funcionamento do texto, pois exibem relações estabelecidas na temática do texto.

Os pressupostos teóricos nos quais a Teoria da Estrutura Retórica se baseia são os seguintes:

- (i) os textos são formados por grupos organizados de orações que se relacionam hierarquicamente entre si de várias formas;

- (ii) as relações que se estabelecem entre as orações podem ser descritas com base na intenção comunicativa do enunciador e na avaliação que o enunciador faz do enunciatório, e refletem as escolhas do enunciador para organizar e apresentar os conceitos;
- (iii) a maioria das relações que se estabelecem são do tipo *núcleo-satélite*, em que uma parte do texto serve de subsídio para outra.

A Teoria da Estrutura Retórica tem quatro tipos de mecanismos⁶, a saber, *relações, esquemas, aplicações dos esquemas e estruturas*.

As relações definem as condições que ligam duas porções de texto⁷. A definição de uma relação é feita com base em quatro condições: a) restrições sobre o núcleo; b) restrições sobre o satélite; c) restrições sobre a combinação entre o núcleo e o satélite; d) efeito. Tome-se como exemplo a definição da relação *evidência*, apresentada no quadro 2.1 a seguir:

Quadro 2.1 - Definição da relação evidência

nome da relação	Evidência
restrições sobre o núcleo	o enunciatório poderia não acreditar no conteúdo do núcleo em um grau satisfatório ao enunciador
restrições sobre o satélite	o enunciatório irá acreditar no conteúdo do núcleo ou irá considerá-lo digno de crédito
restrições sobre a combinação entre o núcleo e o satélite	a compreensão do conteúdo do satélite, por parte do enunciatório, aumenta sua confiança no conteúdo do núcleo
efeito	aumenta a confiança do enunciatório no conteúdo do núcleo
loco do efeito	núcleo

Uma lista de aproximadamente vinte e cinco relações foi estabelecida por Mann e Thompson (1987a), após a análise de centenas de textos, por meio da Teoria da Estrutura Retórica. Essa lista não representa um rol fechado, mas um grupo de relações suficiente para descrever a maioria dos textos.

⁶ Aqui, o termo *mecanismo* é empregado no sentido de “processo de funcionamento”, e não para designar a categoria da taxonomia de Halliday (1985) na qual se encontra o encaixamento.

⁷ Entende-se, por *porção de texto* (“*text span*”, no original), um intervalo linear do texto ininterrupto (MANN & THOMPSON, 1987a).

As funções globais das relações podem ser divididas em dois grandes grupos: a) funções que dizem respeito ao assunto, que têm como efeito levar o enunciatário a reconhecer a relação em questão; b) funções que dizem respeito à apresentação da relação, que têm como efeito aumentar a inclinação do enunciatário a agir de acordo com o conteúdo do núcleo, concordar com o conteúdo do núcleo, acreditar no conteúdo do núcleo ou aceitar o conteúdo do núcleo. A seguir, é apresentada a divisão das relações, por grupo:

- Assunto: elaboração, circunstância, solução, causa volitiva, resultado volitivo, causa não volitiva, resultado não volitivo, propósito, condição, senão, interpretação, meio, avaliação, reafirmação, resumo, seqüência, contraste;
- Apresentação: motivação, antítese, *background*, competência, evidência, justificativa, concessão, preparação.

Com base na organização, as relações podem ser divididas em dois tipos:

- Relações núcleo-satélite: uma porção do texto (satélite) é ancilar da outra (núcleo), como na figura 2.1, no qual um arco vai da porção que serve de subsídio para a porção que funciona como núcleo;
- Relações multinucleares: uma porção do texto não é ancilar da outra, sendo cada porção um núcleo distinto, como na figura 2.2.

Figura 2.1 - Esquema de relação núcleo-satélite

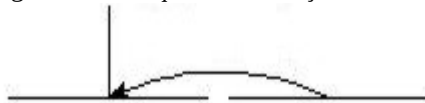
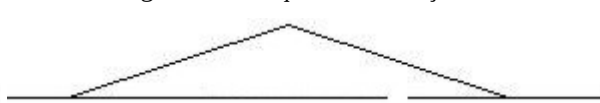
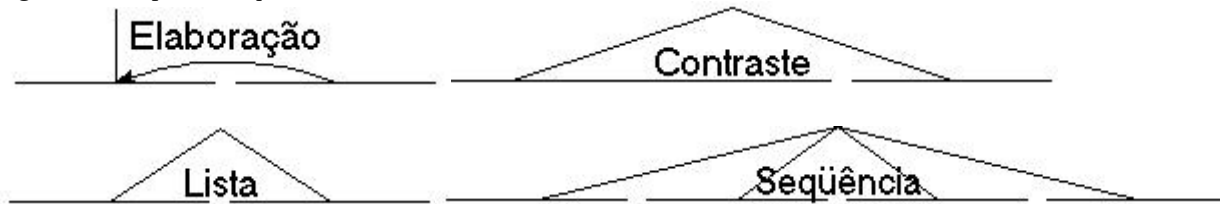


Figura 2.2 - Esquema de relação multinuclear



Os esquemas são padrões pré-definidos que especificam de que modo porções do texto se relacionam para formar porções maiores ou todo um texto. Na figura 2.3, podem ser observados os quatro tipos de esquemas possíveis na Teoria da Estrutura Retórica.

Figura 2.3 - Tipos de esquemas utilizados na Teoria da Estrutura Retórica



As curvas representam as relações estabelecidas, as linhas horizontais representam as porções de texto e as linhas verticais representam os núcleos. A maioria das relações tem apenas um núcleo, e o esquema será como o esquema de elaboração. Algumas relações têm mais de um núcleo, como a de contraste (dois núcleos), lista (vários) e sequência (vários).

Em sua aplicação a um texto, os esquemas não precisam seguir exatamente os padrões pré-estabelecidos, podendo haver algumas variações, seguindo-se as seguintes convenções:

- (i) a ordem em que aparecem o núcleo e o satélite não é fixa;
- (ii) em esquemas multi-relacionais, as relações individuais são opcionais, mas pelo menos uma das relações deve ser estabelecida;
- (iii) uma relação que faz parte de um esquema pode ser aplicada quantas vezes ela for necessária na aplicação do esquema.

A estrutura retórica de um texto, representada por um diagrama arbóreo, é definida pelas redes de relações que se estabelecem entre porções de texto sucessivamente maiores. Segundo Mann e Thompson (1987a, 1987b), a estrutura retórica é funcional, pois leva em conta como o texto produz um efeito sobre o enunciatário, ou seja, toma como base as funções que as porções do texto assumem para que o texto atinja o objetivo global para o qual foi produzido.

CAPÍTULO 3 – METODOLOGIA

Neste capítulo, dividido em 4 itens, serão examinados os procedimentos metodológicos utilizados nesta pesquisa. A primeira parte trata da coleta dos dados. São apresentados a justificativa para a escolha do vídeo exibido para os informantes, os cuidados utilizados na coleta e os grupos de informantes. O segundo item trata dos critérios utilizados na transcrição nas narrativas orais. No terceiro item, apresentam-se as unidades utilizadas na análise dos dados do *corpus*. Por último, no quarto item, apresentam-se as ferramentas computacionais utilizadas na pesquisa.

3.1 Coleta dos dados

Foram adotados alguns critérios para a coleta dos dados para que se evitasse ao máximo o risco de diferenças nos resultados causados por discrepâncias no *corpus*. Para que os textos de todos os informantes fossem sobre um mesmo assunto e fossem semelhantes em aspectos como extensão, conteúdo, etc., decidiu-se que a coleta dos dados seria feita a partir da exibição de um vídeo com uma história que seria recontada pelos sujeitos da pesquisa. A opção pela narrativa proveio do fato de que, para a produção desse tipo de texto, o filme serviria como um *script* a ser seguido pelos informantes, o que permitiria a obtenção de um *corpus* bastante homogêneo. Para se evitar que houvesse influência das falas do narrador ou de personagens sobre a maneira como os informantes formulariam linguisticamente a história, a solução foi procurar um filme mudo, cuja sequência de cenas fosse suficiente para a compreensão do enredo.

O vídeo escolhido foi “O pavão misterioso”, que se baseia em uma história do folclore nordestino de mesmo nome e que tem como personagens bonecos que representam seres humanos. Com duração de 9 minutos e 20 segundos, o enredo do filme se inicia com a

chegada do protagonista à cidade onde acontecerão os fatos. Após conhecer o local e instalar-se em um hotel, o rapaz vai a uma festa popular e conhece uma moça por quem se apaixona. Entretanto, o pai da moça proíbe o amor dos dois. O rapaz vai, então, a uma oficina e constrói uma aeronave em forma de pavão que utiliza para fugir da cidade com sua amada.

Logo após assistirem ao filme, os informantes contaram a história oralmente, que foi gravada em fitas K-7. Em seguida, solicitou-se que a história fosse contada por escrito. Durante a redação, não foi permitido aos informantes ouvir a fita que haviam gravado, para que não houvesse influência do oral sobre o escrito.

O *corpus* da pesquisa é constituído por 60 narrativas, sendo 30 orais e 30 escritas. Essas narrativas foram produzidas por três grupos de dez informantes cada, pertencentes a diferentes níveis de ensino, a saber, Ensino Superior, Ensino Médio e Ensino Fundamental.

A primeira parte do *corpus* foi coletada em 1996, com alunos do primeiro ano do curso de Letras (período noturno) da Universidade Estadual de Londrina, Paraná, para pesquisa em nível de Mestrado (ANTONIO, 1998). As demais narrativas foram coletadas em 2001, em uma escola estadual do município de Sarandi, conurbado com Maringá, Paraná. Os informantes eram dez alunos da 5ª série do Ensino Fundamental e dez informantes da 1ª série do Ensino Médio. A inexistência de diferenças significativas nas normas lingüísticas das regiões de Londrina e de Maringá, distantes noventa quilômetros entre si bem como a diferença de apenas cinco anos entre a coleta da primeira parte e da segunda parte do *corpus* permitem dizer que fatores geográficos ou diacrônicos não irão influenciar os resultados da pesquisa.

3.2 Transcrição

As narrativas orais foram transcritas alfabeticamente, seguindo-se um padrão baseado nas normas do projeto NURC (PRETI 1993, 11-12) com algumas adaptações (ver

ANEXO A).

As narrativas escritas, por sua vez, foram reproduzidas exatamente como foram entregues pelos informantes, sem qualquer correção.

As narrativas do *corpus* se encontram no ANEXO C.

3.3 Segmentação e unidades de análise

Na transcrição, as narrativas orais do *corpus* foram segmentadas em unidades de entoação (CHAFE, 1988 – ver item 2.2.2), com base nos critérios entoação, pausa e estrutura interna.

No nível textual, foram considerados, durante a codificação dos dados, em todas as narrativas, os seis tópicos mais importantes do vídeo, apresentados a seguir. O conceito de tópico utilizado aqui baseia-se em Jubran et al (1992, p. 361):

Tomado no sentido geral de ‘acerca de’ o tópico manifesta-se (...) mediante enunciados formulados pelos interlocutores a respeito de um conjunto de referentes explícitos ou inferíveis, concernentes entre si e em relevância num determinado ponto da mensagem.

Os tópicos são os seguintes:

- (1) chegada do rapaz à cidade;
- (2) andanças do rapaz pela cidade;
- (3) encontro do casal e separação após a chegada do pai;
- (4) entrada do rapaz na casa e sua expulsão;
- (5) plano de fuga;
- (6) fuga.

Foi considerada, também, durante a codificação dos dados, em todas as narrativas, a estrutura da narrativa proposta por Labov e Waletzky (1967). Esses autores distinguem cinco partes na análise funcional que fazem da estrutura da narrativa:

- (1) orientação: essa parte fornece ao leitor/ouvinte informações sobre o pano de fundo da narrativa, tais como personagens, lugar, tempo, situação;
- (2) complicação: é a parte essencial da narrativa; traz os eventos que complicam as ações;
- (3) avaliação: é a parte da narrativa que revela a atitude do narrador em relação à narrativa;
- (4) resolução: apresenta a solução para os eventos que complicam a ação;
- (5) coda: é uma parte adicional à resolução que retorna a perspectiva verbal para o momento presente.

3.4 Ferramentas computacionais utilizadas no tratamento dos dados

Dois programas foram utilizados para a realização deste trabalho, um para a quantificação dos dados relativos à combinação de orações e outro para a elaboração dos diagramas da estrutura retórica dos textos. Nos itens a seguir, serão relatadas, respectivamente, as aplicações desses programas ao trabalho.

3.4.1 Systemic Coder

Para a quantificação dos dados relativos à combinação de orações, foi utilizado o programa Systemic Coder, versão 4.5. Desenvolvido por Mick O'Donnel e disponível para *download* no site www.wagsoft.com, o programa facilita a codificação de dados, permitindo ao usuário criar uma rede sistêmica hierárquica de traços lingüísticos. Após a segmentação dos dados a serem analisados, cada segmento é apresentado ao usuário, que seleciona na tela do computador os traços pertinentes àquele segmento. Ao final, os dados são apresentados estatisticamente, podendo ser cruzados ou exportados para outros programas estatísticos.

O Systemic Coder apresenta algumas vantagens sobre o pacote de programas

Varbrul, muito utilizado na codificação de dados em pesquisas lingüísticas. Em primeiro lugar, o Systemic Coder dispensa a digitação de extensas cadeias de dados que devem ser processados por uma seqüência de programas até que seja obtido o resultado final. Em segundo lugar, o Varbrul foi desenvolvido para pesquisas sociolingüísticas variacionistas. Assim, os trabalhos que utilizam esse pacote de programas apenas para codificação de dados têm de utilizar toda uma terminologia variacionista alheia ao trabalho (como variáveis dependentes, variáveis independentes, peso relativo, etc), que acaba sendo descartada depois. O Systemic Coder, por sua vez, parte do pressuposto de que os elementos lingüísticos estão linearmente colocados.

O esquema sistêmico criado para a análise dos dados deste trabalho apresenta um número muito grande de subdivisões, motivo pelo qual é impossível a sua representação em apenas uma página. Por isso, os sistemas e subsistemas serão apresentados individualmente.

Dois sistemas estão no primeiro nível da hierarquia: *tipo de oração* e *parte da narrativa*. No subsistema *tipo de oração*, foram considerados os tipos de oração *independente*, *paratática*, *hipotática* e *encaixada*. Embora se reconheça que não existem orações independentes do contexto em que estão inseridas, este rótulo está sendo utilizado para as orações que não fazem parte de um complexo oracional (HALLIDAY, 1985 – ver item 2.4). No subsistema *parte da narrativa*, são consideradas as partes da narrativa *chegada do rapaz*, *andanças do rapaz pela cidade*, *encontro do casal* e *separação após a chegada do pai*, *entrada do rapaz na casa* e *sua expulsão*, *plano de fuga*, *fuga*.

Uma vez selecionado o tipo de oração a que pertence o segmento em questão, passa-se aos traços específicos de cada tipo de oração. Deve-se observar que o sistema *parte da narrativa* não contém outros subsistemas.

Um subsistema que está presente em todos os tipos de orações é o *tipo de predicado*. Foram considerados, na pesquisa, *predicados indicativos de ação*, *predicados*

indicativos de processo e predicados indicativos de situação.

Seis subsistemas são comuns às orações paratáticas e às orações hipotáticas. São eles *subtipo de oração, identidade do sujeito, identidade do tópico, tipo de sujeito quanto à manifestação, manifestação da oração e tipo de juntivo*.

No subsistema *subtipo de oração*, as orações paratáticas são subdivididas em *aditivas, adversativas e alternativas*. As orações hipotáticas são subdivididas em *temporais, causais, condicionais, concessivas, finais, comparativas, consecutivas, conformativas, proporcionais, modais*.

O subsistema *identidade do sujeito*, no caso das orações paratáticas, tem por finalidade verificar se o sujeito da oração analisada é o mesmo da cadeia na qual a oração está inserida. No caso das orações hipotáticas, verifica-se se o sujeito da oração hipotática é o mesmo da oração-núcleo.

De forma semelhante, o subsistema *identidade do tópico*, no caso das orações paratáticas, tem por finalidade verificar se o tópico da oração analisada é o mesmo da cadeia na qual a oração está inserida. No caso das orações hipotáticas, verifica-se se o tópico da oração hipotática é o mesmo da oração-núcleo.

No subsistema *tipo de sujeito quanto à manifestação*, verifica-se a realização morfológica do sujeito, que pode ser *lexical, pronominal, elíptico* ou *oracional*.

O subsistema *manifestação da oração* tem por função investigar a realização morfológica do verbo da oração analisada, ou seja, se é uma forma verbal *finita* ou *não-finita*. Sendo a oração não-finita (reduzida), por meio do subsistema *forma verbal* verifica-se se a oração é reduzida de *gerúndio*, de *infinitivo* ou de *particípio*.

O subsistema *tipo de juntivo* tem por finalidade verificar, em cada tipo de oração, quais os juntivos empregados pelos informantes. Foram incluídas, nesse subsistema, opções de codificação para as orações que não apresentam juntivos. No caso das orações paratáticas,

além da possibilidade da forma não-finita do verbo, as orações podem estar justapostas ou a oração analisada pode ser a primeira de uma cadeia de orações e, por isso, não apresentar juntivo. No caso das orações hipotáticas, a forma não-finita do verbo pode explicar o não-emprego do juntivo.

Outros quatro subsistemas são aplicados apenas às orações hipotáticas: *presença de verbo modal*, *tipo de oração-núcleo*, *ordem da oração hipotática em relação à oração-núcleo* e *estatuto informacional da oração hipotática*.

No subsistema *presença de verbo modal*, procura-se investigar que tipos de orações hipotáticas são modalizados pelos informantes. A modalização por meio de verbo modal ocorre no primeiro nível da constituição interna da oração, o da predicação, e, por isso, é denominada inerente (NEVES, 1999-2000).

No subsistema *tipo de oração-núcleo*, procura-se verificar que tipo de oração funciona como núcleo da oração hipotática: *oração independente*, *oração paratática*, *oração hipotática*, *oração encaixada*. Quando uma oração hipotática tem como oração-núcleo uma outra oração hipotática ou uma oração encaixada, há uma maior complexidade no interior do complexo oracional, uma vez que a oração-núcleo também já está ligada a outra oração.

O subsistema *ordem da oração hipotática em relação à oração-núcleo* tem por função verificar a posição em que a oração hipotática ocorre: *anteposta*, *posposta* ou *intercalada*. Como aponta Givón (1990; 1993) – ver item 2.4 -, as orações hipotáticas podem apresentar funções pragmáticas diferentes, de acordo com a posição que assumem em relação à oração-núcleo.

O subsistema *estatuto informacional da oração hipotática* trata de um importante parâmetro pragmático no estudo funcional da língua: o estado de ativação da informação.

Os três estados de ativação apontados por Chafe (1980; 1985; 1987; 1988; 1992; 1994) – ativo, semi-ativo e inativo – não se aplicam a todos os elementos de uma unidade de

entoação, mas aos sintagmas nominais, sintagmas verbais e sintagmas adjetivos que codificam as idéias - chamadas por ele de *conceitos* - que as pessoas têm sobre objetos, eventos, propriedades, etc.

Um conceito ativo é o que está no foco de consciência do falante e que este julga estar também ativo para o ouvinte. Geralmente é verbalizado com pouca proeminência tônica e vem representado por pronominalização ou zero. A expressão *conceito ativo* corresponderia, na terminologia tradicionalmente utilizada, à expressão *informação dada*.

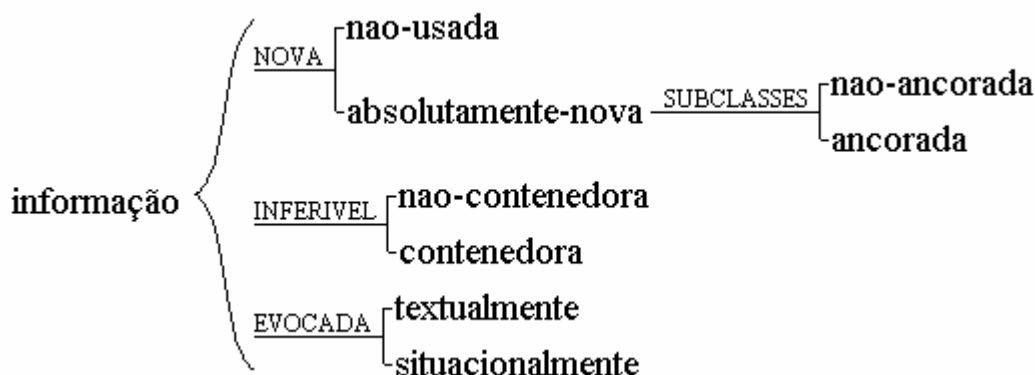
Um conceito semi-ativo, por sua vez, é o que está na consciência periférica do falante, que tem um conhecimento prévio dele, mas não o está focalizando diretamente. Um conceito pode tornar-se semi-ativo de duas formas. Primeiramente, quando um conceito está ativo e depois sai do foco de consciência da pessoa, ele não vai direto para o estado inativo; durante algum tempo, ainda permanece no estado semi-ativo. Esse é o caso de conceitos já mencionados em um determinado ponto do discurso, que só irão para o estado inativo se não forem mencionados novamente. A outra forma são os esquemas e *frames*⁸. Quando se evoca um esquema ou um *frame*, tudo que está relacionado a ele entra no estado semi-ativo. Os conceitos semi-ativos representam uma nova categoria na antiga oposição *informação nova* x *informação dada*. A expressão *informação acessível* pode ser utilizada para designar os conceitos semi-ativos.

Um conceito inativo é um conceito que está na memória de longo termo da pessoa, mas que não está sendo focalizado diretamente, nem está semi-ativo por ter sido mencionado anteriormente no discurso ou poder ser evocado por um esquema. Para ser ativado, um conceito inativo exige mais esforço cognitivo do que um conceito semi-ativo, o que acaba ocasionando as pausas entre as unidades de entoação. Na terminologia tradicional, a expressão *conceito inativo* corresponde à expressão *informação nova*.

⁸ Apesar de o termo *frame* poder ser traduzido por moldura, optou-se pela manutenção do original em inglês devido à sua ampla divulgação na literatura lingüística de língua portuguesa, como Fávero (1991), Koch e Travaglia (1990), Marcuschi (1983).

Uma dificuldade encontrada na aplicação da proposta de Chafe, que tem embasamento cognitivista, diz respeito ao fato de que quem analisa um texto não pode “entrar na cabeça” dos interlocutores para julgar o que está ativo, semi-ativo ou inativo. Mas uma outra proposta tem encontrado bastante respaldo no meio funcionalista. Trata-se do tratamento dado por Prince (1981) à questão do fluxo de informação. Embora utilize uma taxonomia diferente para denominar o estatuto informacional, como pode ser observado na figura 3.1, no modelo de Prince, a definição do estatuto informacional das entidades do discurso é feita textualmente, ou seja, um elemento será considerado novo quando for mencionado pela primeira vez no texto, será considerado evocado quando for retomado, e será considerado inferível quando fizer parte de um modelo cognitivo como um *frame* ou um esquema.

Figura 3.1 – Diagrama da taxonomia de Prince



Neste trabalho, quando se tratar de estatuto informacional, a definição será feita textualmente, como no modelo de Prince, mas será mantida a terminologia mais difundida – *informação nova*, *informação dada*, *informação acessível* –, uma vez que, para os propósitos deste trabalho, não haverá necessidade de um refinamento tão grande como o proposto por Prince.

Outros três subsistemas são empregados na codificação de alguns tipos de orações hipotáticas: *domínio de interpretação semântica*, *subtipo* e *elipse de membro*.

O subsistema *domínio de interpretação semântica* é verificado em três tipos de orações hipotáticas (causais, condicionais e concessivas). Sweetser (1990) postula a existência de três níveis ou camadas de análise: domínio do conteúdo, domínio epistêmico e domínio dos atos de fala. No caso das construções causais, a investigação dos domínios de interpretação permite que se explique por que a tradição gramatical distingue “orações subordinadas adverbiais causais” e “orações coordenadas explicativas”. No caso das construções concessivas, o estudo dos domínios de interpretação semântica permite que se explique a função argumentativa dessas construções do ponto de vista pragmático. No caso das orações condicionais, a investigação dos domínios de interpretação semântica permite distinguir três tipos de relações condicionais: entre eventos/estados de coisas, entre conhecimentos, entre atos de fala.

O subsistema *subtipo* é encontrado em quatro tipos de orações hipotáticas (condicionais, concessivas, finais e comparativas).

As orações condicionais e as orações concessivas são subdivididas em factuais (reais), contrafactuais (irreais) e eventuais (potenciais).

As orações finais são subdivididas, de acordo com seu escopo, com base em Dias (2001), em hipotáticas canônicas, hipotáticas discursivas, parentéticas e de adendo. Se uma oração final tem como escopo uma oração-núcleo, trata-se de uma oração hipotática adverbial final, que pode ser canônica ou discursiva (DIAS, 2001). No primeiro caso, indica o fim ou o propósito de um sujeito predominantemente agentivo e controlador, expresso na oração-núcleo. No segundo caso, a oração hipotática adverbial final prioriza a função discursiva, salientando uma porção de informação do material que a antecede, e articulando essa porção de informação com o material que a sucede. Exerce, assim, função de tópico, constituindo informação dada.

Se o escopo da oração final é o próprio processo de interação comunicativa que se esteja realizando, a oração é de finalidade parentética ou de adendo (DIAS, 2001). As orações finais de adendo acrescentam informação adicional como resultado de uma incitação conversacional ou como informação adicional em longos turnos de fala. As orações finais parentéticas ocorrem quando o produtor do texto se desvincula momentaneamente do tópico que vinha desenvolvendo e acrescenta alguma informação relevante sobre algum elemento utilizado, voltando em seguida ao tópico que estava desenvolvendo. As orações finais parentéticas e as orações finais de adendo, segundo Dias (2001), não se incluem na hipotaxe.

As construções comparativas são subdivididas em correlativas e não-correlativas. Como aponta Neves (2000), as orações comparativas correlativas apresentam, na oração-núcleo, a intensificação de um processo, de uma qualidade ou de uma circunstância. Uma outra possibilidade é apresentarem, na oração-núcleo, um termo destacado, por meio de marca formal, para um cotejo. Por outro lado, as construções comparativas não-correlativas não têm, na oração-núcleo nenhum elemento marcado por quantificação relativa e a oração comparativa estabelece comparação de igualdade. As orações comparativas apresentam, ainda, um outro subsistema: *tipo de relação da construção comparativa*, que pode ser de igualdade ou de desigualdade. Se a relação for de desigualdade, há um outro subsistema, *tipo de desigualdade*, que pode ser de superioridade ou de inferioridade.

Algumas orações hipotáticas (condicionais e comparativas) podem apresentar a elipse de um dos membros, motivo pelo qual foi utilizado o subsistema *elipse de membro*. No caso das orações condicionais, a elipse pode ser apenas da oração-núcleo. No caso das construções comparativas, a elipse pode ser do primeiro ou do segundo membro da comparação.

Por último, o subsistema *matriz da oração encaixada* procura investigar a que tipo de oração serve como matriz da oração encaixada: oração independente, oração

paratática, oração hipotática, oração encaixada. Se a oração-matriz for uma oração hipotática ou outra oração encaixada, há uma maior complexidade no interior do complexo oracional, uma vez que a oração-matriz também está ligada a outra oração.

3.4.2 RSTTool

Para a elaboração dos diagramas da estrutura retórica dos textos do *corpus* (ver ANEXO D), foi utilizado o programa RSTTool, versão 3.11, de Mick O'Donnel, disponível para *download* no *site* www.wagsoft.com. O programa foi desenvolvido especialmente com a finalidade de facilitar a diagramação da estrutura retórica de textos. Criam-se duas listas de relações, as multinucleares e as do tipo núcleo-satélite. Então, segmenta-se o texto cujo diagrama será elaborado e traçam-se os esquemas que representam os tipos de relações entre as porções de texto, designando-se, em seguida, as relações. Os diagramas da estrutura retórica dos sessenta textos do *corpus*, feitos com o auxílio da ferramenta RSTTool, podem ser encontrados no ANEXO D (segundo volume deste trabalho).

CAPÍTULO 4 – ANÁLISE DA ESTRUTURA RETÓRICA DAS NARRATIVAS DO *CORPUS*

Este capítulo, dividido em seis partes, trata da estrutura retórica no *corpus* de narrativas do trabalho. Nele se indicam hipóteses para os dados obtidos a partir da análise da estrutura retórica dos textos do *corpus*. O diagrama da estrutura retórica de cada texto do *corpus* pode ser encontrado no ANEXO D (segundo volume deste trabalho).

Na primeira e na segunda partes, são apresentadas, respectivamente, as relações multinucleares e as relações núcleo-satélite encontradas no *corpus*. As definições das relações, de acordo a Teoria da Estrutura Retórica do Texto, são apresentadas no ANEXO B. As relações núcleo-satélite são subdivididas em dois grupos, de acordo com sua função global no texto: as que dizem respeito ao assunto e as que dizem respeito à apresentação da relação. Na terceira parte do capítulo, explica-se como foi feita a identificação das relações nas narrativas do *corpus*. No quarto item do capítulo, expõe-se como foram delimitadas as seqüências de orações nas narrativas do *corpus*. O modelo de estrutura retórica encontrado nas narrativas do *corpus* é o tema da quinta seção do capítulo. Por último, no sexto item, são apresentadas algumas conclusões sobre o funcionamento da estrutura retórica no *corpus*.

4.1 Relações multinucleares

As relações multinucleares são as que ocorrem com maior freqüência no *corpus*, como pode ser observado no quadro 4.1.

Quadro 4.1 – Freqüência de ocorrência das relações multinucleares e diferença oral/escrita

		Relações multinucleares		Diferença oral/escrita	
		N/total de relações	%	N	%
Ensino Superior	oral	606/762	79,52%	185	5,92%
	escrita	421/572	73,60%		
Ensino Médio	oral	502/634	79,17%	109	4,88%
	escrita	393/529	74,29%		

Ensino Fundamental	oral	515/692	74,42%	163	1,4%
	escrita	352/482	73,02%		

Observa-se também, pelo quadro, que, na modalidade oral, a frequência de ocorrência das relações multinucleares é mais alta do que na modalidade escrita. Isso se deve ao fato de os processos de falar e de escrever serem diferentes. Na escrita, dispõe-se de mais tempo do que na fala para o “empacotamento” da informação (CHAFE, 1985; 1992 - ver item 2.2.2). Além disso, o falante nunca perde de vista que seu texto tem de chegar a uma interpretação que seja a mais próxima possível da intenção que governou a produção, e ele sabe que as condições de interpretação são diferentes nas duas modalidades de língua: o trabalho de recriação do texto escrito permite uma visão global e controlada, ao passo que o trabalho de recriação de um texto oral é feito simultaneamente com a recepção. Dessa forma, pela própria consideração do modelo de interação verbal (DIK, 1989) pode-se compreender que, na modalidade oral, ficam favorecidas as relações multinucleares, as que se estabelecem em um mesmo nível, ou seja, de forma menos complexa do que as relações núcleo-satélite, cujos elementos estabelecem hierarquias. Tome-se como exemplo a comparação dos diagramas das figuras a seguir. O primeiro, encontrado na narrativa EF5 oral, representa uma relação multinuclear, na qual os elementos são núcleos e, portanto, encontram-se em um mesmo nível. O segundo exemplo, encontrado na narrativa ES6 escrita, representa relações núcleo-satélite, nas quais os elementos estabelecem uma hierarquia.

Figura 4.1 – Relação multinuclear – elementos em um mesmo nível

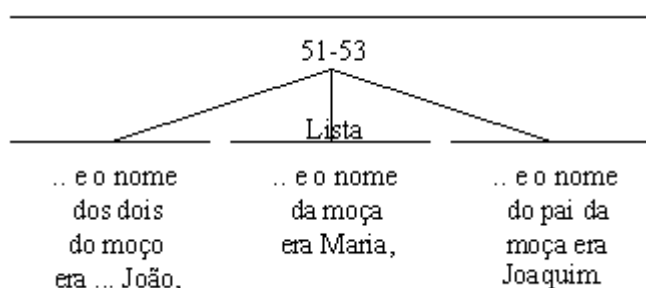
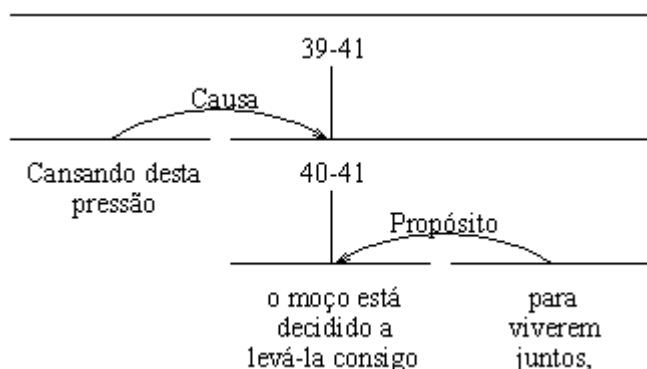


Figura 4.2 – Relação núcleo-satélite – hierarquia de elementos



Uma outra consideração importante que pode ser feita a partir da observação do quadro 4.1 diz respeito à diferenciação entre fala e escrita conforme os grupos de informantes. Nas narrativas produzidas pelos informantes do Ensino Fundamental, a diferença fala/escrita na frequência de ocorrência das relações multinucleares é de 1,4%; nas narrativas produzidas pelos informantes do Ensino Médio, a diferença é de 4,88%, e, nas narrativas produzidas pelos informantes do Ensino Superior, a diferença é de 5,92%. Conforme aumenta o grau de escolaridade, aumentam também as diferenças entre fala e escrita. Embora essa questão mereça melhor exame, pode-se supor que o aumento da escolaridade e, conseqüentemente, o aumento da exposição à língua escrita na escola, leva os alunos a produzir textos cada vez mais baseados no modelo de escrita apresentado na escola, produzindo-se, dessa forma, um maior distanciamento entre fala e escrita.

A seguir, serão apresentadas as três relações multinucleares encontradas no *corpus*, a saber, contraste, lista e seqüência. Será apresentada, também, a frequência de uso de cada uma dessas relações em ambas as modalidades de língua, nas narrativas produzidas pelos três grupos de informantes, para posterior avaliação.

4.1.1 Relação de contraste

Na relação de contraste, as porções de texto que formam os dois núcleos são entendidas como semelhantes em muitos aspectos, mas diferem em outros. No *corpus*, essa

relação de contraste é utilizada para contrastar ações ou situações.

Figura 4.3 – Relação de contraste - ações

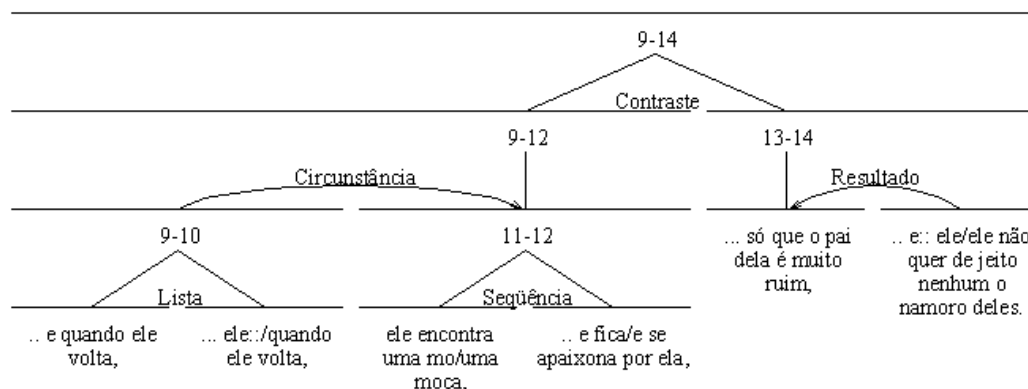
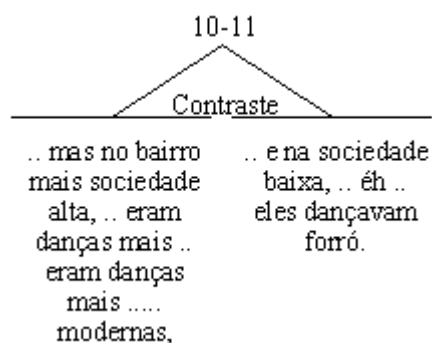


Figura 4.4 – Relação de contraste – situações



No exemplo da figura 4.3, encontrado na narrativa EM5 oral, observa-se o contraste entre a paixão do rapaz pela moça e a impossibilidade de namorá-la devido à não permissão do pai dela. No exemplo da figura 4.4, encontrado na narrativa EF6 oral, estabelece-se um contraste entre os tipos de danças encontradas na “sociedade alta” e os tipos de danças encontradas na “sociedade baixa”.

Nas narrativas escritas, a relação de contraste apresenta frequência mais alta do que nas narrativas orais, como pode ser observado no quadro 4.2. Novamente, pode-se dizer que a maior rapidez exigida na modalidade oral, que é planejada/recebida praticamente *on-line*, favorece o estabelecimento de relações que apenas justapõem elementos (CHAFE, 1985; 1992). Como a escrita disponibiliza mais tempo, pode-se empregar com maior frequência uma relação como a de contraste, que, por definição, envolve um maior número de operações, ou

seja, primeiramente comparam-se os elementos para que, em seguida, sejam levantadas as semelhanças e as diferenças entre eles.

Quadro 4.2 – Frequência de ocorrência da relação de contraste

		N/total de relações	%
Ensino Superior	oral	48/762	6,29%
	escrita	38/572	6,64%
Ensino Médio	oral	46/634	7,25%
	escrita	50/529	9,45%
Ensino Fundamental	oral	38/692	5,49%
	escrita	36/482	7,46%

4.1.2 Relação de lista

Na relação de lista, itens semelhantes são relacionados entre si. No *corpus*, a relação de lista é empregada para ligar, principalmente, ações mutuamente relacionadas, mas que não se sucedem temporalmente, como no exemplo da figura 4.5, encontrado na narrativa EF8 oral.

Figura 4.5 – Relação de lista



Como pode ser observado no quadro 4.3, a relação de lista tem frequência de ocorrência mais alta na modalidade oral do que na modalidade escrita. Esse resultado sugere que, devido à exigüidade de tempo e, conseqüentemente, à quase simultaneidade do planejamento e da produção, na fala, é mais fácil para o falante justapor elementos, porções de texto, etc., do que estabelecer relações em que um elemento é ancilar do outro (CHAFE, 1985; 1992). Supõe-se que o falante também leve em conta o fato de que o ouvinte terá de recriar o texto quase que concomitantemente com sua recepção, de forma que o uso de

relações que apenas justapõem elementos, porções de texto, etc. facilita o trabalho de “reconstrução de intenção” (DIK, 1989) de seu interlocutor.

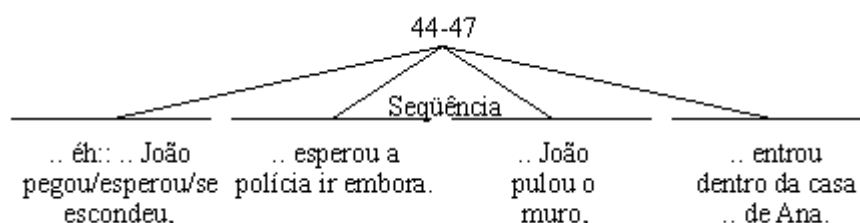
Quadro 4.3 – Frequência de ocorrência da relação de lista

		N/total de relações	%
Ensino Superior	oral	141/762	18,5%
	escrita	57/572	9,96%
Ensino Médio	oral	82/634	12,93%
	escrita	41/529	7,75%
Ensino Fundamental	oral	75/692	10,83%
	escrita	32/482	6,63%

4.1.3 Relação de seqüência

A relação de seqüência liga ações relacionadas entre si que se sucedem temporalmente, como pode ser observado no exemplo da figura 4.6, encontrado na narrativa EF7 oral.

Figura 4.6 – Relação de seqüência



Como a narrativa é um tipo de texto que supõe mudanças de estado e ações que se sucedem temporalmente, no *corpus* a relação de seqüência é a que apresenta maior frequência de uso, superior a 50% em ambas as modalidades, nas narrativas produzidas pelos três grupos de informantes. A frequência de ocorrência da relação de seqüência é apresentada no quadro 4.4.

Quadro 4.4 – Frequência de ocorrência da relação de seqüência

		N/total de relações	%
Ensino Superior	oral	417/762	54,72%
	escrita	332/572	58,04%
Ensino Médio	oral	374/634	58,99%
	escrita	308/529	58,22%
Ensino Fundamental	oral	402/692	50,09%

	escrita	284/482	58,92%
--	---------	---------	--------

4.2 Relações núcleo-satélite

As relações do tipo núcleo-satélite são divididas em dois grupos, de acordo com suas funções globais no texto (ver item 2.5): as que dizem respeito ao assunto e têm como efeito levar o enunciatário a reconhecer a relação em questão, e as que dizem respeito à apresentação da relação, que têm como efeito aumentar a inclinação do enunciatário para agir de acordo com a proposição do núcleo, concordar com o conteúdo do núcleo, acreditar no conteúdo do núcleo ou aceitar o conteúdo do núcleo. A apresentação das relações, nesta seção do trabalho, seguirá essa divisão.

No quadro 4.5, pode-se observar a frequência de ocorrência das relações núcleo-satélite, divididas de acordo com suas funções globais.

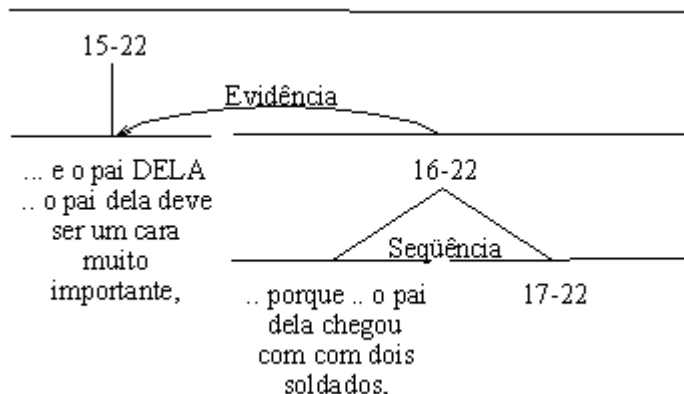
Quadro 4.5 – Frequência de ocorrência das relações núcleo-satélite, divididas de acordo com suas funções globais

		assunto		apresentação da relação	
		N/total de relações	%	N/total de relações	%
Ensino Superior	oral	143/762	18,76%	13/762	1,7%
	escrita	140/572	24,47%	11/572	1,92%
Ensino Médio	oral	118/634	18,61%	14/634	2,2%
	escrita	120/529	22,68%	10/529	1,89%
Ensino Fundamental	oral	163/692	23,55%	14/692	2,02%
	escrita	118/482	24,48%	12/482	2,48%

As relações que dizem respeito à apresentação da relação são as que apresentam frequência mais baixa, de 1,7% a 2,48%. Uma vez que o *corpus* é constituído de narrativas, tal resultado é presumível. É nossa hipótese que esse tipo de relação, que tem por função levar o ouvinte/leitor a agir de acordo com o conteúdo do núcleo, é mais comum em outros tipos de texto, como os textos argumentativos, os textos expositivos, os textos técnicos, etc. Tome-se como exemplo a figura 4.7, encontrada na narrativa EM3 oral. O objetivo da relação de

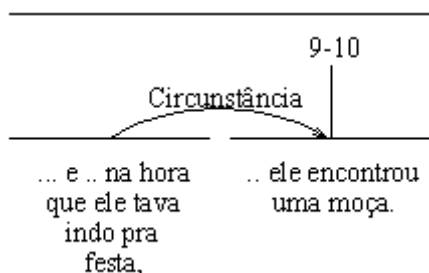
evidência em questão é levar o ouvinte/leitor a acreditar no conteúdo do núcleo, por meio da apresentação do conteúdo do satélite.

Figura 4.7 – Relação de evidência – leva o ouvinte/leitor a acreditar no conteúdo do núcleo



Por outro lado, as relações que dizem respeito ao assunto são típicas da narrativa, tipo de texto em que o produtor prende a atenção de seu interlocutor pelo enredo da história, ou seja, pelo assunto. Essa hipótese parece confirmada pelo fato de que essas relações, no *corpus* desta pesquisa, têm frequência mais alta: de 18,61% a 24,48%. Tome-se como exemplo a relação de circunstância exemplificada na figura 4.8, encontrada na mesma narrativa EM3 oral. O produtor do texto não tem por objetivo levar o ouvinte/leitor a concordar com o conteúdo do núcleo; seu objetivo é que seu interlocutor apenas reconheça a relação em questão.

Figura 4.8 – Relação de circunstância – reconhecimento da relação



4.2.1 Relações núcleo-satélite que dizem respeito ao assunto

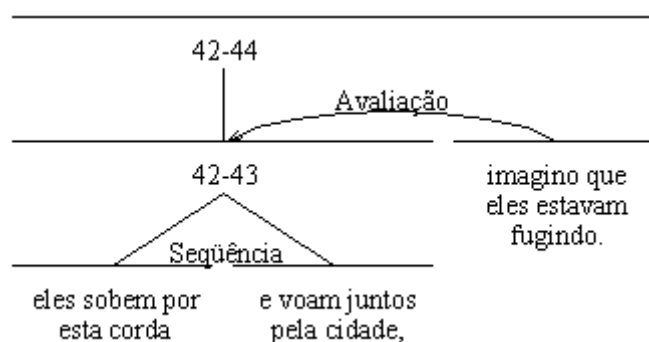
As relações núcleo-satélite do *corpus* que dizem respeito ao assunto são as

seguintes: avaliação, causa, circunstância, elaboração, meio, modo, propósito, resultado, resumo e solução. Essas relações serão apresentadas em ordem alfabética, com exceção das relações de causa e de resultado que, por estarem intimamente ligadas, serão apresentadas uma após a outra.

4.2.1.1 Relação de avaliação

Na relação de avaliação, a porção de texto que funciona como satélite traz um comentário avaliativo do produtor do texto sobre uma determinada situação expressa pela porção de texto que funciona como núcleo. No exemplo da figura 4.9, encontrado na narrativa EM3 escrita, a forma verbal “imagino” indica que o informante não tem certeza de que as ações realizadas pelos personagens constituem uma fuga.

Figura 4.9 – Relação de avaliação



Essa relação apresenta apenas três ocorrências no *corpus*, como pode ser observado no quadro 4.6. A porcentagem é de 0,26% nas narrativas orais dos informantes do Ensino Superior e de 0,18% nas narrativas escritas dos informantes do Ensino Médio. No que diz respeito à posição, em todas as ocorrências da relação de avaliação o satélite está posposto em relação ao núcleo, o que se explica pelo fato de que a avaliação é feita sobre um conteúdo já mencionado anteriormente.

Quadro 4.6 Frequência de ocorrência da relação de avaliação

		S^N		N^S		TOTAL	
		N/total	%	N/total	%	N/total de relações	%
Ensino Superior	oral	-	-	2/2	100%	2/762	0,26%

Ensino Médio	escrita	-	-	1/1	100%	1/529	0,18%
--------------	---------	---	---	-----	------	-------	-------

4.2.1.2 Relação de causa

Na relação de causa, a porção de texto que funciona como satélite traz uma ação ou uma situação que causou a ação ou situação encontrada no núcleo. No rol de relações da Teoria da Estrutura Retórica do Texto, há uma distinção entre causa volitiva (a ação é deliberada) e causa não-volitiva (a ação não é deliberada). Como a distinção entre ações deliberadas e ações não deliberadas não interessa aos objetivos desta pesquisa, decidiu-se não levar em conta essa distinção.

No *corpus*, a frequência de ocorrência da relação de causa é mais alta na modalidade escrita do que na modalidade oral, como pode ser observado no quadro 4.7. No que diz respeito à posição, nas narrativas dos informantes do Ensino Superior, há um certo equilíbrio entre relações estabelecidas com o satélite anteposto ao núcleo e relações estabelecidas com o satélite posposto ao núcleo. Nas narrativas escritas dos informantes do Ensino Médio, a frequência de relações de causa com satélite anteposto ao núcleo é mais do que o dobro da frequência de relações de causa com satélite posposto ao núcleo. Por outro lado, nas narrativas orais dos informantes do Ensino Médio e nas narrativas produzidas nas duas modalidades de língua pelos informantes do Ensino Fundamental, a frequência de relações de causa com o satélite posposto ao núcleo é bem mais alta do que a frequência de relações com o satélite anteposto ao núcleo.

Quadro 4.7 – Frequência de ocorrência da relação de causa

		S^N		N^S		TOTAL	
		N/total	%	N/total	%	N/total de relações	%
Ensino Superior	oral	5/11	45,4%%	6/11	54,5%%	11/762	1,44%
	escrita	6/12	50%	6/12	50%	12/572	2,09%
Ensino Médio	oral	4/11	36,4%	7/11	63,6%	11/634	1,73%
	escrita	9/14	64,3%	5/14	35,7%	14/529	2,64%
Ensino Fundamental	oral	2/9	22,2%	7/9	77,8%	9/692	1,3%
	escrita	3/8	37,5%	5/8	62,5%	8/482	1,65%

O fato de, na relação de causa, a ação ou situação causadora estar no satélite é que leva a essa diversidade nos resultados, no que diz respeito à frequência de satélites antepostos e à frequência de satélites pospostos ao núcleo. Quando a ação ou situação causadora está no satélite, a relação de causa é estabelecida a partir de orações hipotáticas adverbiais iniciadas por “como”, que demandam a anteposição do satélite e por juntivos como *pois*, que demandam a posposição do satélite. Também há juntivos como *já que*, *uma vez que*, que dão ao falante a liberdade de escolher a posição do satélite em relação ao núcleo (NEVES, 2000).

Na figura 4.10, apresenta-se um exemplo, encontrado na narrativa ES3 oral, no qual o satélite está anteposto ao núcleo. Na figura 4.11, o exemplo é encontrado na mesma narrativa, com a diferença de que o satélite está posposto ao núcleo. Na figura 4.12, o exemplo, encontrado na narrativa EM7 escrita, é de uma relação de causa estabelecida entre porções de texto maiores do que a oração.

Figura 4.10 – Relação de causa – satélite anteposto ao núcleo

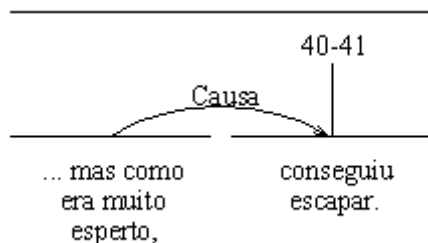


Figura 4.11 – Relação de causa – satélite posposto ao núcleo

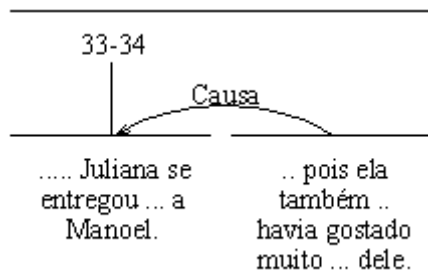
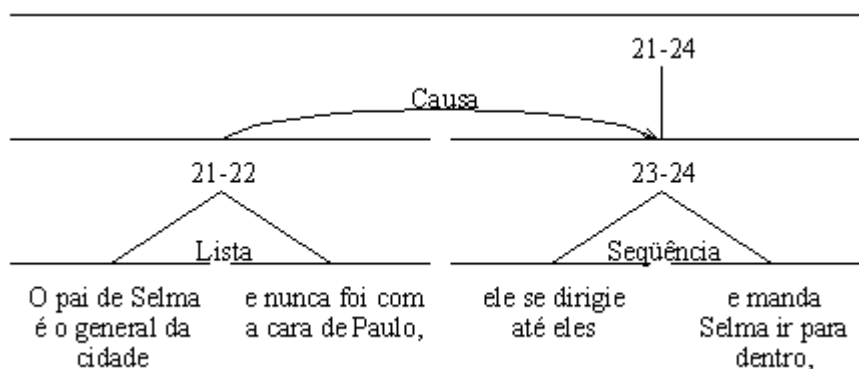


Figura 4.12 – Relação de causa estabelecida entre porções de texto maiores do que a oração



4.2.1.3 Relação de resultado

As relações de causa e de resultado estão intimamente ligadas, motivo pelo qual a relação de resultado está sendo apresentada logo após a relação de causa, desrespeitando-se a ordem alfabética em que vinham sendo apresentadas as relações. Em ambas as relações, uma ação ou situação causa outra ação ou situação. A diferença reside no fato de que, na relação de causa, a ação ou situação causadora está no satélite, ao passo que na relação de resultado, a ação ou situação causadora está no núcleo, sendo o satélite um resultado dessa ação⁹. Para realizar a distinção entre essas duas relações, cabe ao analista julgar qual porção de texto é a mais central para os propósitos do produtor do texto. Caso a situação causada seja mais central, a relação será de causa. Caso a situação ou ação causadora seja mais central, então a relação será de resultado.

Da mesma forma que a relação de causa, a relação de resultado também é subespecificada no rol de relações da Teoria da Estrutura Retórica do Texto em resultado volitivo e resultado não-volitivo. Como o fato de a ação que causa a outra ação ou situação ser deliberada, ou não, é irrelevante para os propósitos desta pesquisa, optou-se por não levar em conta essa distinção.

Assim como acontece com a relação de causa, nas narrativas de cada grupo de

⁹ Para Paiva (1991), estruturas desse tipo (dentre as quais estão as orações causais introduzidas por “então” estudadas por ela) são marcadas pelo princípio de temporalidade e estão de acordo com o princípio icônico de que efeitos seguem as suas causas.

informantes a frequência de ocorrência da relação de resultado é mais alta na modalidade escrita do que na modalidade oral, como pode ser observado no quadro 4.8. No que diz respeito à posição, em todas as ocorrências o satélite aparece posposto ao núcleo. O fato de a ação ou situação causadora estar no núcleo não permite o estabelecimento de relações de resultado a partir de orações hipotáticas adverbiais iniciadas por conjuntivos do tipo *como*.

Quadro 4.8 – Frequência de ocorrência da relação de resultado

		S^N		N^S		TOTAL	
		N/total	%	N/total	%	N/total de relações	%
Ensino Superior	oral	-	-	14/14	100%	14/762	1,8%
	escrita	-	-	16/16	100%	16/572	2,79%
Ensino Médio	oral	-	-	20/20	100%	20/634	3,15%
	escrita	-	-	17/17	100%	17/529	3,21%
Ensino Fundamental	oral	-	-	20/20	100%	20/692	2,89%
	escrita	-	-	23/23	100%	23/482	4,77%

Na figura 4.13, apresenta-se um exemplo da relação de resultado estabelecida entre orações (encontrado na narrativa EF4 escrita) e, na figura 4.14, encontra-se um exemplo da relação de resultado estabelecida entre porções de texto maiores do que a oração (encontrado na narrativa EM6 oral).

Figura 4.13 – Relação de resultado estabelecida entre orações

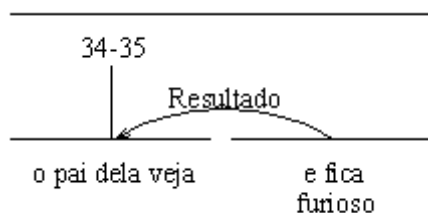
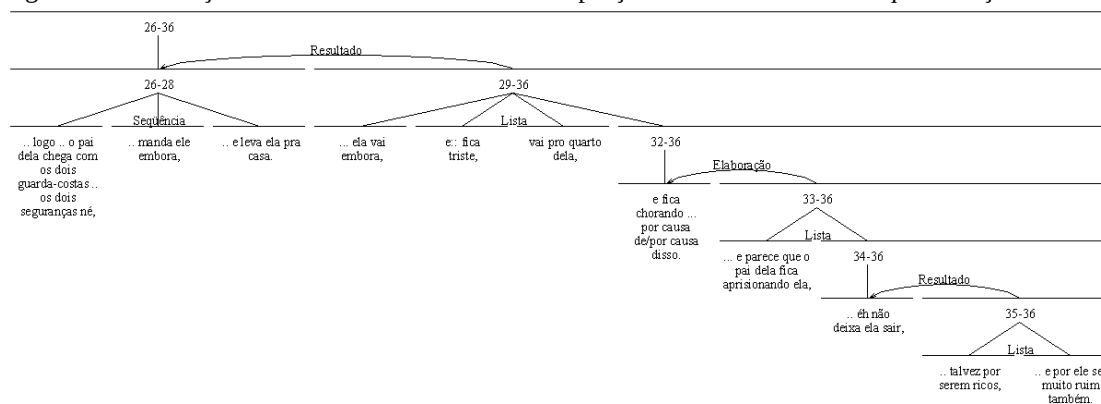


Figura 4.14 – Relação de resultado estabelecida entre porções de texto maiores do que a oração



4.2.1.4 Relação de circunstância

Na relação de circunstância, a porção de texto que funciona como satélite expressa o tempo ou o contexto de situação em que ocorrem os eventos ou idéias expressos pela porção de texto considerada nuclear.

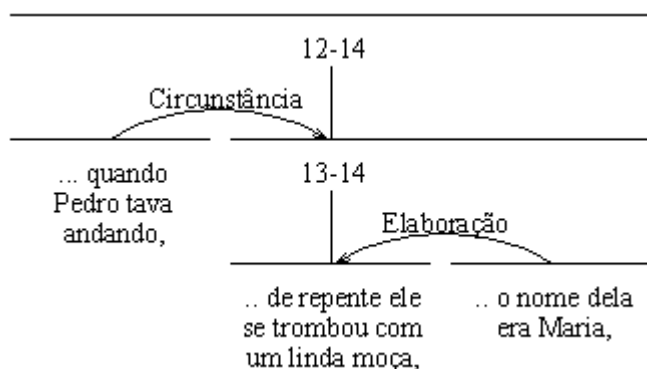
Das relações núcleo-satélite, a relação de circunstância é a que apresenta frequência de ocorrência mais alta, de 5,2% a 8,09%, nas narrativas dos diferentes grupos de informantes, nas modalidades de língua oral e escrita, como pode ser observado no quadro 4.9.

Quadro 4.9 – Frequência de ocorrência da relação de circunstância

		S^N		N^S		TOTAL	
		N/total	%	N/total	%	N/total de relações	%
Ensino Superior	oral	38/53	71,7%	15/53	28,3%	53/762	6,95%
	escrita	43/51	84,3%	8/51	15,7%	51/572	8,91%
Ensino Médio	oral	25/33	75,8%	8/33	24,2%	33/634	5,2%
	escrita	25/41	61%	16/41	39%	41/529	7,75%
Ensino Fundamental	oral	39/52	75%	13/52	25%	52/692	7,51%
	escrita	31/39	79,5%	8/39	20,5%	39/482	8,09%

A frequência de ocorrência dessa relação é mais alta na modalidade escrita do que na modalidade oral. No que diz respeito à posição, há uma maior frequência de relações em que o satélite está anteposto ao núcleo do que relações em que o satélite está posposto ao núcleo. Como a grande maioria das relações de circunstância é estabelecida a partir de orações hipotáticas adverbiais temporais, é presumível essa tendência à anteposição do satélite, uma vez que essas orações geralmente têm função de criar uma “moldura” para a oração-núcleo a que estão ligadas, como no exemplo da figura 4.15, encontrado na narrativa EF6 oral.

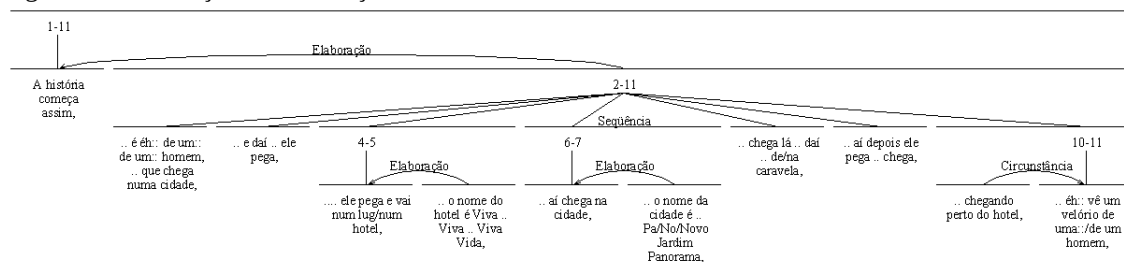
Figura 4.15 – Relação de circunstância



4.2.1.5 Relação de elaboração

Na relação de elaboração, a porção de texto que funciona como satélite traz informações adicionais àquelas apresentadas pela porção de texto que funciona como núcleo. A relação de elaboração, por ter um satélite que acrescenta informações sobre o núcleo, favorece a catáfora¹⁰, ou seja, um elemento do núcleo remete à explicação que é dada na porção de texto que forma o satélite. No exemplo da figura 4.16, encontrado na narrativa EF1 oral, o elemento *assim* refere-se cataforicamente a toda a porção de texto formada pelas unidades de 2 a 11, ou seja, as unidades de 2 a 11 explicam como se inicia a história.

Figura 4.16 – Relação de elaboração



A relação de elaboração é uma das relações núcleo-satélite que apresenta frequência de ocorrência mais alta, de 1,51% a 4,62%, como pode ser observado no quadro 4.10. No que diz respeito à posição, o satélite é sempre posposto ao núcleo, uma vez que os elementos do satélite devem explicar algo que foi dito anteriormente, no núcleo.

¹⁰ Mecanismo de coesão referencial pelo qual um item coesivo remete a um referente que está em posição posterior no texto (HALLIDAY & HASAN, 1976).

Quadro 4.10 – Frequência de ocorrência da relação de elaboração

		S^N		N^S		TOTAL	
		N/total	%	N/total	%	N/total de relações	%
Ensino Superior	oral	-	-	20/20	100%	20/762	2,62%
	escrita	-	-	16/16	100%	16/572	2,79%
Ensino Médio	oral	-	-	24/24	100%	24/634	3,78%
	escrita	-	-	8/8	100%	8/529	1,51%
Ensino Fundamental	oral	-	-	32/32	100%	32/692	4,62%
	escrita	-	-	15/15	100%	15/482	3,11%

No que diz respeito às modalidades de língua, nas narrativas dos informantes do Ensino Médio e do Ensino Fundamental a relação de elaboração tem frequência mais alta na modalidade oral do que na modalidade escrita. Nas narrativas dos informantes do Ensino Superior, ocorre o contrário: a frequência de ocorrência da relação de elaboração é maior na modalidade escrita do que na modalidade oral, mas a diferença é de apenas 0,17%. É interessante observar que, nas outras relações do tipo núcleo-satélite com distribuição regular de ocorrências apresentadas até aqui (causa, resultado, circunstância), a maior frequência de ocorrência da relação pode ser encontrada na modalidade escrita. É nossa hipótese, portanto, que, na fala, os informantes tenham sentido a necessidade, com maior frequência do que na escrita, de fornecer informações mais numerosas sobre conteúdos veiculados anteriormente, devido ao menor controle, na fala, sobre enunciados já produzidos (CHAFE, 1985; 1992). Ao acessar a informação pragmática de seu interlocutor (DIK, 1989), o falante procura acrescentar a quantidade de informação que ele julga necessária para que o ouvinte tenha as melhores condições possíveis para interpretar seu texto.

4.2.1.6 Relação de meio

Na relação de meio, a porção de texto que funciona como satélite apresenta um procedimento ou um instrumento que permite a realização da ação apresentada pela porção de texto que compõe o núcleo.

No exemplo da figura 4.17, o satélite apresenta o procedimento para entrar escondido na casa é aproveitar-se do descuido dos guardas. No exemplo da figura 4.18, o satélite apresenta o instrumento da fuga, o pavão. Ambos os exemplos foram extraídos da narrativa ES8 escrita.

Figura 4.17 - Relação de meio – método

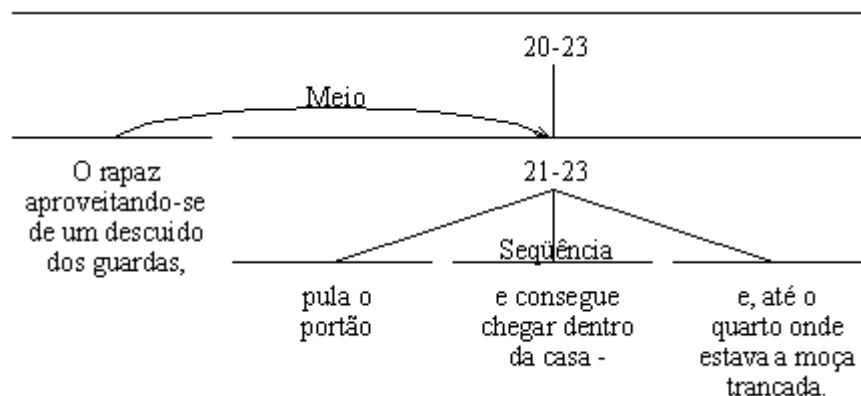
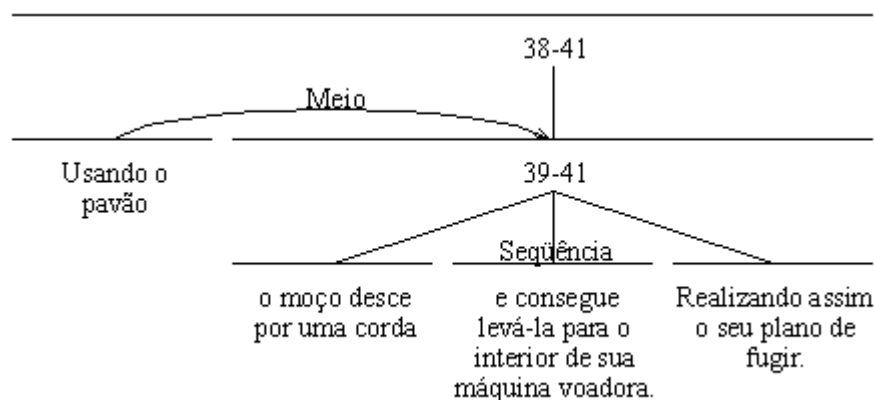


Figura 4.18 – Relação de meio – instrumento



No *corpus*, a relação de meio apresenta apenas nove ocorrências, sete delas nas narrativas dos informantes do Ensino Superior, como pode ser observado no quadro 4.11. No que diz respeito à posição, observa-se um certo equilíbrio entre relações nas quais o satélite é anteposto ao núcleo (55,5%) e relações nas quais o satélite é posposto ao núcleo (45,5%).

Quadro 4.11 – Frequência de ocorrência da relação de meio

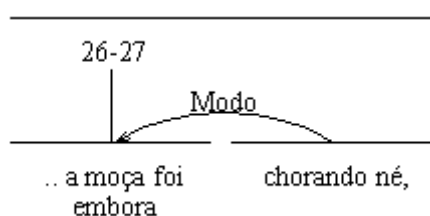
		S^N		N^S		TOTAL	
		N/total	%	N/total	%	N/total de relações	%
Ensino Superior	oral	-	-	2/2	100%	2/762	0,26%
	escrita	4/5	80%	1/5	20%	5/572	0,87%
Ensino Médio	escrita	1/1	100%	-	-	1/529	0,18%
Ensino Fundamental	oral	-	-	1/1	100%	1/692	0,14%

4.2.1.7 Relação de modo

A relação de modo não faz parte do rol de relações da Teoria da Estrutura Retórica do Texto. No entanto, como a lista de relações é aberta, permitindo a inclusão de relações de acordo com as necessidades de cada tipo de texto pesquisado, decidiu-se incluir essa relação que aparece com relativa frequência no *corpus*.

No exemplo da figura 4.19, encontrado na narrativa EM2 oral, pode-se observar que a porção de texto formada pelo satélite apresenta o modo como é realizada a ação expressa pela porção de texto que forma o núcleo.

Figura 4.19 – Relação de modo



A relação de modo apresenta a frequência mais alta de ocorrência nas narrativas dos informantes do Ensino Superior, e a mais baixa nas narrativas dos informantes do Ensino Fundamental, como pode ser observado no quadro 4.12. No que diz respeito à posição, 64% das relações são estabelecidas com o satélite posposto ao núcleo.

Quadro 4.12 – Frequência de ocorrência da relação de modo

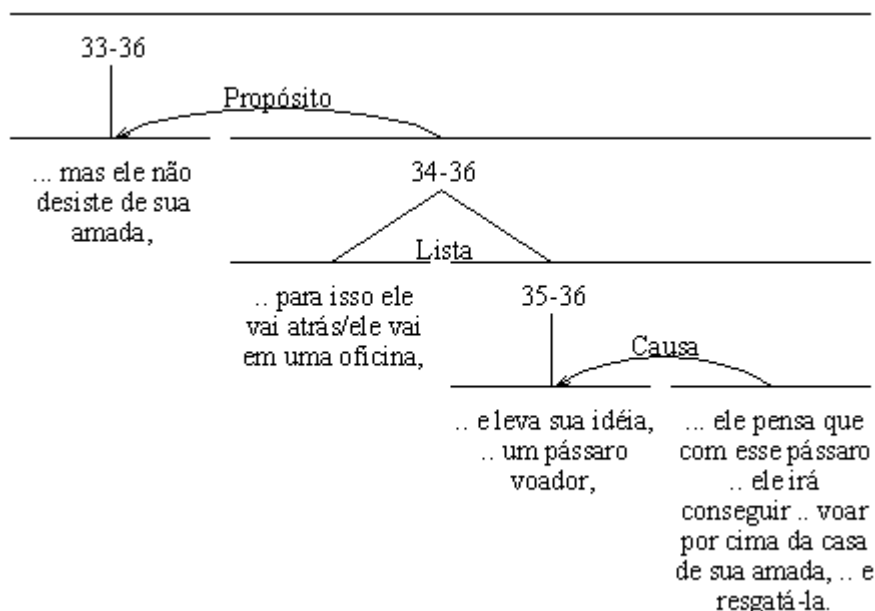
		S^N		N^S		TOTAL	
		N/total	%	N/total	%	N/total de relações	%
Ensino Superior	oral	6/10	60%	4/10	40%	10/762	1,31%
	escrita	5/13	38,5%	8/13	61,5%	13/572	2,27%
Ensino Médio	oral	2/7	28,6%	5/7	71,4%	7/634	1,1%
	escrita	-	-	3/3	100%	3/529	0,56%
Ensino Fundamental	oral	-	-	2/2	100%	2/692	0,28%
	escrita	-	-	1/1	100%	1/482	0,2%

4.2.1.8 Relação de propósito

Na relação de propósito, a porção de texto que forma o satélite é uma atividade

não realizada, mas que se pretende realizar, por meio da atividade expressa na porção de texto que forma o núcleo, como pode ser observado na figura 4.20, encontrado na narrativa EM10 oral.

Figura 4.20 – Relação de propósito



A mais alta frequência de ocorrência da relação de propósito é observada nas narrativas dos informantes do Ensino Fundamental e nas narrativas escritas dos informantes do Ensino Médio, como pode ser observado no quadro 4.13. Nessas narrativas, a frequência vai de 4,72% a 5,05%. Nas narrativas dos informantes do Ensino Superior e nas narrativas orais dos informantes do Ensino Médio, a frequência é bem mais baixa, indo de 2,05% a 2,79%.

No que diz respeito à posição, observa-se que na maioria das relações de propósito o satélite ocorre posposto ao núcleo. A frequência vai de 76% a 100%.

No tocante às modalidades de língua, nas narrativas dos informantes do Ensino Superior e do Ensino Médio a frequência de ocorrência da relação de propósito é maior na modalidade escrita do que na modalidade oral. O contrário ocorre nas narrativas dos informantes do Ensino Fundamental, em que a frequência de ocorrência da relação de propósito é 0,7% maior na modalidade oral do que na modalidade escrita. Portanto, com

exceção das narrativas dos informantes do Ensino Fundamental, a relação de propósito segue a mesma tendência encontrada nas relações de causa, de resultado e de circunstância, ou seja, apresenta maior frequência de ocorrência na modalidade escrita do que na modalidade oral. Nessas quatro relações, o número de ocorrências encontradas permite uma distribuição regular dos dados entre as modalidades de língua e entre os textos produzidos pelos diferentes grupos de informantes. A relação de elaboração, embora também apresente uma distribuição regular dos dados, tem um comportamento diferente, uma vez que os informantes optaram por acrescentar, com maior frequência na fala do que na escrita, informações a um conteúdo já veiculado.

Quadro 4.13 – Frequência de ocorrência da relação de propósito

		S^N		N^S		TOTAL	
		N/total	%	N/total	%	N/total de relações	%
Ensino Superior	oral	5/21	23,8%	16/21	76,2%	21/762	2,75%
	escrita	-	-	16/16	100%	16/572	2,79%
Ensino Médio	oral	3/13	23%	10/13	77%	13/634	2,05%
	escrita	6/25	24%	19/25	76%	25/529	4,72%
Ensino Fundamental	oral	3/35	8,6%	32/35	91,4%	35/692	5,05%
	escrita	2/21	9,5%	19/21	90,5%	21/482	4,35%

4.2.1.9 Relação de resumo

Na relação de resumo, a porção de texto que funciona como satélite reafirma o conteúdo do núcleo de forma mais curta.

No *corpus*, há apenas três ocorrências da relação de resumo, sendo todas elas encontradas na última unidade das narrativas de que fazem parte, de forma a resumir e encerrar a história. As três ocorrências são apresentadas a seguir:

- (i) “.. e assim começou um romance.” (EF3 oral)
- (ii) “E assim começou um lindo romance de João e Maria.” (EF3 escrita)
- (iii) “... essa é a história do pavão misterioso.” (EF4 oral)

4.2.1.10 Relação de solução

Na definição original da relação de solução elaborada na Teoria da Estrutura Retórica, a porção de texto que funciona como satélite apresenta um problema ou uma pergunta, e a porção de texto que compõe o núcleo apresenta a solução para o problema ou a resposta para a pergunta.

No *corpus*, todas as narrativas apresentam, no primeiro nível da estrutura retórica, uma grande porção de texto que apresenta uma solução para a complicação das ações apresentada na parte central da narrativa. Como a lista de relações da Teoria da Estrutura Retórica do Texto não é fechada, podendo-se fazer modificações de acordo com o tipo do texto pesquisado, optou-se pela mudança na definição (ver ANEXO B). Assim, o problema é apresentado na porção de texto que funciona como núcleo, e a solução é apresentada na porção de texto que funciona como satélite. Assim, *no corpus* há uma ocorrência da relação de solução em cada narrativa.

4.2.2 Relações núcleo-satélite que dizem respeito à apresentação da relação

As relações núcleo-satélite encontradas que dizem respeito à apresentação da relação são as seguintes: *background*, concessão, evidência, justificativa. A apresentação dessas relações será feita em ordem alfabética.

4.2.2.1 Relação de *background*

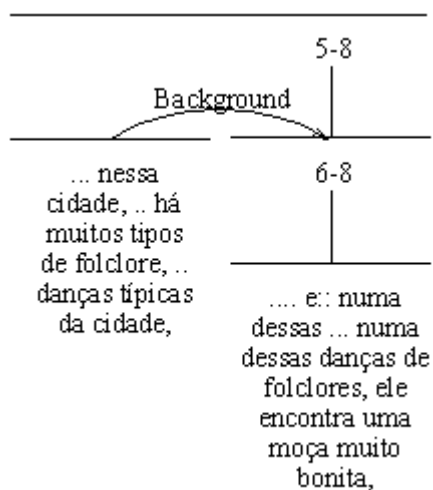
Na relação de *background*, a porção de texto que funciona como satélite facilita o entendimento da porção de texto considerada nuclear.

Nas narrativas do *corpus*, essa relação foi empregada de forma recorrente, em razão de características próprias de cada tipo de texto. Presente em todas as narrativas do

corpus, o uso dessa relação tem a finalidade de fornecer informações sobre o pano de fundo da narrativa, como tempo, lugar e personagens. Essas informações formam uma grande porção de texto no primeiro nível da estrutura retórica. Essa porção funciona como satélite para a porção principal do texto em que ocorre a complicação das ações da narrativa (AGUILERA & LEMOS, 1994). Essa questão será abordada com maior profundidade no item 4.5

Além desse emprego peculiar devido ao tipo de texto que se produz (que envolve posição fixa), a relação de *background* foi empregada mais oito vezes em outras posições do texto. Nesses oito casos, a função foi simplesmente a de facilitar o entendimento de uma porção nuclear de texto pela apresentação de uma outra porção de texto, como no exemplo da figura 4.21 a seguir, encontrado na narrativa EM1 oral.

Figura 4.21 – Relação de *background*



No exemplo, a oração que funciona como satélite traz a informação de que, na cidade onde se passa a narrativa, há muitos tipos de folclores e de danças. Essa informação facilita o entendimento da oração que funciona como núcleo.

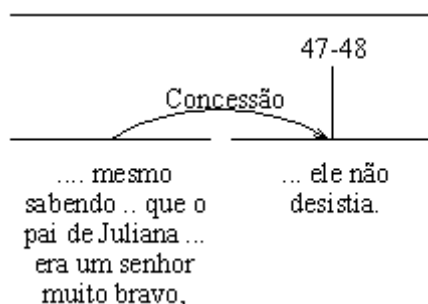
4.2.2.2 Relação de concessão

Na relação de concessão, a porção que funciona como satélite apresenta uma

situação que é aparentemente inconsistente, mas que, mesmo assim, é afirmada pelo produtor do texto.

No *corpus* foram encontradas apenas três ocorrências dessa relação, todas elas em narrativas orais dos informantes do Ensino Superior. Na figura 4.22, apresenta-se uma dessas ocorrências, encontrada na narrativa ES3 oral.

Figura 4.22 – Relação de concessão

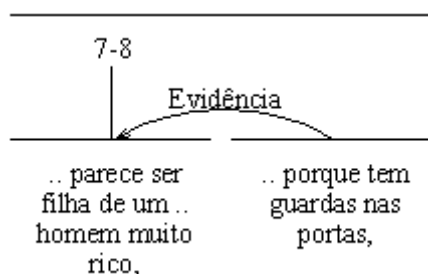


4.2.2.3 Relação de evidência

Na relação de evidência, a porção de texto que funciona como satélite traz informações cuja função é aumentar a confiança do ouvinte/leitor no conteúdo do núcleo.

No *corpus* há apenas duas ocorrências da relação de evidência. Em ambas, o informante apresenta, no satélite, um argumento que tem a finalidade de comprovar o que foi dito no núcleo. No exemplo da figura 4.23, encontrado na narrativa EM1 oral, a oração que funciona como satélite traz a informação de que o pai da moça tem guardas na porta de sua casa, o que pode comprovar a afirmação na oração que funciona como núcleo de que ele é uma pessoa rica.

Figura 4.23 – Relação de evidência



4.2.2.4 Relação de justificativa

Na relação de justificativa, a porção de texto que funciona como satélite traz informações que justificam o direito do produtor do texto de dizer/escrever algo, ou seja, uma porção de texto justifica um ato de fala realizado por outra porção de texto.

No *corpus* há apenas duas ocorrências da relação de justificativa. Na primeira ocorrência, encontrada na narrativa EF5 escrita e apresentada na figura 4.24, o informante justifica por que a aeronave é chamada “pavão misterioso”. Na segunda ocorrência, encontrada na narrativa ES10 oral e apresentada na figura 4.25, o informante justifica por que usou a expressão “deu um jeito de entrar” em vez de dizer simplesmente “entrou”, ou seja, o satélite traz informações sobre as dificuldades de entrar na casa, o que justifica o uso da expressão “deu um jeito”. Em ambos os casos, observa-se que a relação é estabelecida no nível dos atos de fala. Assim, orações que seriam tradicionalmente classificadas como “coordenadas explicativas”, na verdade estabelecem relações do tipo núcleo-satélite, em que uma é ancilar da outra.

Figura 4.24 – Relação de justificativa – ato de nomear a aeronave

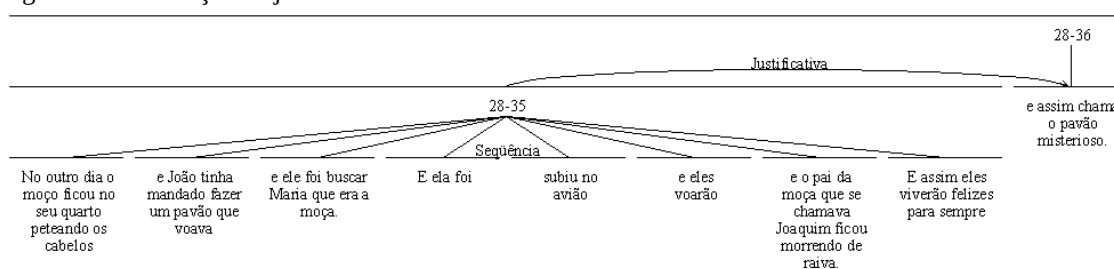
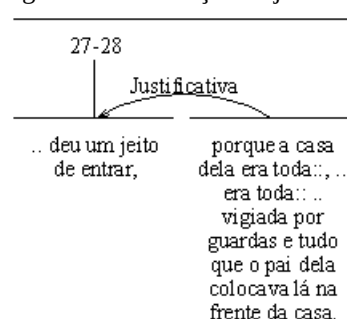


Figura 4.25 – Relação de justificativa – explicação da expressão “deu um jeito”



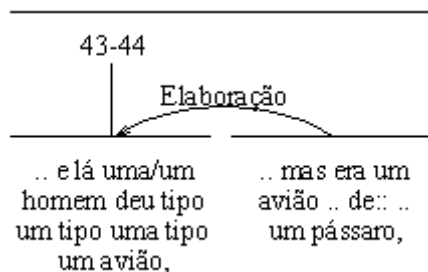
4.3 Identificação das relações

A definição das relações da Teoria da Estrutura Retórica do Texto não se baseia em marcas morfológicas ou sintáticas, mas sim em julgamentos funcionais e semânticos, que buscam identificar a função de cada porção de texto e verificar como o texto produz o efeito desejado em seu possível receptor. Esses julgamentos são de plausibilidade, pois o analista tem acesso ao texto, tem conhecimento do contexto em que o texto foi produzido e das convenções culturais do produtor do texto e de seus possíveis receptores, mas não tem acesso direto ao produtor do texto ou aos seus possíveis receptores, de forma que não pode afirmar com certeza que esta ou aquela análise é a correta, mas pode sugerir uma análise plausível (MANN & THOMPSON, 1987; 1988).

A identificação das relações nas narrativas do *corpus* foi feita, portanto, levando-se em conta a intenção do informante ao narrar daquela forma, e não de outra, a história ou partes dela. Assim, a identificação das relações não se baseou em marcas formais, como conjunções, tempos verbais, etc., mas sim na função exercida pelas porções no todo do texto.

No exemplo da figura 4.26, encontrado na narrativa EF5 oral, a conjunção *mas* é utilizada em um sentido diferente daquele que é tradicionalmente atribuído a ela, ou seja, de adversidade.

Figura 4.26 – Relação de elaboração estabelecida em unidade iniciada pela conjunção *mas*

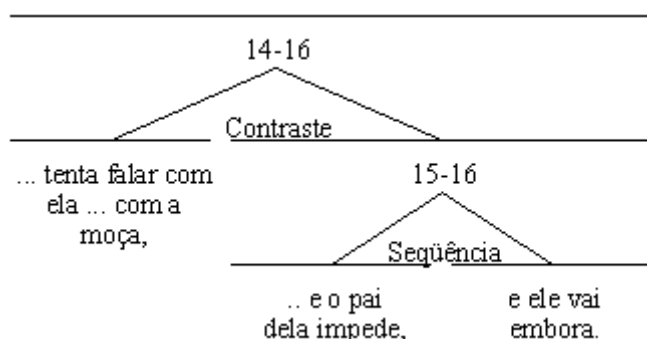


Embora a unidade 44 seja iniciada pela conjunção *mas*, a relação que se estabelece entre essa unidade e a unidade 43 é a de elaboração, ou seja, a unidade 44 traz

informações adicionais sobre um elemento da unidade 43. Na unidade 44, especifica-se que o avião mencionado na unidade 43 tem o formato de um pássaro. Para Neves (2000, p. 762), nesse caso, um *mas* desse tipo acrescenta uma “qualificação restritiva”.

A conjunção *e* aparece no corpus para relacionar não situações que se somam, mas situações que estão em contraste. No exemplo da figura 4.27, encontrado na narrativa EM1 oral, a conjunção *e* marca relação de adição entre a porção de texto 14 e as porções de texto 15-16, que estão em contraste. O resultado é o contraste pretendido pelo produtor do texto.

Figura 4.27 – Relação de contraste estabelecida em unidade iniciada pela conjunção *e*



4.4 Delimitação das cadeias de orações

As orações paratáticas podem formar cadeias de orações relacionadas entre si pela continuidade referencial, pela continuidade temporal, pela continuidade espacial e pela continuidade de ações.

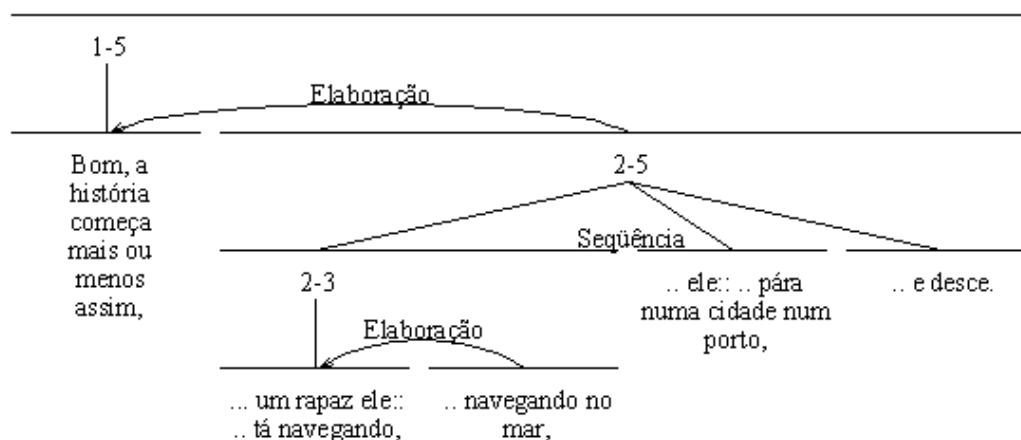
No exemplo a seguir, encontrado na narrativa EM2 oral, o fim da cadeia de orações é marcado pela ruptura na continuidade temporal e pela entoação de final de frase (.).

- 1 Bom a história começa mais ou menos assim,
- 2 ... um rapaz ele:: .. tá navegando,
- 3 .. navegando no mar,
- 4 .. ele:: .. pára numa cidade num porto,
- 5 .. e desce.
- 6 ... ele:: desceu,
- 7 ... caminhou até um determinado lugar,
- 8 ... e:: viu um jornal,

9 ... leu esse jornal,
10 ... e nesse jornal tava uma foto de uma moça.

As unidades de 2 a 5 formam uma cadeia que acrescenta informações ao conteúdo veiculado pela unidade 1, ou seja, as unidades de 2 a 5 especificam como foi o começo da história. A mudança de tempo verbal a partir da unidade 6 e a marca de entoação de final de frase (.) determinam o fim da cadeia de orações. A relação estabelecida entre a porção de texto formada pelas orações de 2 a 5 e a porção de texto formada pela unidade 1 é representada na figura 4.28.

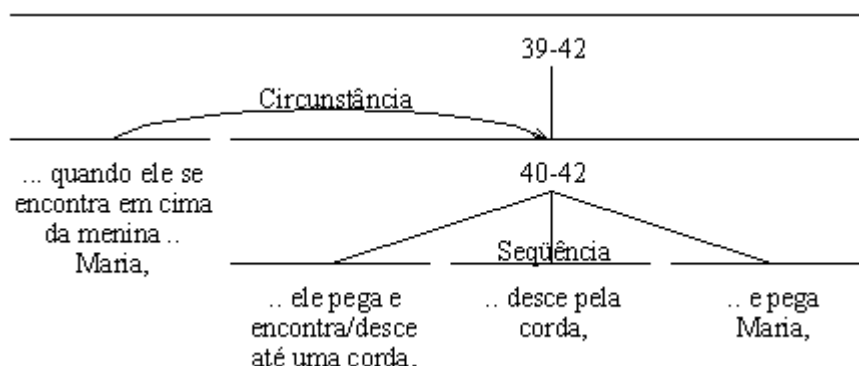
Figura 4.28 – Relação de elaboração estabelecida por cadeia de orações



Quando um satélite modifica uma porção de texto formada por orações paratáticas relacionadas multinuclearmente, os mesmos critérios para determinação da cadeia de orações devem ser empregados.

No exemplo apresentado na figura 4.29, encontrado na narrativa EF2 oral, a porção 39 estabelece uma relação de circunstância com as unidades 40, 41 e 42, entre as quais se estabelece a relação de seqüência, ou seja, a porção 39 fornece a moldura em que ocorrem os eventos narrados nas porções de texto 40 a 42.

Figura 4.29 – Relação de circunstância – satélite modificando mais de uma porção de texto

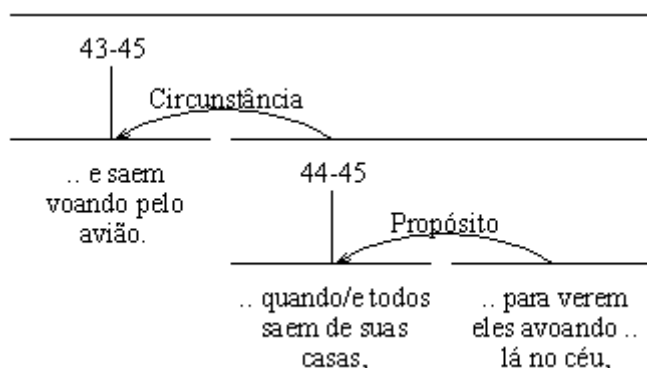


No contexto em que essas porções de texto ocorrem, há uma outra unidade que, em princípio, poderia também fazer parte da seqüência formada pelas unidades 40-42. Trata-se da unidade 43, que tem entoação típica de final de oração (.), ao contrário da unidade 42, em que a entoação indica continuação (,).

39 ... quando ele se encontra em cima da menina .. Maria,
 40 .. ele pega e encontra/desce até uma corda,
 41 .. desce pela corda,
 42 .. e pega Maria,
 43 .. e saem voando pelo avião.
 44 .. quando/e todos saem de suas casas,
 45 .. para verem eles avoando .. lá no céu,

Deve-se observar que na unidade 43 há uma ruptura na continuidade referencial, de forma que, embora tenha entoação de final de oração, inicia outra cadeia. A unidade 43 é, então, modificada pela porção de texto formada pelas unidades 44 e 45, como é mostrado na figura 4.30 a seguir.

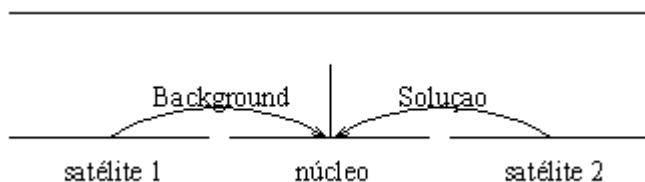
Figura 4.30 – Relação de circunstância – nova cadeia modificada



4.5 A estrutura retórica

Em todas as narrativas do corpus, o primeiro nível da estrutura retórica se apresenta em forma de uma divisão tripartida, como pode ser observado na figura 4.31.

Figura 4.31 – Organização do primeiro nível da estrutura retórica dos textos do *corpus*



A definição da porção de texto considerada o núcleo da narrativa é feita com base no conceito de nuclearidade, tomado como princípio organizador central da estrutura do texto (MANN & THOMPSON, 1987; 1988). A porção escolhida como núcleo, na análise, é aquela que é mais central para os propósitos do produtor do texto. O julgamento que determina, em um par, qual porção de texto é núcleo e qual é satélite é feito com base em dois critérios, o da assimetria e o da independência.

Para ilustração do critério da assimetria, tome-se como exemplo a figura 4.31. As relações são assimétricas, ou seja, a primeira porção de texto serve de *background* para a segunda, ao passo que esta nunca serve de *background* para a primeira. A terceira porção de texto serve de solução para a segunda, ao passo que esta nunca serve de solução para a terceira.

No que diz respeito ao critério da independência, pode-se dizer que uma porção do par (o núcleo) é independente da outra (o satélite), não sendo a recíproca verdadeira, ou seja, o satélite não é independente do núcleo. Nas narrativas do *corpus*, o núcleo foi determinado com base na teoria das partes da narrativa de Labov e Waletzky (1967), segundo a qual a complicação é considerada a parte central da narrativa, compreendendo os eventos

que tornam intrincadas as ações. No vídeo utilizado para eliciar as narrativas, essas ações têm início quando o rapaz e a moça se encontram, sendo, logo em seguida, separados pelo pai dela, que a prende no quarto. Fazem parte da complicação, também, a entrada do rapaz no quarto da moça, a chegada do pai ao quarto, que resulta na briga do pai com o rapaz, e a fuga do rapaz, que quase é capturado pelos guardas. As duas outras grandes porções de texto das narrativas (*background* e solução), exemplificadas na figura 4.31, são, assim, dependentes dessa porção central, já que têm a função de introduzir, respectivamente, o pano de fundo e a solução dos eventos que complicam a narrativa.

A relação de *background* corresponde à orientação, parte da narrativa que, segundo Labov e Waletzky, fornece informações sobre o pano de fundo da narrativa, ou seja, sobre quem são os personagens, sobre onde e quando ocorrem os eventos, etc. No vídeo do Pavão Misterioso, fazem parte do satélite de *background* a chegada do rapaz à cidade, a compra de um jornal, a passagem de um cortejo fúnebre, o passeio do rapaz pela cidade, sua ida ao hotel e sua ida à festa que está acontecendo na cidade. A apresentação desses elementos permite ao leitor/ouvinte da narrativa compreender melhor a parte central da narrativa.

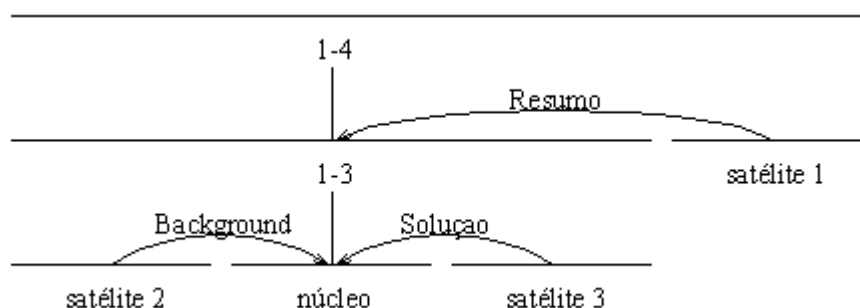
A relação de solução também encontra uma parte correspondente nas divisões da narrativa de Labov e Waletzky. Trata-se da resolução, parte que fornece a solução para os eventos que complicam a ação. Os eventos apresentados pelo satélite de solução, no vídeo do Pavão Misterioso, compreendem a ida do rapaz a uma oficina, onde projeta e constrói, juntamente com o mecânico dessa oficina, uma aeronave na forma de um pavão. Em seguida, o rapaz vai à casa da moça, desce a aeronave sobre o telhado da casa, desce pelo forro por uma corda e sobe novamente para o telhado levando sua amada consigo. Eles fogem, então, voando no pavão misterioso, acenando para os habitantes da cidade, que saem às ruas para acenar para o casal. O pai da moça fica furioso. Esses eventos são a solução para o problema

apresentado na complicação (núcleo), ou seja, o casal se encontra, apaixona-se, mas é separado pelo pai da moça.

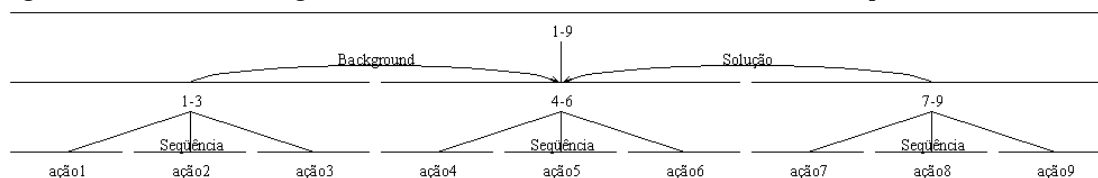
Algumas narrativas do *corpus* apresentam, ainda, um outro satélite no primeiro nível da estrutura retórica. Esse satélite estabelece uma relação de resumo com todo o resto da história. Nas divisões da narrativa por Labov e Waletzky, há também uma parte chamada *resumo*, definida como uma síntese do evento que será relatado, e que tem a função de criar expectativas no ouvinte a respeito do que vai ser dito. A diferença reside no fato de que, nas narrativas pessoais estudadas por Labov e Waletzky, o resumo aparece no início do texto, ao passo que, nas narrativas do *corpus* desta pesquisa, a relação de resumo aparece como última unidade do texto, retomando tudo o que foi dito anteriormente, e finalizando a narrativa. Essa configuração da estrutura retórica com a relação de resumo no primeiro nível é encontrada em apenas 3 das 60 narrativas do *corpus*.

Observe-se, na figura 4.32, o diagrama do primeiro nível da estrutura retórica das narrativas em que ocorre a relação de resumo.

Figura 4.32 – Organização do primeiro nível da estrutura retórica dos textos em que ocorre a relação de resumo



O segundo nível da estrutura retórica também apresenta uma configuração recorrente em todas as narrativas. As porções de texto que formam os satélites de *background* e de *solução* bem como a porção central de texto da narrativa subdividem-se em seqüências de ações, estabelecendo-se relações multinucleares de seqüência, como no exemplo da figura 4.33.

Figura 4.33 – Modelo do segundo nível da estrutura retórica das narrativas do *corpus*

Algumas narrativas apresentam variações desse modelo, principalmente no satélite de *background*. Nas narrativas ES3 oral e EF4 escrita, a subdivisão desse satélite é estabelecida pela relação de lista, ou seja, o produtor do texto preferiu não relacionar os eventos de forma a se sucederem temporalmente.

Na narrativa EF4 oral, a porção de texto que forma o satélite de *background* tem apenas duas unidades que apresentam, sucintamente, o protagonista da história. Por outro lado, nas narrativas EM9 oral e EM9 escrita, a primeira unidade da porção de texto que forma o satélite de *background* informa que a história se passa em um dia especial em Salvador, o dia de São João. Essa unidade remete cataforicamente à seqüência de ações que deveria estar nesse segundo nível da estrutura retórica. Essa seqüência de ações apresenta, então, todos os eventos que ocorrem nesse dia, iniciando-se pela chegada do marinheiro à cidade. Estabelece-se, assim, uma relação de elaboração entre a unidade 1, que está no segundo nível da estrutura retórica, e a seqüência de ações que deveria estar nesse segundo nível, mas que, por funcionar como satélite, acaba aparecendo no terceiro nível. O mesmo ocorre na narrativa EF1 oral, em que a primeira unidade “A história começa assim” remete cataforicamente a toda a seqüência de ações que deveria estar nesse segundo nível.

Na narrativa EF5 escrita, ao contrário das outras, a variação aparece no satélite de solução, com a relação de justificativa. A seqüência de ações que deveria estar no segundo nível justifica, na última unidade dessa porção de texto, por que a aeronave se chama “pavão misterioso”.

A partir do terceiro nível, a estrutura retórica das narrativas do *corpus* passa a assumir configurações diferentes. Em algumas, o terceiro nível subdivide-se em nova

seqüência de ações. Em outras, as ações do segundo nível são colocadas em contraste ou modificadas por relações do tipo núcleo-satélite que, por sua vez, também podem subdividir-se em novas seqüências de ações, modificadas novamente ou colocadas em contraste. Esses tipos de configuração vão-se alternando nas narrativas até o último nível (há narrativas que terminam no quarto nível e narrativas que terminam no nono nível).

4.6 Conclusões a respeito da estrutura retórica das narrativas do *corpus*

Todas as narrativas do *corpus* apresentam a mesma estrutura retórica. No primeiro nível da estrutura retórica, delimita-se uma porção central que corresponde à complicação da narrativa e estabelecem-se duas relações: uma de *background*, com a porção de texto que funciona como pano de fundo para a complicação, e uma de solução, que mostra como se resolve a complicação das ações da porção central. No segundo nível, essas três grandes porções de texto subdividem-se em seqüências de ações que, a partir do nível seguinte, podem subdividir-se em novas seqüências, colocadas em contraste ou modificadas por relações do tipo núcleo-satélite.

As relações multinucleares são as que apresentam freqüência de ocorrência mais alta, o que era presumível em um *corpus* constituído de narrativas, uma vez que, nesse tipo de texto, prevalecem seqüências de ações. Dentre as relações núcleo-satélite, aquelas que dizem respeito à apresentação da relação são as que têm freqüência mais baixa. De fato, elas têm por função levar o ouvinte/leitor a agir de acordo com o conteúdo do núcleo, o que é mais comum em outros tipos de texto. As relações núcleo-satélite que dizem respeito ao assunto têm freqüência mais alta do que as que dizem respeito à apresentação da relação, o que se explica pelo fato de que, em narrativas, é de esperar que o enredo, o assunto, seja objeto de maior atenção dos interlocutores.

Algumas diferenças também podem ser observadas nas narrativas do *corpus*, tanto no que diz respeito às diferenças entre as modalidades de língua oral e escrita, quanto no que diz respeito aos diferentes grupos de informantes.

Parte-se dos pressupostos de que (i) na fala, dispõe-se de menor tempo e de menos recursos para se “empacotar” a informação (CHAFE, 1985; 1992), sendo o tempo para planejamento do texto menor do que na escrita e (ii) as relações multinucleares, por serem estabelecidas a partir de elementos que estão em um mesmo nível, formam estruturas menos complexas, uma vez que não há nelas hierarquia entre os elementos. Por esses pressupostos, pode-se afirmar que nas narrativas escritas há uma maior frequência de estruturas mais complexas (hierárquicas, do tipo núcleo-satélite) do que nas narrativas orais. Podem ser citadas algumas evidências para essa afirmação:

(i) Nas narrativas orais, a frequência de ocorrência de relações multinucleares é mais alta do que nas narrativas escritas.

(ii) Nas narrativas escritas, a frequência de ocorrência das relações núcleo-satélite que têm uma quantidade suficiente de ocorrências para garantir uma distribuição regular dos dados entre as duas modalidades de língua e entre os três grupos de informantes é mais alta do que nas narrativas orais. Trata-se das relações de causa, de resultado, de circunstância e de propósito. A relação de elaboração, embora apresente também uma distribuição regular dos dados, segue uma outra tendência, ou seja, a maior frequência está nas narrativas orais, e não nas escritas. Pelo que se observa, as características da modalidade oral favoreceram o acréscimo de informações adicionais a um conteúdo já veiculado.

No que diz respeito aos grupos de informantes, observa-se uma maior diferenciação entre fala e escrita quanto mais alto o grau de escolaridade. É o que se pode apreender do quadro 4.1. A diferença na frequência de ocorrência das relações multinucleares

entre as narrativas orais e as narrativas escritas é maior no grupo dos informantes do Ensino Superior do que no grupo dos informantes do Ensino Fundamental.

CAPÍTULO 5 – ANÁLISE DA ARTICULAÇÃO DE ORAÇÕES

Neste capítulo, dividido em cinco partes, são apresentados os resultados obtidos a partir da codificação dos dados relativos à articulação de orações e são indicadas hipóteses para os números obtidos. A primeira parte do capítulo é dedicada à análise dos dados referentes às orações independentes. Na segunda parte, analisam-se os dados das orações paratáticas. A terceira parte trata dos dados das orações hipotáticas. Na quarta parte, analisam-se os dados das orações encaixadas. Por último, o quinto item deste capítulo refere-se às conclusões da análise da articulação de orações.

5.1 Orações independentes

Como já foi dito no item 3.4.1, o rótulo *orações independentes* está sendo utilizado, neste trabalho, para denominar aquelas orações que não fazem parte de um complexo oracional (HALLIDAY, 1985 – ver item 2.5), como a do exemplo a seguir, encontrado na narrativa EM8 oral:

1 Nesse:: .. nesse pequeno filme,
2 .. passou uma história .. de um:: rapaz ..

A frequência de ocorrência das orações independentes é apresentada no quadro

5.1.

Quadro 5.1 Frequência de ocorrência das orações independentes

		N/total de orações em cada conjunto de textos	%
Ensino Superior	oral	24/736	3,3%
	escrita	13/560	2,3%
Ensino Médio	oral	19/577	3,3%
	escrita	10/507	2%
Ensino Fundamental	oral	47/645	7,3%
	escrita	28/474	5,9%

Como pode ser observado, a frequência de ocorrência das orações independentes é mais alta nas narrativas orais do que nas narrativas escritas. Observa-se também que nas narrativas dos informantes do Ensino Fundamental a frequência de ocorrência desse tipo de oração é duas vezes maior do que nas narrativas dos outros dois grupos de informantes. Por estarem mais “soltas” no texto, ou seja, por não estarem ligadas a uma cadeia de orações, uma maior frequência de orações independentes pode sugerir uma menor complexidade estrutural na combinação das orações do texto. Pode-se supor que, no caso da modalidade oral, essa menor complexidade estrutural ocorra em razão do processo de produção, que, por ter o planejamento praticamente simultâneo com a produção, limita a quantidade de informação que pode ser processada de cada vez (CHAFE, 1985; 1992), favorecendo estruturas que se envolvem em menor número de relações e não estabelecem hierarquias. Não se pode desprezar o fato de que os usuários da língua nunca perdem de vista que o destinatário deve chegar à reconstrução do sentido tal como tencionado pelo falante, e como, na linguagem oral, a recriação tem de ser operada quase que concomitantemente com a recepção, o uso de orações que estejam mais “soltas” pode facilitar a interlocução. No tocante às narrativas dos informantes do Ensino Fundamental, é nossa hipótese que a menor complexidade estrutural pode ser justificada pelo grau de escolaridade dos informantes.

Em relação aos tipos de predicados, pode-se observar, no quadro 5.2, que as orações independentes são mais utilizadas para codificar predicados de situação, como o do exemplo (i) a seguir, encontrado na narrativa ES10 oral. A frequência, nesse caso, vai de 57,9% a 70,8%. Os predicados de processo, como o do exemplo (ii), encontrado na narrativa EM8 oral, têm frequência mais baixa, de 20% a 28,5%. Os predicados de ação, como o do exemplo (iii), encontrado na narrativa EF2 oral, são os que têm frequência mais baixa entre as orações independentes. Nas narrativas dos informantes do Ensino Superior e nas narrativas orais dos informantes do Ensino Médio, não há nenhuma ocorrência de oração independente

codificando predicado de ação. Nos outros grupos de narrativas, a frequência dos predicados de ação vai de 2,1% a 10%.

(i) Aí e nessa festa também tem é bastante da:ança, (ES10 oral)

(ii) .. depois .. no outro dia .. amanhece, (EM8 oral)

(iii) .. passa .. as pessoas fazendo uma procissão, (EF2 oral)

Quadro 5.2 – Orações independentes – predicados

		ação		processo		situação	
		N/total de orações independentes em cada conjunto de textos	%	N/total de orações independentes em cada conjunto de textos	%	N/total de orações independentes em cada conjunto de textos	%
Ensino Superior	oral	-	-	7/24	29,2%	17/24	70,8%
	escrita	-	-	5/13	38,5%	8/13	61,5%
Ensino Médio	oral	-	-	8/19	42,1%	11/19	57,9%
	escrita	1/10	10%	2/10	20%	7/10	70%
Ensino Fundamental	oral	1/47	2,1%	15/47	31,9%	31/47	66%
	escrita	1/28	3,6%	10/28	35,7%	17/28	60,7%

Como pode ser observado no quadro 5.3, a frequência mais alta de ocorrência das orações independentes está nos tópicos que compõem o *background* da narrativa (T1 + T2), de 23% a 43%. Pode-se supor que isso se deve ao fato de as orações independentes codificarem com maior frequência predicados de situação. Como no *background* se descreve a situação inicial da narrativa (exemplos (iv) e (v) a seguir), explica-se que a frequência de orações independentes seja mais elevada do que nas outras partes da narrativa em que os predicados de situação não ocorrem com tanta frequência.

(iv) “A cidade fica à beira do rio ...” (ES6 escrita)

(v) “A história se passa em uma pequena cidade ...” (ES7 escrita)

Quadro 5.3 - Frequência de ocorrência das orações independentes em cada tópico da narrativa

	T1 – chegada do rapaz	T2 - andanças do rapaz pela cidade	T3 – encontro do casal e chegada do pai	T4 - entrada do rapaz na casa e sua expulsão	T5 - plano de fuga	T6 - fuga

		N/total de orações no tópico	%	N/total de orações no tópico	%	N/total de orações no tópico	%	N/total de orações no tópico	%	N/total de orações no tópico	%	N/total de orações no tópico	%
Ensino Superior	oral	8/34	23,5%	9/200	4,5%	2/122	1,6%	-	-	2/108	1,8%	3/94	3,1%
	escrita	7/33	21,2%	3/171	1,7%	2/97	2%	-	-	-	-	1/83	1,2%
Ensino Médio	oral	6/34	17,6%	9/113	7,9%	2/103	1,9%	-	-	2/63	3,1%	-	-
	escrita	6/25	24%	2/124	1,6%	2/92	2,1%	-	-	-	-	-	-
Ensino Fundamental	oral	11/35	31,4%	16/137	11,6%	7/115	6%	2/173	1,1%	3/81	3,7%	8/104	7,6%
	escrita	6/35	17,1%	16/112	14,2%	2/79	2,5%	1/115	0,8%	-	-	3/77	3,8%

5.2 Orações paratáticas

As orações paratáticas são as que ocorrem com maior frequência no *corpus*, como pode ser observado no quadro 5.4.

Quadro 5.4 – Frequência de ocorrência das orações paratáticas

		N/total de orações em cada conjunto de textos	%
Ensino Superior	oral	505/736	68,6%
	escrita	355/560	63,4%
Ensino Médio	oral	439/577	76,1%
	escrita	337/507	66,5%
Ensino Fundamental	oral	428/645	66,4%
	escrita	315/474	66,5%

Nas narrativas dos informantes do Ensino Superior e do Ensino Médio, a frequência de ocorrência das orações paratáticas é mais alta nas narrativas orais do que nas escritas. Novamente, pode-se supor que a fala, por ter de condicionar-se à memória de curto prazo (CHAFE, 1985; 1992), favorece complexos oracionais mais “soltos”, ou seja, complexos oracionais em que as orações estabeleçam menos relações hierárquicas entre si. Nas narrativas dos informantes do Ensino Fundamental, a frequência é praticamente a mesma, com 0,1% a mais de ocorrências na modalidade escrita. É nossa hipótese que esses dados são resultantes do fato de os informantes do Ensino Fundamental ainda transporem muitos traços da oralidade para seus textos escritos, uma vez que ainda estão na quinta série.

No que diz respeito aos tipos de predicados, as orações paratáticas codificam com muito maior frequência (de 67,6% a 76,2%) predicados de ação, como pode ser observado no quadro 5.5. A frequência de ocorrência dos predicados de processo varia de 20,1% a 28,5%, e a frequência dos predicados de situação vai de 2,1% a 3,7%.

Quadro 5.5 – Tipos de predicados – orações paratáticas

		ação		processo		situação	
		N/total de orações paratáticas em cada conjunto de textos	%	N/total de orações paratáticas em cada conjunto de textos	%	N/total de orações paratáticas em cada conjunto de textos	%
Ensino Superior	oral	359/505	71,1%	133/505	26,3%	13/505	2,6%
	escrita	240/355	67,6%	101/355	28,5%	14/355	3,9%
Ensino Médio	oral	304/439	69,2%	121/439	27,6%	14/439	3,2%
	escrita	234/337	69,4%	96/337	28,5%	7/337	2,1%
Ensino Fundamental	oral	326/428	76,2%	86/428	20,1%	16/428	3,7%
	escrita	238/315	75,6%	69/315	21,9%	8/315	2,5%

Como pode ser observado no quadro 5.6, a maior frequência das orações paratáticas pode ser encontrada nos tópicos T3, T4 (parte da narrativa – complicação) e T6 (parte da narrativa – resolução). Nesses tópicos, há pontos de tensão da narrativa (como o do exemplo a seguir, encontrado na narrativa EF2 oral), nos quais prevalecem os predicados de ação. Dessa forma, há, nesses tópicos, uma maior frequência de orações paratáticas, que codificam, em sua maioria, predicados de ação.

“.. empurra .. o pai da garota,
.. derruba ela/ele no chão,
... e sai correndo pra fora,”

Quadro 5.6 - Frequência de ocorrência das orações paratáticas em cada tópico da narrativa

		T1 – chegada do rapaz		T2 - andanças do rapaz pela cidade		T3 – encontro do casal e chegada do pai		T4 - entrada do rapaz na casa e sua expulsão		T5 - plano de fuga		T6 - fuga	
		N/total de orações no tópico	%	N/total de orações no tópico	%	N/total de orações no tópico	%	N/total de orações no tópico	%	N/total de orações no tópico	%	N/total de orações no tópico	%
Ensino Superior	oral	9/34	26,4%	131/200	65,5%	89/122	72,9%	132/178	74,1%	70/108	64,8%	74/94	78,7%
	escrita	10/33	30,3%	98/171	57,3%	71/97	73,1%	79/110	71,8%	36/66	54,5%	61/83	73,4%
Ensino Médio	oral	17/34	50%	71/113	62,8%	85/103	82,5%	127/155	81,9%	43/63	68,2%	96/109	88%
	escrita	10/25	40%	74/124	59,6%	68/92	73,9%	85/121	70,2%	29/53	54,7%	71/92	77,1%
Ensino Fundamental	oral	10/35	28,5%	77/137	56,2%	81/115	70,4%	129/173	74,5%	50/81	61,7%	81/104	77,8%

Fundamental	escrita	12/35	34,2%	57/112	50,8%	61/79	77,2%	90/115	78,2%	28/56	50%	67/77	87%
-------------	---------	-------	-------	--------	-------	-------	-------	--------	-------	-------	-----	-------	-----

Algumas regularidades importantes podem ser observadas no que diz respeito à realização morfológica do sujeito. Investigações sobre a estrutura argumental preferida (EAP) de várias línguas, dentre elas o português (NEVES, 1994b; CAMACHO, 1996; PEZATTI, 1996; ANTONIO, 1998), confirmam a existência de um padrão de uso dos argumentos do verbo (sujeito e objeto), regulado por restrições gramaticais e restrições pragmáticas. Nesse sentido, o cruzamento do subsistema *identidade dos sujeitos* das orações paratáticas com o subsistema *tipo de sujeito quanto à manifestação morfológica* nas orações paratáticas pode ser revelador.

Quadro 5.7 - Identidade de sujeito vs. tipo de sujeito quanto à manifestação morfológica nas orações paratáticas

			mesmo sujeito		sujeito diferente		primeira menção	
			N/total	%	N/total	%	N/total	%
Ensino Superior	oral	lexical	11/359	3%	50/121	41%	22/25	88%
		pronominal	83/359	23%	64/121	53%	2/25	8%
		elíptico	265/359	74%	6/121	5%	1/25	4%
		oracional	-	-	1/121	1%	-	-
	escrita	lexical	17/238	7%	47/93	51%	22/24	92%
		pronominal	30/238	13%	40/93	43%	1/24	4%
		elíptico	191/238	80%	5/93	5%	1/24	4%
		oracional	-	-	1/93	1%	-	-
Ensino Médio	oral	lexical	15/300	5%	48/118	41%	21/21	100%
		pronominal	94/300	31%	67/118	57%	-	-
		elíptico	191/300	64%	3/118	3%	-	-
		oracional	-	-	-	-	-	-
	escrita	lexical	16/213	8%	51/100	51%	22/25	88%
		pronominal	55/213	26%	42/100	42%	3/25	12%
		elíptico	142/213	67%	7/100	7%	-	-
		oracional	-	-	-	-	-	-
Ensino Fundamental	oral	lexical	26/276	9%	69/128	54%	24/24	100%
		pronominal	80/276	29%	53/128	41%	-	-
		elíptico	170/276	62%	5/128	4%	-	-
		oracional	-	-	1/128	1%	-	-
	escrita	lexical	15/182	8%	61/109	56%	24/24	100%
		pronominal	35/182	19%	43/109	39%	-	-
		elíptico	132/182	73%	5/109	5%	-	-
		oracional	-	-	-	-	-	-

Pode-se observar, a partir do quadro 5.7, que a introdução de novos referentes no texto, na posição de sujeito, é feita preferencialmente por formas lexicais (ANTONIO, 1998, p. 109), com frequência que vai de 88% a 100%.

Por outro lado, a manutenção do mesmo sujeito propicia a ocorrência da elipse. Quando ocorre a mudança de sujeito, há um certo equilíbrio entre sujeitos lexicais e sujeitos pronominais. Observando-se o exemplo a seguir, encontrado na narrativa EF1 oral, pode-se supor que o emprego de sujeitos pronominais na mudança de sujeitos é regulado pelo co-texto em que aparecem esses sujeitos, pelas diferentes formas dos pronomes para marcar gênero e número e pelas marcas de número e pessoa das formas verbais. Esses recursos permitem a distinção entre os referentes presentes no co-texto em questão. Na unidade 22, o pronome “ela” remete anaforicamente¹¹ à expressão “filha dele”, mencionada na unidade anterior na posição de objeto. Como as marcas de número e pessoa são idênticas nas unidades 21 e 22, o informante achou necessário empregar o pronome “ela” para indicar a mudança de sujeito. Na unidade 23, o informante empregou a elipse, uma vez que manteve o mesmo sujeito da unidade anterior.

21 e colocou/o homem lá colocou a filha dele de castigo .. dentro de um quarto,
 22 .. daí ela fechou a porta,
 23 .. e começou a chorar

Nas narrativas dos informantes do Ensino Fundamental e nas narrativas orais dos informantes do Ensino Médio, a frequência é de 100%. Nas narrativas dos informantes do Ensino Superior e nas narrativas escritas dos informantes do Ensino Médio, a frequência varia de 88% a 92%.

No que diz respeito aos tipos de orações paratáticas, as que apresentam maior frequência de ocorrência (de 92% a 96%) são as aditivas¹², como pode ser observado no quadro 5.8. As orações adversativas apresentam frequência mais baixa, de 4% a 8%. As orações alternativas não apresentaram qualquer ocorrência desse tipo no *corpus*.

¹¹ Mecanismo de coesão referencial pelo qual um item coesivo remete a um referente que está em posição anterior no texto (HALLIDAY & HASAN, 1976).

¹² De agora em diante, por questão de economia, será omitida a expressão “paratática” nas referências às orações desse tipo. Será mencionado apenas o tipo de oração, como, por exemplo, oração aditiva, oração adversativa, oração alternativa.

Quadro 5.8 – Frequência de ocorrência de cada tipo de oração paratática

		aditiva		adversativa	
		N/total de orações paratáticas em cada conjunto de textos	%	N/total de orações paratáticas em cada conjunto de textos	%
Ensino Superior	oral	478/505	94,7%	27/505	5,3%
	escrita	336/355	94,6%	19/355	5,4%
Ensino Médio	oral	417/439	95%	22/439	5%
	escrita	310/337	92%	27/337	8%
Ensino Fundamental	oral	411/428	96%	17/428	4%
	escrita	300/315	95,2%	15/315	4,8%

É interessante observar que a frequência de ocorrência das orações aditivas é mais alta nas narrativas orais do que nas narrativas escritas. Por outro lado, a frequência de ocorrência das orações adversativas é mais alta nas narrativas escritas do que nas narrativas orais. Novamente, pode-se recorrer ao diferente processo de produção das duas modalidades de língua para explicar esses dados. Levando em conta o fato de que as orações adversativas são, por excelência, “argumentativas”, é nossa hipótese que adicionar elementos é mais simples do que contrapor elementos. Assim, supõe-se que a limitação, na fala, da quantidade de informação processada de cada vez, propicie frequência mais alta de ocorrência de orações aditivas, ao passo que a possibilidade de se focalizar uma maior quantidade de informação de cada vez, na escrita, propicia a maior frequência de orações adversativas.

As orações aditivas são as que apresentam frequência mais alta de ocorrência dentre todos os outros tipos de orações do *corpus*, como pode ser observado no quadro 5.9.

Quadro 5.9 – Frequência de ocorrência das orações aditivas

		N/total de orações em cada conjunto de textos	%
Ensino Superior	oral	478/736	64,94%
	escrita	334/560	59,64%
Ensino Médio	oral	417/577	72,27%
	escrita	310/507	61,14%
Ensino Fundamental	oral	411/645	63,72%
	escrita	300/474	63,29%

Em se tratando de um *corpus* constituído de narrativas, esses resultados são presumíveis, uma vez que nas narrativas prevalecem as ações, narradas em sequência temporal, codificadas principalmente por meio de orações aditivas.

A frequência com que ocorrem os tipos de juntivos aditivos encontrados no *corpus* é apresentada nos quadros 5.10, 5.11 e 5.12.

Quadro 5.10 – Frequência de ocorrência dos juntivos aditivos nas narrativas dos informantes do Ensino Superior

	oral		escrita	
	N/total de orações aditivas em cada conjunto de textos	%	N/total de orações aditivas em cada conjunto de textos	%
justaposição	252/478	52,7%	185/334	55,3%
e	167/478	34,9%	117/334	35%
daí	4/478	0,8%	-	-
então	15/478	3,1%	7/334	2%
aí	12/478	2,5%	-	-
depois	15/478	3,1%	6/334	1,7%
de repente	3/478	0,6%	5/334	1,4%
em seguida	-	-	-	-
além de	-	-	1/334	0,2%
nem	-	-	1/334	0,2%
outro juntivo	7/478	1,5%	9/334	2,7%
início da cadeia (sem juntivo)	3/478	0,6%	5/334	1,5%

Quadro 5.11 – Frequência de ocorrência dos juntivos aditivos nas narrativas dos informantes do Ensino Médio

	oral		escrita	
	N/total de orações aditivas em cada conjunto de textos	%	N/total de orações aditivas em cada conjunto de textos	%
justaposição	195/417	46,8%	133/310	42,9%
e	148/417	35,5%	156/310	50,3%
daí	9/417	2,2%	-	-
então	6/417	1,4%	9/310	2,9%
aí	32/417	7,7%	-	-
depois	18/417	4,3%	4/310	1,3%
de repente	2/417	0,5%	-	-
em seguida	-	-	1/310	0,3%
além de	-	-	-	-
nem	-	-	-	-
outro juntivo	-	-	-	-
início da cadeia (sem juntivo)	7/417	1,7%	7/310	2,3%

Quadro 5.12 – Frequência de ocorrência dos juntivos aditivos nas narrativas dos informantes do Ensino Fundamental

	oral		escrita	
	N/total de orações aditivas em cada conjunto de textos	%	N/total de orações aditivas em cada conjunto de textos	%
justaposição	172/411	41,8%	92/300	30,7%
e	153/411	37,2%	180/300	60%
daí	34/411	8,3%	-	-
então	10/411	2,4%	10/300	3,3%
aí	20/411	4,9%	-	-
depois	12/411	2,9%	5/300	1,7%
de repente	4/411	1%	5/300	1,7%
em seguida	-	-	-	-
além de	-	-	-	-
nem	-	-	-	-
outro juntivo	-	-	1/300	0,3%
início da cadeia (sem juntivo)	6/411	1,5%	7/300	2,3%

A justaposição é o tipo de junção que tem frequência mais alta de ocorrência. Em seguida, vem o uso da conjunção *e*. É interessante observar que, nas narrativas dos informantes do Ensino Superior, a frequência de ocorrência da conjunção *e* é praticamente a mesma nas narrativas orais (34,9%) e nas narrativas escritas (34,8%). Por outro lado, nas narrativas dos informantes do Ensino Médio e do Ensino Fundamental, a frequência de ocorrência do *e* é muito mais alta na escrita do que na fala. O exemplo a seguir, encontrado na narrativa EF1 escrita, sugere que esses dados sejam reflexo do uso da conjunção *e* sendo empregada na escrita tal como é utilizada na fala.

Num dia um homem chegou na cidade chamada Novo Panorama e ele chegou e viu uma mulher chorando e foi andando e viu um velhorio e um jornalista e ele pediu um jornal e viu o homem que tinha morido e depois estava tendo uma festa na cidade e ele viu uma mulher muito bonita e quando ele foi chegando perto dela o pai dela chegou com os ceguransa e mandou ela entra para dentro e ela foi chorando para dentro após os ceguransa fechou o portão e ficou lá na porta e o rapas entrou escondido lá e comesaram a se beijar.

Pode-se supor, também, que os alunos do Ensino Médio e do Ensino Fundamental tenham uma menor experiência de uso de conectivos aditivos que lhes permita aproveitar diferentes mudanças de expressão do processo aditivo. Nas narrativas dos informantes do

Ensino Médio e nas narrativas dos informantes do Ensino Fundamental, podem ser encontrados outros seis tipos de juntivos aditivos além do *e*. Nos textos dos informantes do Ensino Superior, há oito tipos diferentes de juntivos aditivos além do *e*.

Uma outra observação importante diz respeito ao emprego dos juntivos *daí* e *aí*, típicos da fala, e que só apareceram nas narrativas orais, como no exemplo a seguir, encontrado na narrativa EM3 oral.

“.. aí os dois se beijam,
.. daí eles sobem por uma corda,”

Podem ser encontradas, no *corpus*, algumas ocorrências de orações aditivas reduzidas, como a unidade 105 do exemplo a seguir, encontrado na narrativa ES8 oral:

104 .. eles conseguem fugir,
105 deixando pra trás as pessoas da cidade,

Entre as orações adversativas, a conjunção *mas* é a que apresenta maior frequência de ocorrência, como pode ser observado no quadro 5.13.

Quadro 5.13 - Frequência de ocorrência dos juntivos adversativos

		mas		só que		porém	
		N/total de orações adversativas em cada conjunto de textos	%	N/total de orações adversativas em cada conjunto de textos	%	N/total de orações adversativas em cada conjunto de textos	%
Ensino Superior	oral	25/27	92,6%	2/27	7,4%	-	-
	escrita	18/19	94,7%	-	-	1/19	5,3%
Ensino Médio	oral	17/22	77,3%	5/22	22,7%	-	-
	escrita	27/27	100%	-	-	-	-
Ensino Fundamental	oral	13/17	76,5%	4/17	23,5%	-	-
	escrita	15/15	100%	-	-	-	-

É interessante observar que a locução conjuntiva *só que*, típica da fala, por registrar um tom mais informal, aparece apenas nas narrativas orais. Pode-se supor que os informantes procuraram utilizar um registro mais formal nas narrativas escritas e um registro mais informal nas narrativas orais. Por outro lado, a conjunção *porém*, que marca um registro

mais formal, apresentou apenas uma ocorrência, e justamente em uma narrativa escrita. E essa ocorrência, encontrada em uma narrativa dos informantes do Ensino Superior (ES10 escrita) e apresentada a seguir, é um típico exemplo de construção da escrita.

“Ela, por sua vez, também se apaixona por ele. Porém, o pai dela chega nesse momento e impede que ele a veja novamente.”

5.3 Orações hipotáticas adverbiais

Sete tipos de orações hipotáticas adverbiais¹³ apresentam ocorrência no *corpus* da pesquisa. São as causais, as concessivas, as consecutivas, as finais, as modais, as proporcionais e as temporais. No quadro 5.14, pode-se observar a frequência de ocorrência de cada um desses tipos de oração no *corpus*.

Quadro 5.14 – Frequência de ocorrência das orações adverbiais no *corpus*

		Ensino Superior		Ensino Médio		Ensino Fundamental	
		oral	escrita	oral	escrita	oral	escrita
causais	N/total de orações em cada conjunto de textos	14/736	13/560	16/577	11/507	6/645	6/474
	%	1,9%	2,32%	2,77%	2,16%	0,93%	1,26%
concessivas	N/total de orações em cada conjunto de textos	2/736	-	-	-	-	-
	%	0,27%	-	-	-	-	-
consecutivas	N/total de orações em cada conjunto de textos	1/736	1/560	1/577	-	-	-
	%	0,13%	0,17%	0,17%	-	-	-

¹³ De agora em diante, por questão de economia, será omitida a expressão “hipotática adverbial” nas referências às orações desse tipo. Será mencionado apenas o tipo de oração, como, por exemplo, oração causal, oração temporal, etc.

finais	N/total de orações em cada conjunto de textos	24/736	20/560	12/577	26/507	37/645	20/474
	%	3,26%	3,57%	2,07%	5,12%	5,73%	4,21%
modais	N/total de orações em cada conjunto de textos	13/736	16/560	7/577	6/507	1/645	1/474
	%	1,76%	2,85%	1,21%	1,18%	0,15%	0,21%
proporcionais	N/total de orações no <i>corpus</i>	1/736	-	-	-	-	-
	%	0,13%	-	-	-	-	-
temporais	N/total de orações em cada conjunto de textos	52/736	53/560	32/577	44/507	59/645	33/474
	%	7,06%	9,46%	5,54%	8,67%	9,14%	6,96%

Alguns tipos de orações, como as concessivas, as consecutivas e as proporcionais, apresentam, no máximo, duas ou três ocorrências no *corpus*. Outros tipos de orações, como as modais e as causais, apresentam frequência mais alta, mas não em número que permita uma distribuição regular dos dados entre todos os grupos de informantes, nas modalidades de língua oral e escrita. Assim, das orações hipotáticas adverbiais, apenas as orações finais e as orações temporais apresentam uma quantidade suficiente de dados distribuídos de maneira homogênea, de forma a permitir generalizações.

Uma observação interessante que pode ser feita a partir do quadro 5.14 é a de que, nas narrativas orais dos informantes do Ensino Superior e do Ensino Médio, a frequência de ocorrência das orações temporais e das orações finais é mais baixa do que nas narrativas escritas. Porém, nas narrativas dos informantes do Ensino Fundamental ocorre o contrário: nas narrativas orais, há uma frequência mais alta de ocorrência das orações temporais e das

orações finais do que nas narrativas escritas. Esses dados podem ser explicados juntamente com os dados do quadro 5.4, no qual, ao contrário do que ocorre nas narrativas dos outros grupos de informantes, nas narrativas escritas dos informantes do Ensino Fundamental, a frequência de orações paratáticas é mais alta do que nas narrativas orais. É nossa hipótese que os informantes do Ensino Fundamental, por ainda estarem na quinta série, transpõem traços da oralidade para a escrita, como pode ser observado na narrativa EF1 escrita.

O complexo oracional no qual uma oração hipotática adverbial se encontra pode ser mais complexo ou menos complexo estruturalmente, de acordo com o tipo de oração-núcleo ao qual a oração adverbial está ligada. Quando uma oração hipotática se liga a uma oração-núcleo hipotática ou a uma oração-núcleo encaixada, pode-se encontrar um complexo oracional que se resolve em uma série de combinações entre orações de níveis diferentes, uma vez que orações-núcleo desses dois tipos já estão ligadas a outras orações, ou seja, estabelece-se uma hierarquia de diversos níveis entre as orações que se combinam. Por outro lado, quando uma oração hipotática se liga a uma oração-núcleo independente ou a uma oração-núcleo paratática, o complexo oracional é mais simples estruturalmente, uma vez que orações-núcleo desses dois tipos não estarão ligadas com orações de outros níveis. Em outras palavras, pode-se dizer que, no interior dos complexos oracionais em que ocorrem orações hipotáticas, há uma maior complexidade estrutural nas combinações entre orações. Como pode ser observado no quadro 5.15, nas narrativas escritas a frequência de orações-núcleo hipotáticas somada à frequência de orações-núcleo encaixadas é maior do que nas narrativas orais. Isso pode ser explicado pelo fato de a escrita permitir que se focalize uma maior quantidade de informação de cada vez (CHAFE, 1985; 1992), possibilitando a construção de complexos oracionais mais complexos estruturalmente.

Quadro 5.15 – Tipos de oração-núcleo

	paratática	hipotática	encaixada	independente
--	------------	------------	-----------	--------------

		N/total de orações- núcleo em cada conjunto de textos	%	N/total de orações- núcleo em cada conjunto de textos	%	N/total de orações- núcleo em cada conjunto de textos	%	N/total de orações- núcleo em cada conjunto de textos	%
Ensino Superior	oral	97/107	90,7%	2/107	1,9%	7/107	6,5%	1/107	0,9%
	escrita	93/103	90,3%	4/103	3,9%	5/103	4,9%	1/103	1%
Ensino Médio	oral	65/68	95,6%	1/68	1,5%	2/68	2,9%	-	-
	escrita	79/87	90,8%	3/87	3,4%	4/87	4,6%	1/87	1,1%
Ensino Fundamental	oral	89/104	86,4%	4/103	3,9%	7/103	6,8%	3/103	2,9%
	escrita	51/60	85%	1/60	1,7%	6/60	10%	2/60	3,3%

No que diz respeito aos tipos de predicados, observa-se, no quadro 5.16, que as orações hipotáticas adverbiais codificam com maior frequência predicados de processo nas narrativas dos informantes do Ensino Superior e do Ensino Médio. Por outro lado, nas narrativas dos informantes do Ensino Fundamental, os predicados de ação é que apresentam maior frequência, o que poderia revelar um modo mais “infantil” de narrar, que dá prioridade ao relato das ações apresentadas no vídeo, deixando de lado as mudanças causadas por essas ações.

Quadro 5.16 – Tipos de predicados – orações hipotáticas adverbiais

		ação		processo		situação	
		N/total de orações adverbiais em cada conjunto de textos	%	N/total de orações adverbiais em cada conjunto de textos	%	N/total de orações adverbiais em cada conjunto de textos	%
Ensino Superior	oral	41/107	38,3%	57/107	53,3%	9/107	8,4%
	escrita	39/103	37,8%	53/103	51,4%	11/103	10,7%
Ensino Médio	oral	28/68	41,2%	30/68	44,1%	10/68	14,7%
	escrita	31/87	35,6%	47/87	54%	9/87	10,3%
Ensino Fundamental	oral	54/103	52,4%	42/103	40,8%	7/103	6,8%
	escrita	33/60	55%	20/60	33,3%	7/60	11,6%

Como pode ser observado no quadro 5.17, as frequências mais altas das orações hipotáticas adverbiais estão nos tópicos que compõem o *background* (T1 + T2), além do tópico T5, que faz parte da *resolução*. Pode-se atribuir esse resultado ao fato de que esses

tópicos são mais descritivos, já que, como foi visto, as orações hipotáticas adverbiais codificam com maior frequência predicados de processos, que devem ocorrer com maior frequência em partes do texto em que predominam a descrição, e não a ação. No tópico T4 também podem ser encontradas frequências consideráveis de orações adverbiais. Supõe-se que isso se deva ao fato de as orações temporais terem sido utilizadas mais frequentemente para emoldurar as ações realizadas pelos personagens, como no exemplo a seguir, encontrado na narrativa EM7 oral:

.. quando os guardas distraem,
... ele ... se dirige à casa de sua amada.

Quadro 5.17 – Frequência de ocorrência das orações hipotáticas adverbiais em cada tópico da narrativa

		T1 – chegada do rapaz		T2 - andanças do rapaz pela cidade		T3 – encontro do casal e chegada do pai		T4 - entrada do rapaz na casa e sua expulsão		T5 - plano de fuga		T6 - fuga	
		N/total de orações no tópico	%	N/total de orações no tópico	%	N/total de orações no tópico	%	N/total de orações no tópico	%	N/total de orações no tópico	%	N/total de orações no tópico	%
Ensino Superior	oral	10/34	29,4%	28/200	14%	13/122	10,6%	30/178	16,8%	16/108	14,8%	10/94	10,6%
	escrita	8/33	24,2%	36/171	21%	14/97	14,4%	16/110	14,5%	15/66	22,7%	14/83	16,8%
Ensino Médio	oral	6/34	17,6%	16/113	14,1%	11/103	10,6%	24/155	15,4%	4/63	6,3%	7/109	6,4%
	escrita	5/25	20%	23/124	18,5%	14/92	15,2%	24/121	19,8%	10/53	18,8%	11/92	11,9%
Ensino Fundamental	oral	7/35	20%	26/137	18,9%	13/115	11,3%	33/173	19%	14/81	17,2%	10/104	9,6%
	escrita	9/35	25,7%	16/112	14,2%	6/79	7,5%	17/115	14,7%	10/56	17,8%	2/77	2,5%

No que diz respeito à realização morfológica do sujeito, podem ser observadas, no quadro 5.18, as mesmas regularidades já apontadas para as orações paratáticas (ver quadro 5.7). A manutenção do mesmo sujeito propicia a ocorrência da elipse. Quando ocorre a mudança de sujeito, há um certo equilíbrio entre sujeitos lexicais e sujeitos pronominais. A introdução de informação nova, por sua vez, é feita primordialmente por meio de sujeitos lexicais.

Quadro 5.18 - Identidade de sujeito vs. tipo de sujeito quanto à manifestação morfológica nas orações hipotáticas

			mesmo sujeito		sujeito diferente		primeira menção	
			N/total	%	N/total	%	N/total	%
Ensino Superior	oral	lexical	11/359	3%	50/121	41%	22/25	88%
		pronominal	83/359	23%	64/121	53%	2/25	8%
		elíptico	265/359	74%	6/121	5%	1/25	4%
		oracional	-	-	1/121	1%	-	-

	escrita	lexical	17/238	7%	47/93	51%	22/24	92%
		pronominal	30/238	13%	40/93	43%	1/24	4%
		elíptico	191/238	80%	5/93	5%	1/24	4%
		oracional	-	-	1/1118	1%	-	-
Ensino Médio	oral	lexical	15/300	5%	48/118	41%	21/21	100%
		pronominal	94/300	31%	67/118	57%	-	-
		elíptico	191/300	64%	3/118	3%	-	-
		oracional	-	-	-	-	-	-
	escrita	lexical	16/213	8%	51/100	51%	22/25	88%
		pronominal	55/213	26%	42/100	42%	3/25	12%
		elíptico	142/213	67%	7/100	7%	-	-
		oracional	-	-	-	-	-	-
Ensino Fundamental	oral	lexical	26/276	9%	69/128	54%	24/24	100%
		pronominal	80/276	29%	53/128	41%	-	-
		elíptico	170/276	62%	5/128	4%	-	-
		oracional	-	-	1/128	1%	-	-
	escrita	lexical	15/182	8%	61/109	56%	24/24	100%
		pronominal	35/182	19%	43/109	39%	-	-
		elíptico	132/182	73%	5/109	5%	-	-
		oracional	-	-	-	-	-	-

5.3.1 Orações hipotáticas adverbiais causais

Neves (1999a) realiza um estudo das construções causais com base nos domínios de interpretação semântica apresentados por Sweetser (1990), que postula a existência de três níveis ou camadas de análise:

- domínio do conteúdo: a junção marca a causalidade de um evento no mundo real;
- domínio epistêmico: a junção marca a causa de uma crença ou de uma conclusão;
- domínio dos atos de fala: a junção indica uma conclusão causal do ato de fala que está sendo desempenhado.

Neves aproxima esses domínios de interpretação semântica das camadas de construção da oração de Dik (1989). Assim, a predicação (estado de coisas) corresponderia ao nível do conteúdo; a proposição (fato possível) corresponderia ao nível epistêmico e a frase (ato de fala) corresponderia ao nível dos atos de fala.

A investigação das construções causais em camadas permite que se explique por que a tradição gramatical distingue “orações subordinadas adverbiais causais” e “orações coordenadas explicativas”. No primeiro caso, a relação se estabelece nos domínios de

conteúdo ou epistêmico, ao passo que no segundo caso a relação se estabelece no domínio dos atos de fala. A relação mais “frouxa” que se estabelece entre dois atos de fala sugere a interpretação tradicional de “coordenação”, mas, como afirma Neves (1997c), “a construção tem legitimidade como causal porque o falante a enuncia como causalmente relacionada, sem se importar com a materialidade ou a efetividade dessa causalidade”.

No que diz respeito à frequência, no *corpus* desta pesquisa, as causais epistêmicas ocorrem em maior número, aparecendo em todos os grupos de narrativas, como pode ser observado no quadro 5.19.

Quadro 5.19 – Domínio das orações causais

		conteúdo		epistêmico		ato de fala	
		N/total de orações causais em cada conjunto de textos	%	N/total de orações causais em cada conjunto de textos	%	N/total de orações causais em cada conjunto de textos	%
Ensino Superior	oral	-	-	13/14	92,9%	1/14	7,1%
	escrita	-	-	13/13	100%	-	-
Ensino Médio	oral	-	-	15/16	93,7%	1/16	6,3%
	escrita	-	-	10/11	90,9%	1/11	9,1%
Ensino Fundamental	oral	2/6	33,3%	4/6	66,7%	-	-
	escrita	1/6	16,7%	5/6	83,3%	-	-

Essa maior frequência de ocorrências das causais epistêmicas está de acordo com o que diz Neves (1999a): “... as construções causais (...) não se operam simplesmente entre predicções (ou estados de coisas), situando-se, mais geralmente, numa camada superior, no mínimo a proposição”.

Como exemplo de oração relação estabelecida entre proposições, observe-se o caso (i), encontrado na narrativa ES2 escrita, em que há interferência do conhecimento epistêmico do produtor do texto.

(i) **3** Os moradores da cidade ficaram muito espantados, **4** pois aquele era o único estranho entre os outros.

Como exemplo de relação estabelecida entre atos de fala, observe-se o caso (ii), encontrado na narrativa ES10 oral, em que o produtor do texto utiliza a oração causal para justificar um ato de fala, ou seja, para explicar por que utilizou a expressão “deu um jeito”.

(ii) 33 .. deu um jeito de entrar,

34 porque a casa dela era toda::,

35 .. era toda:: .. vigiada por guardas e tudo que o pai dela colocava lá na frente da casa.

Do ponto de vista pragmático, Neves (1999a) aponta, nas construções causais, a ocorrência de um tópico (pressuposto) que funciona como base temática para a asserção temática seguinte (nova). Assim, dependendo do conectivo causal utilizado pelo falante, a ordem da oração hipotática causal em relação à oração-núcleo poderá variar. O conectivo *como* geralmente traz informação partilhada pelo produtor do texto e por seu interlocutor, motivo pelo qual as construções causais iniciadas por *como* são sempre antepostas. O conectivo *porque*, por sua vez, tem função remática, ou seja, as orações introduzidas por essa conjunção apresentam informação nova. Por esse motivo, as orações hipotáticas causais iniciadas por *porque* são quase sempre pospostas. O conectivo *já que* pode funcionar de ambas as formas, ou seja, tanto pode trazer conteúdo pressuposto, em posição anteposta, como introduzir informação nova, em posição posposta.

Nas narrativas do *corpus*, como pode ser observado nos quadros 5.20 a 5.22, essas observações podem ser confirmadas. As conjunções *porque* e *pois* ocorrem apenas em orações pospostas à oração-núcleo. O juntivo *como*, por sua vez, ocorre apenas em orações antepostas à oração-núcleo e em orações intercaladas. O juntivo *que* tem apenas uma ocorrência, na qual a oração causal está posposta à oração-núcleo. A locução conjuntiva *já que* tem apenas uma ocorrência e essa ocorrência está em uma oração posposta à oração-núcleo. O juntivo *por*, que também não tem posição fixa, aparece em três orações pospostas à oração-núcleo e em uma oração intercalada que, a rigor, é posposta. A expressão conjuntiva

encontrar uma ocorrência de oração causal sendo utilizada para introduzir mudança de tópico na narrativa. Nas narrativas orais dos informantes do Ensino Médio, há duas ocorrências das orações causais exercendo essa função. É o caso do exemplo a seguir, encontrado na narrativa EM2 oral, no qual a oração causal anteposta (unidade 47) retoma uma informação dada (ele estava gostando da moça) para lançar um novo tópico (o plano de fuga).

47 ... depois tendo em vista que tava gostando da moça,

48 .. ele pegou e .. expulso né,

49 .. foi numa oficina.

5.3.2 Orações hipotáticas adverbiais finais

Dias (2001) subclassifica as construções finais de acordo com seu âmbito de incidência. Se uma oração final tem como escopo uma oração-núcleo, trata-se de uma oração hipotática adverbial final. Se o escopo é o próprio processo de interação comunicativa que se esteja realizando, a oração é de finalidade parentética ou de finalidade de adendo. Esses dois últimos tipos, segundo a autora, não se incluem na hipotaxe. No *corpus* desta pesquisa, todas as ocorrências encontradas são do tipo hipotática canônica.

Nos dados estudados por Dias (2001), todas as ocorrências de orações finais do tipo hipotática canônica estão em posição posposta. No *corpus* desta pesquisa, 92% das ocorrências das orações finais estão pospostas à oração-núcleo, como pode ser observado no quadro 5.24. Embora haja uma diferença de 8%, pode-se dizer que os dados desta pesquisa apresentam grande semelhança com os dados da pesquisa de Dias (2001). Nas posições anteposta e intercalada, a frequência de ocorrência das orações finais é bem mais baixa: 4,5% e 3,5%, respectivamente.

Quadro 5.24 – Posição vs. juntivo das orações finais

	anteposta	intercalada	posposta
--	-----------	-------------	----------

			N/total de ocorrências nessa posição em cada conjunto de textos	%	N/total de ocorrências nessa posição em cada conjunto de textos	%	N/total de ocorrências nessa posição em cada conjunto de textos	%
Ensino Superior	oral	para	1/1	100%	-	-	18/22	82%
		para que	-	-	-	-	1/22	4%
		a fim de	-	-	-	-	-	-
		sem juntivo (reduzida)	-	-	1/1	100%	3/22	14%
	escrita	para	-	-	-	-	17/20	85%
		para que	-	-	-	-	-	-
		a fim de	-	-	-	-	1/20	5%
		sem juntivo (reduzida)	-	-	-	-	2/20	10%
Ensino Médio	oral	para	3/3	100%	1/1	100%	8/8	100%
		para que	-	-	-	-	-	-
		a fim de	-	-	-	-	-	-
		sem juntivo (reduzida)	-	-	-	-	-	-
	escrita	para	1/1	100%	-	-	22/25	88%
		para que	-	-	-	-	1/25	4%
		a fim de	-	-	-	-	-	-
		sem juntivo (reduzida)	-	-	-	-	2/25	8%
Ensino Fundamental	oral	para	1/1	100%	3/3	100%	32/33	97%
		para que	-	-	-	-	-	-
		a fim de	-	-	-	-	-	-
		sem juntivo (reduzida)	-	-	-	-	1/33	1%
	escrita	para	-	-	-	-	16/20	80%
		para que	-	-	-	-	-	-
		a fim de	-	-	-	-	-	-
		sem juntivo (reduzida)	-	-	-	-	4/20	20%

No que diz respeito ao juntivo, como pode ser observado no quadro 5.24, a preposição *para* é a mais empregada para introduzir orações finais, com 87,8% de frequência do total de ocorrências. Os outros juntivos, ao todo, têm frequência de ocorrência de 2,2%. As orações finais reduzidas são responsáveis por 10% do total das ocorrências.

Como ocorrem com maior frequência pospostas à oração-núcleo, as orações finais também têm maior frequência introduzindo informação nova, como pode ser observado no

quadro 5.25. Uma forte evidência a favor da relação entre posposição e introdução de informação nova é o fato de que 94% das orações finais que introduzem informação nova se encontram pospostas à oração-núcleo.

Quadro 5.25 – Posição vs. estatuto da informação das orações finais

			anteposta		intercalada		posposta	
			N/total de ocorrências nessa posição em cada conjunto de textos	%	N/total de ocorrências nessa posição em cada conjunto de textos	%	N/total de ocorrências nessa posição em cada conjunto de textos	%
Ensino Superior	oral	dada	1/1	100%	-	-	3/22	14%
		nova	-	-	1/1	100%	12/22	55%
		acessível	-	-	-	-	7/22	32%
	escrita	dada	-	-	-	-	-	-
		nova	-	-	-	-	12/20	60%
		acessível	-	-	-	-	8/20	40%
Ensino Médio	oral	dada	-	-	-	-	-	-
		nova	1/3	33%	1/1	100%	4/8	50%
		acessível	2/3	67%	-	-	4/8	50%
	escrita	dada	1/1	100%	-	-	1/25	4%
		nova	-	-	-	-	15/25	60%
		acessível	-	-	-	-	9/25	36%
Ensino Fundamental	oral	dada	1/1	100%	-	-	3/33	9%
		nova	-	-	3/3	100%	24/33	73%
		acessível	-	-	-	-	6/33	18%
	escrita	dada	-	-	-	-	-	-
		nova	-	-	-	-	14/20	70%
		acessível	-	-	-	-	6/20	30%

5.3.3 Orações hipotáticas adverbiais modais

As orações modais expressam o modo como o evento expresso na oração-núcleo é realizado. Dessa forma, geralmente exercem função de adendo, acrescentando informação ao conteúdo da oração-núcleo. É o que sugerem os dados do quadro 5.26.

Quadro 5.26 – Posição vs. juntivo das orações finais

			anteposta		intercalada		posposta	
			N/total de ocorrências nessa posição em cada conjunto de textos	%	N/total de ocorrências nessa posição em cada conjunto de textos	%	N/total de ocorrências nessa posição em cada conjunto de textos	%
Ensino Superior	oral	sem	-	-	-	-	2/11	18%
		sem que	-	-	1/1	100%	-	-
		como	-	-	-	-	-	-
		como se	-	-	-	-	5/11	45%

	escrita	sem juntivo (reduzida)	1/1	100%	-	-	4/11	36%
		sem	1/3	33%	3/4	75%	3/9	33%
		sem que	-	-	-	-	1/9	11%
		como	-	-	-	-	-	-
		como se	-	-	-	-	2/9	22%
Ensino Médio	oral	sem juntivo (reduzida)	2/3	67%	1/4	25%	3/9	33%
		sem	-	-	-	-	2/7	29%
		sem que	-	-	-	-	-	-
		como	-	-	-	-	-	-
		como se	-	-	-	-	-	-
	escrita	sem juntivo (reduzida)	-	-	-	-	5/7	71%
		sem	-	-	-	-	2/5	40%
		sem que	-	-	-	-	-	-
		como	-	-	-	-	-	-
		como se	-	-	-	-	1/5	20%
Ensino Fundamental	oral	sem juntivo (reduzida)	-	-	1/1	100%	2/5	40%
		sem	-	-	-	-	1/1	100%
		sem que	-	-	-	-	-	-
		como	-	-	-	-	-	-
		como se	-	-	-	-	-	-
	escrita	sem juntivo (reduzida)	-	-	-	-	-	-
		sem	-	-	-	-	-	-
		sem que	-	-	-	-	-	-
		como	-	-	-	-	1/1	100%
		como se	-	-	-	-	-	-
	escrita	sem juntivo (reduzida)	-	-	-	-	-	-

Por exercer função de adendo, a maioria das orações modais encontra-se posposta à oração-núcleo. No que diz respeito ao juntivo, a maior frequência de ocorrências das orações modais é de orações reduzidas, como no exemplo a seguir, encontrado na narrativa ES10 escrita.

“Ele foge do pai dela e de todos os guardas usando de sua esperteza.”

Em relação ao estatuto da informação, pode-se observar, no quadro 5.27, que, em posição posposta à oração-núcleo, as orações modais são utilizadas majoritariamente pelos informantes para introduzir informação nova. Observa-se ainda que, quando estão

intercaladas, há um equilíbrio entre as orações modais que introduzem informação nova e as que trazem informação acessível. Por outro lado, as orações modais antepostas à oração-núcleo trazem informação dada.

5.3.4 Orações hipotáticas adverbiais temporais

Uma característica importante das orações temporais apontada por Braga (1999) é a de que essas orações, assim como outros tipos de orações adverbiais, podem combinar-se não apenas com uma oração-núcleo, mas com toda uma seqüência de orações. No exemplo a seguir, encontrado na narrativa, EM3 oral, pode-se observar que a oração temporal da unidade 26 se combina com a seqüência de orações formada pelas unidades de 27 a 29.

26 .. daí enquanto os soldados deram uma saída,
 27 ele entrou na casa dela,
 28 .. entrou no quarto,
 29 ... aí eles começaram a se beijar.

No que diz respeito ao juntivo, a conjunção *quando* é a mais utilizada nos dados estudados por Braga (1999), mas a autora ressalta que o emprego de outros juntivos é motivado pela “necessidade de precisar a informação codificada pela oração de tempo” (p. 447). Na pesquisa realizada por Crocci de Souza (1996) e também nesta pesquisa, a maioria das orações de tempo é introduzida também pela conjunção *quando*. No quadro 5.27, além da freqüência de ocorrência do juntivo *quando* no *corpus* desta pesquisa, pode ser observada a freqüência de ocorrência dos outros juntivos temporais.

Quadro 5.27 – Freqüência de ocorrência dos juntivos temporais

	Ensino Superior				Ensino Médio				Ensino Fundamental			
	oral		escrita		oral		escrita		oral		escrita	
	N/total de ocorrências em cada conjunto de textos	%	N/total de ocorrências em cada conjunto de textos	%	N/total de ocorrências em cada conjunto de textos	%	N/total de ocorrências em cada conjunto de textos	%	N/total de ocorrências em cada conjunto de textos	%	N/total de ocorrências em cada conjunto de textos	%
quando	11/52	21,2%	13/53	24,5%	11/32	34,4%	11/44	25%	33/59	55,9%	24/33	72,7%
enquanto	9/52	17,3%	6/53	11,3%	1/32	3,1%	2/44	4,5%	3/59	5,1%	-	-
depois de	4/52	7,7%	6/53	11,3%	-	-	4/44	9,1%	3/59	5,1%	1/33	3%
depois que	1/52	1,9%	-	-	1/32	3,1%	-	-	4/59	6,8%	-	-
até que	2/52	3,8%	3/53	5,7%	4/32	12,5%	6/44	13,6%	6/59	10,2%	4/33	12,1%
logo que	1/52	1,9%	1/53	1,9%	-	-	-	-	-	-	1/33	3%
na hora que	2/52	3,8%	-	-	2/32	6,3%	-	-	-	-	-	-

ao	2/52	3,8%	5/53	9,4%	3/32	9,4%	9/44	20,5%	-	-	2/33	6,1%
até	2/52	3,8%	-	-	-	-	4/44	9,1%	-	-	-	-
com	-	-	1/53	1,9%	-	-	1/44	2,3%	-	-	-	-
após	-	-	1/53	1,9%	2/32	6,3%	-	-	-	-	-	-
sem juntivo (reduzida)	18/52	34,6%	17/53	32,1%	8/32	25%	7/44	15,9%	10/59	16,9%	1/33	3%

Depois das orações iniciadas por *quando*, as orações temporais sem juntivo, ou seja, as orações temporais reduzidas, são as que têm frequência mais alta. Outros juntivos, com indicação temporal mais precisa, têm frequência mais baixa.

No que diz respeito à função exercida pela posição, pode-se observar, no quadro 5.28, que as orações temporais ocorrem com maior frequência em posição anteposta à oração-núcleo, exercendo a função de “emoldurar” a oração-núcleo.

Quadro 5.28 – Posição das orações temporais

		anteposta		intercalada		posposta	
		N/total de ocorrências nessa posição em cada conjunto de textos	%	N/total de ocorrências nessa posição em cada conjunto de textos	%	N/total de ocorrências nessa posição em cada conjunto de textos	%
Ensino Superior	oral	28/52	53,8%	16/52	30,8%	8/52	15,4%
	escrita	37/53	70%	7/53	13%	9/53	17%
Ensino Médio	oral	14/32	43,75%	12/32	37,5%	6/32	18,75%
	escrita	23/44	53,5%	4/44	9,3%	16/44	37,2%
Ensino Fundamental	oral	37/59	62,7%	6/59	10,2%	16/59	27,1%
	escrita	19/33	57,5%	6/33	18,2%	8/33	24,3%

No que diz respeito ao estatuto da informação, pode-se observar, no quadro 5.29, que as orações temporais em posição anteposta trazem, em sua grande maioria, informação dada. Por outro lado, em posição posposta à oração-núcleo, as orações temporais codificam majoritariamente informação nova. Em posição intercalada, também codificam mais informação nova, porém a frequência com que o fazem é mais baixa do que em posição posposta.

Quadro 5.29 – Posição vs. estatuto da informação das orações temporais

			anteposta		intercalada		posposta	
			N/total de ocorrências nessa posição em cada conjunto de textos	%	N/total de ocorrências nessa posição em cada conjunto de textos	%	N/total de ocorrências nessa posição em cada conjunto de textos	%
Ensino Superior	oral	dada	28/28	100%	6/16	38%	-	-
		nova	-	-	7/16	44%	8/8	100%

	escrita	acessível	-	-	3/16	19%	-	-
		dada	34/37	92%	2/7	29%	1/9	11%
		nova	-	-	4/7	57%	7/9	78%
		acessível	3/37	8%	1/7	14%	1/9	11%
Ensino Médio	oral	dada	14/14	100%	3/12	25%	1/6	17%
		nova	-	-	6/12	50%	4/6	67%
		acessível	-	-	3/12	25%	1/6	17%
	escrita	dada	18/23	78%	-	-	-	-
		nova	1/23	4%	3/4	75%	15/16	94%
		acessível	4/23	17%	1/4	25%	1/16	6%
Ensino Fundamental	oral	dada	27/37	73%	1/6	17%	2/16	13%
		nova	2/37	5%	4/6	67%	13/16	81%
		acessível	8/37	22%	1/6	17%	1/16	6%
	escrita	dada	13/19	68%	1/6	17%	1/8	13%
		nova	1/19	5%	5/6	83%	4/8	50%
		acessível	5/19	26%	-	-	3/8	38%

Dentre as orações hipotáticas adverbiais, as temporais são as que introduzem, com maior frequência, tópicos discursivos novos, como no exemplo a seguir, encontrado na narrativa ES4 oral:

5 ... chegando nessa cidade,
6 ... ele pegou sua bagagem,

No exemplo, a oração temporal reduzida da unidade 5 retoma as informações do tópico discursivo anterior, *chegada do rapaz à cidade*, para ancorar o lançamento de um novo tópico discursivo, *andanças do rapaz pela cidade*, do qual faz parte a unidade 6.

Os dados referentes ao uso de orações temporais para mudança de tópicos discursivos são apresentados no quadro 5.30.

Quadro 5.30 – Mudança de tópico nas orações temporais

		mesmo tópico		tópico diferente	
		N/total de ocorrências em cada conjunto de textos	%	N/total de ocorrências em cada conjunto de textos	%
Ensino Superior	oral	36/52	69,2%	16/52	30,8%
	escrita	38/53	71,7%	15/53	29,3%
Ensino Médio	oral	25/32	78,2%	7/32	21,8%
	escrita	38/44	86,4%	6/44	13,6%
Ensino Fundamental	oral	45/59	76,3%	14/59	23,7%
	escrita	22/33	66,7%	11/33	33,3%

5.3.5 Orações concessivas, orações consecutivas e orações proporcionais

Por apresentarem um número muito pequeno de ocorrências, as orações concessivas, as orações consecutivas e as orações proporcionais estão todas agrupadas neste item do capítulo.

Para Halliday & Hasan (1976), as orações concessivas estão compreendidas no grupo das relações adversativas, que inclui também as orações paratáticas adversativas. O significado básico das orações desse grupo é o de contrariedade à expectativa. Há também uma implicação entre as relações concessivas, as relações causais e as relações condicionais (NEVES, 1999b).

Do ponto de vista lógico, chamando-se p à oração hipotática adverbial concessiva e q à oração-núcleo, p não constitui razão para *não* q (MIRA MATEUS et al, 1983). Isso ajuda a explicar a distinção entre as relações concessivas, as relações causais e as relações condicionais. Uma causa ou uma condição é expressa na oração concessiva, mas aquilo que se pode esperar dela é negado na oração-núcleo (NEVES, 1999b).

Para Zamproneo (1998) e para Neves (1999b), os domínios de interpretação semântica de Sweetser (1990) podem ser aplicados também às construções concessivas, permitindo que se explique a função argumentativa dessas construções do ponto de vista pragmático. Assim, os domínios epistêmico e dos atos de fala compreendem os argumentos que conduzem a conclusões implícitas contrárias, ou seja, a oração concessiva argumenta em favor de uma conclusão, enquanto a oração-núcleo argumenta contra essa conclusão.

As orações concessivas, quando aparecem em posição anteposta à oração-núcleo, funcionam como tópico (ZAMPRONEO, 1998; NEVES, 1999b). Podem ainda aparecer pospostas à oração-núcleo, funcionando como um adendo, ou seja, o falante volta ao que

acabou de dizer fazendo objeções. A oração concessiva também pode ser topicalizada, intercalando-se na oração-núcleo ou vindo anteposta a ela.

No *corpus*, há apenas duas ocorrências de orações concessivas, ambas nas narrativas orais dos informantes do Ensino Superior.

A oração concessiva encontrada na narrativa ES3 oral - exemplo (i) - está anteposta à oração-núcleo, funcionando como tópico dela. O sujeito da oração concessiva é recuperado por elipse, uma vez que há identidade entre o sujeito da oração hipotática e o sujeito da oração-núcleo.

- (i) **53** mesmo sabendo .. que o pai de Juliana ... era um senhor muito bravo,
54 ... ele não desistia.

Por outro lado, a oração concessiva encontrada na narrativa ES8 oral – exemplo (ii) – está posposta à oração-núcleo. A informação é acessível. Embora o produtor do texto não tenha explicitado anteriormente que a festa estava boa, pode-se fazer essa inferência a partir do co-texto em que a oração está inserida, uma vez que o rapaz estava observando as pessoas cantando, dançando, comendo. O sujeito da oração concessiva é lexical, uma vez que não há identidade entre o sujeito da oração hipotática e o sujeito da oração-núcleo.

- (ii) **23** ... éh:: .. e parece que não se encontra muito feliz,
24 mesmo apesar da festa estar ... a princípio sendo boa.

Quanto às orações consecutivas, elas expressam efeito ou resultado de um evento expresso na oração-núcleo ou de um elemento da oração-núcleo que vem intensificado. Para Neves (2000), em geral as construções consecutivas têm ordem icônica, ou seja, a consequência vem depois da causa.

Há apenas três ocorrências de orações consecutivas no *corpus* da pesquisa. Duas ocorrências estão nas narrativas dos informantes do Ensino Superior (uma nas narrativas orais e uma nas narrativas escritas) e uma ocorrência está nas narrativas orais dos informantes do Ensino Médio.

No exemplo (i), encontrado na narrativa ES4 oral, a oração consecutiva expressa o efeito do elemento “amor”, da oração-núcleo, que vem intensificado.

(i) **58** ... só que:: o amor era tanto **59** que ele não se deu por vencido,

No exemplo (ii), encontrado na narrativa EM9 oral, é um evento da oração-núcleo que vem intensificado.

(ii) **21** ... ELE se emociona tanto,
22 .. que seu coração bate muito forte,

Em ambos os casos, a oração consecutiva, seguindo a ordem icônica causa-consequência, vem posposta à oração-núcleo.

No que diz respeito às orações proporcionais, uma construção desse tipo indica uma proporção entre o que é expresso na oração-núcleo e o que é expresso na oração proporcional (Neves, 2000).

Há apenas uma ocorrência de oração proporcional no *corpus*. Trata-se do exemplo a seguir, encontrado na narrativa ES5 oral:

33 ... por mais que ele tente .. sair,
34 .. os seguranças da casa ... tentam agarrá-lo,

A oração proporcional está anteposta à oração-núcleo, trazendo informação dada (o rapaz está correndo pela casa, tentando fugir do pai da moça), não havendo identidade de sujeito entre a oração hipotática e a oração-núcleo.

5.4 Orações encaixadas

A frequência de ocorrência das orações encaixadas varia de 8,8% a 15,9% nas narrativas do *corpus*, como pode ser observado no quadro 5.31. Nas narrativas orais, as orações encaixadas têm frequência sempre mais baixa do que nas narrativas escritas. Como as orações encaixadas funcionam como constituinte de uma outra oração, tornando sua estrutura mais complexa, novamente é nossa hipótese que, na modalidade oral, devido ao fato de se

poder focalizar menor quantidade de informação de cada vez (CHAFE, 1985; 1992), os falantes utilizam com maior frequência orações que se envolvem em relações táticas mais simples, como as orações independentes e as orações paratáticas. Por isso, na escrita, em que há mais tempo para o planejamento e para “empacotamento” da informação (CHAFE, 1985; 1992), a frequência de orações encaixadas é mais alta. Essas diferenças podem ser atribuídas ao fato de que o produtor procura adequar seu texto às condições em que o texto será recebido por seu interlocutor. No que diz respeito aos grupos de informantes, a frequência mais alta das orações encaixadas está nas narrativas dos informantes do Ensino Superior. Considerando que esses informantes estão há mais tempo na vida escolar e que estudam Língua Portuguesa no curso de Letras, pode-se supor que eles tenham experiência para construção de seus textos com estruturas mais complexas.

Quadro 5.31 – Frequência de ocorrência das orações encaixadas

		N/total de orações em cada conjunto de textos	%
Ensino Superior	oral	100/736	13,6%
	escrita	89/560	15,9%
Ensino Médio	oral	51/577	8,8%
	escrita	73/507	14,4%
Ensino Fundamental	oral	67/645	10,4%
	escrita	71/474	15%

Assim como acontece com as orações hipotáticas adverbiais, os complexos oracionais em que se encontram as orações encaixadas também podem ser mais complexos ou menos complexos estruturalmente, de acordo com o tipo de oração-matriz à qual elas estão ligadas. Quando uma oração encaixada se liga a uma oração-matriz independente ou a uma oração-matriz paratática, o complexo oracional no qual se encontra se torna mais simples do que quando se liga a uma oração-matriz hipotática ou a uma oração-matriz encaixada, uma vez que estas duas últimas já estão ligadas a outras orações, estabelecendo relações hierárquicas entre as orações.

Como pode ser observado no quadro 5.32, a frequência de orações-matriz hipotáticas somada à frequência de orações-matriz encaixadas é mais alta nas narrativas escritas do que nas narrativas orais. Isso se deve ao fato de a modalidade escrita permitir que se focalize uma maior quantidade de informação de cada vez e também permitir que se disponha de mais tempo para “empacotar” a informação (CHAFE, 1985; 1992), tornando possível que sejam empregadas estruturas mais complexas estruturalmente no interior dos complexos oracionais. No que diz respeito aos grupos de informantes, a frequência das orações-matriz hipotáticas somada à frequência das orações-matriz encaixadas é mais alta nas narrativas dos informantes do Ensino Superior.

Quadro 5.32 – Tipos de oração-matriz

		paratática		hipotática		encaixada		independente	
		N	%	N	%	N	%	N	%
Ensino Superior	oral	72	72%	13	13%	7	7%	8	8%
	escrita	58	65,2%	9	10,1%	15	16,9%	7	7,9%
Ensino Médio	oral	39	76,5%	1	2%	3	5,9%	8	15,7%
	escrita	59	80,8%	3	4,1%	9	12,3%	2	2,7%
Ensino Fundamental	oral	49	73,1%	6	9%	2	3%	10	14,9%
	escrita	47	66,2%	5	7%	7	9,9%	12	16,9%

5.5 Conclusões a respeito da articulação de orações

Em um *corpus* constituído de narrativas, como era de esperar, as orações paratáticas apresentam frequência mais alta de ocorrência do que outros tipos de orações, uma vez que, em geral, as narrativas se caracterizam por seqüências de ações. Dentre as orações paratáticas, as que apresentam maior frequência de ocorrência são as aditivas.

Sete diferentes tipos de orações hipotáticas podem ser encontradas no *corpus*. Algumas delas, como as concessivas, as consecutivas e as proporcionais apresentam, no máximo, duas ou três ocorrências. Outros tipos de orações, como as modais e as causais, apresentam frequência mais alta, mas não um número suficiente que permita uma distribuição regular dos dados entre todos os grupos de informantes, nas modalidades de língua oral e

escrita. Assim, das orações hipotáticas adverbiais, apenas as finais e as temporais apresentam uma quantidade suficiente de dados distribuídos de maneira homogênea, de forma a permitir generalizações.

As orações independentes codificam com maior frequência predicados de situação. As orações paratáticas, por sua vez, codificam com maior frequência predicados de ação. As orações hipotáticas adverbiais, nas narrativas dos informantes do Ensino Superior e do Ensino Médio, codificam com maior frequência predicados de processo. Nas narrativas dos informantes do Ensino Fundamental, as orações adverbiais codificam com maior frequência predicados de ação.

No que diz respeito às diferenças entre as narrativas orais e as narrativas escritas, algumas evidências sugerem uma maior complexidade gramatical das narrativas escritas, a saber:

- (i) nas narrativas orais, há uma maior frequência, em relação às narrativas escritas, de orações independentes, de orações paratáticas em geral, de orações paratáticas aditivas;
- (ii) nas narrativas escritas, há uma maior frequência, em relação às narrativas orais, de orações hipotáticas¹⁴, de orações encaixadas, de orações-núcleo e de orações-matriz do tipo hipotática e encaixada.

Pode-se considerar que essas diferenças sejam causadas por diferenças no próprio processo de produção de cada modalidade. A escrita, que é realizada globalmente, disponibiliza mais tempo para o planejamento e para o “empacotamento” da informação. Com isso, torna possível o emprego de enunciados mais complexos gramaticalmente. Pode-se lembrar que os falantes evidentemente procuraram adequar seus textos às condições de recepção de seus interlocutores, empregando, de um lado, com maior frequência, estruturas mais complexas na versão escrita da narrativa do que na versão oral, e, de outro, com maior

¹⁴ Apenas as orações finais e as orações temporais permitem essa generalização, devido à quantidade de dados.

freqüência estruturas que não envolvem hierarquização na versão escrita da narrativa do que na versão oral.

No que diz respeito aos grupos de informantes, pode-se dizer que as diferenças entre a modalidade de língua oral e a modalidade de língua escrita aumentam conforme o grau de escolaridade dos informantes, com base nas evidências a seguir:

- (i) nas narrativas dos informantes do Ensino Superior, pode ser encontrada uma maior variedade de tipos de orações hipotáticas (seis), ao passo que nas narrativas dos informantes do Ensino Fundamental e do Ensino Médio, os tipos de orações hipotáticas encontrados restringem-se a quatro;
- (ii) nas narrativas dos informantes do Ensino Fundamental, a freqüência de orações independentes é mais do que o dobro da freqüência desse mesmo tipo de orações nas narrativas dos outros informantes;
- (iii) nas narrativas dos informantes do Ensino Superior, a freqüência de orações-matriz hipotáticas e de orações-matriz encaixadas é mais alta na modalidade escrita do que na modalidade oral.

Esses dados sugerem que a maior exposição dos informantes de Ensino Superior à modalidade escrita, devido ao fato de estarem há mais tempo na escola do que os outros informantes e também devido ao fato de que estudam Língua Portuguesa no curso de Letras, possibilita a esses informantes um maior conhecimento das potencialidades de cada modalidade e uma maior exposição ao desempenho escrito. Assim, supõe-se que quanto maior a exposição à modalidade escrita, na escola, mais aumenta a diferenciação entre as duas modalidades, nas narrativas do *corpus*.

CAPÍTULO 6 – RELAÇÃO ENTRE ESTRUTURA RETÓRICA E ARTICULAÇÃO DE ORAÇÕES

Neste capítulo, pretende-se verificar, por meio da comparação dos resultados apresentados nos capítulos 4 e 5, a validade da afirmação de Matthiessen e Thompson (1988, p. 286) de que “a gramática da combinação de orações reflete a organização do discurso”. As relações serão classificadas de acordo com a função que exercem na organização textual ou na combinação de orações. As relações envolvidas nas combinações de orações terão suas definições e sua frequência de ocorrência comparadas com as definições e com a frequência de ocorrência das orações com as quais se relacionam.

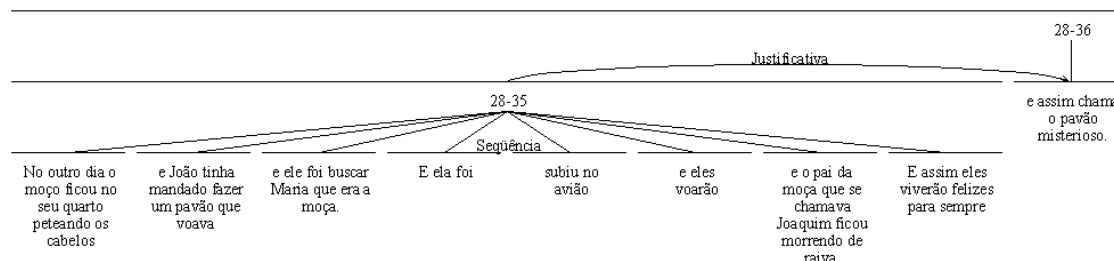
6.1 Função das relações na organização do texto e na combinação de orações

Na visão da Teoria da Estrutura Retórica do Texto (MANN & THOMPSON, 1983), as proposições relacionais permeiam todo o texto, desde as porções maiores até as relações estabelecidas entre duas orações. De acordo com a teoria, são essas relações que dão coerência ao texto, conferindo unidade e permitindo que o produtor atinja seus propósitos com o texto que produziu.

No exemplo da figura 6.1, encontrado na narrativa EF5 escrita, pode-se observar que as unidades de 28 a 35 estão relacionadas entre si em uma sequência temporal. Observa-se, também, que, por meio dessas unidades, o produtor do texto procura justificar o nome dado à aeronave – “pavão misterioso”. O ato de fala que faz essa justificativa se encontra na unidade 36. Como, obviamente, o analista não tem acesso à mente do produtor do texto, a análise é feita com base em julgamentos de plausibilidade, ou seja, o analista julga que tais

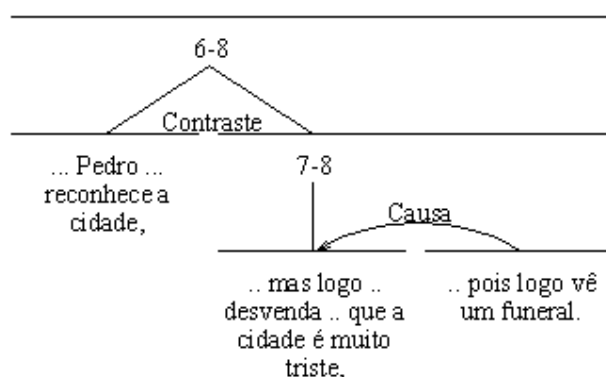
relações são plausíveis com base em seu conhecimento a respeito do produtor do texto, dos seus prováveis destinatários, das convenções culturais e do contexto de produção do texto (MANN & THOMPSON, 1988).

Figura 6.1 – Proposições relacionais ajudam a estabelecer a coerência do texto



Além de sua importância no estabelecimento da coerência do texto, as proposições relacionais também atuam na combinação de orações, como pode ser observado no exemplo da figura 6.2, encontrado na narrativa EM9 oral. Estabelece-se uma relação de contraste entre a unidade 6 e a unidade 7 (oração adversativa), que, por sua vez, funciona como oração-núcleo da unidade 8, com a qual estabelece uma relação de causa.

Figura 6.2 – Proposições relacionais atuam na combinação de orações



Assim, com base nos dados encontrados no *corpus* desta pesquisa, podem ser estabelecidas algumas distinções entre as diferentes relações, no que diz respeito à sua função na organização dos textos e na combinação de orações. Há relações que atuam principalmente na organização do texto e outras que atuam principalmente na combinação de orações, e há também relações que atuam tanto na organização do texto como na combinação de orações. É o que será discutido a seguir.

6.1.1 Relações que atuam na organização do texto

6.1.1.1 Relações que têm como escopo porções de texto maiores do que a oração

Há, no *corpus*, relações que são estabelecidas primordialmente para organizar porções de texto maiores do que a oração. Como geralmente estão presentes nas primeiras camadas da estrutura retórica, essas relações podem caracterizar um determinado tipo de texto, como acontece no *corpus* com as relações de *background* e de solução.

Ambas as relações, como foi apontado no capítulo 4, correspondem a partes da estrutura da narrativa, tal como proposto por Labov e Waletzky (1967). Elas ocorrem, em todas as narrativas, na primeira camada da estrutura retórica, e funcionam como satélites da porção central do texto.

O satélite *background* fornece informações sobre o pano de fundo da narrativa, para que o evento principal, encontrado na porção central do texto, possa ser compreendido da melhor forma (ver ANEXO B). O satélite solução, por sua vez, traz a resolução para o conflito apresentado na porção central do texto (ver ANEXO B). Tome-se como exemplo a narrativa EF1 oral, conforme a divisão a seguir:

Unidades que compõem o satélite *background*

- 1-2 o rapaz chega à cidade
- 3 vê uma mulher chorando
- 4 continua andando
- 5 vê um velório e um jornaleiro
- 6 compra um jornal
- 7 vê o homem que havia morrido
- 8 vê que está havendo uma festa na cidade

Unidades que compõem a porção central da história

- 9 vê uma mulher muito bonita na festa
- 10-13 quando ele se aproxima dela, é afastado pelo pai e pelos seguranças, e ela acaba indo embora
- 14 os seguranças fecham o portão
- 15 ele fica na porta, à espreita
- 16 entra escondido

17 beija a moça
 18 o pai pega os dois se beijando
 19 o rapaz passa uma rasteira no pai
 20 sai correndo
 21 é perseguido pelos seguranças da casa

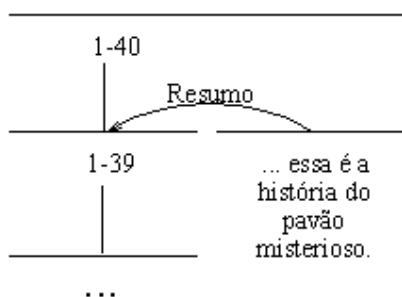
Unidades que compõem o satélite solução

22 o rapaz procura um construtor de aeronaves
 23 pede que seja construída uma aeronave para que ele possa fugir
 24 vai à casa da moça com a aeronave
 25 entra no quarto dela com a corda
 26 o casal foge na aeronave
 27 o casal vai embora

Como se pode observar, as unidades que compõem o conflito da história (a separação do casal; a descoberta, pelo pai, da entrada do rapaz na casa; a briga do rapaz com o pai da moça; a perseguição) só podem ser compreendidas com base nas informações apresentadas no satélite *background*, que informa quem é o rapaz, o que ele faz na cidade e de onde ele conhece a moça. Por sua vez, os eventos narrados nas unidades que compõem o satélite solução (a construção da aeronave, a fuga do casal) apresentam a resolução para o conflito encontrado na porção central da história.

A relação de resumo, com três ocorrências no *corpus*, também exerce essa função de organizar grandes porções de texto. Situada na primeira camada das narrativas, essa relação tem, na porção de texto que forma o satélite, um resumo do conteúdo do núcleo (ver ANEXO B). No caso das narrativas do *corpus*, trata-se de um resumo que encerra todo o texto, como no exemplo da figura 6.3, encontrado na narrativa EF4 oral.

Figura 6.3 – Relação de resumo



6.1.1.2 Relações que têm como escopo desde uma oração até porções de texto maiores do que a oração

Podem ser encontradas no *corpus* outras relações que também atuam na organização do texto, mas que têm como escopo desde uma oração até grandes porções formadas por várias orações. É o caso das relações de avaliação, de elaboração e de resultado.

Na relação de avaliação, a porção de texto que constitui o satélite traz um comentário avaliativo sobre o conteúdo do núcleo (ver ANEXO B). No exemplo a seguir, encontrado na narrativa ES6 oral, o produtor do texto avalia como o marinho conseguiu, ao final da história, ficar com sua amada. O comentário, iniciado pelo operador *então*, funciona como satélite do resto da história, que é o núcleo.

... ENTÃO ele reagiu a:: todo .. todo obstáculo que tinha,
 enfrentou qualque::r .. tipo de:: qualquer tipo de:: ... preconceito pra ficar com ela,
 ... os dois saí / éh:: .. viveram juntos,
 ... terminaram juntos,
 .. e:: conseguiu fugir junto com ela.

A relação de avaliação apresenta apenas três ocorrências no *corpus*. A relação de elaboração, por sua vez, tem número de ocorrências mais alto, 116 ao todo. Essa elevada frequência se deve à importante função exercida pela relação de elaboração na organização do texto, que é a de acrescentar informações (explicação, maiores detalhes, etc.) a uma outra porção de texto (ver ANEXO B). Pela definição, a porção de texto contida no satélite deve acrescentar informações a respeito da porção de texto que forma o núcleo. No exemplo da figura 6.4, encontrado na narrativa EM7 oral, a relação se estabelece entre duas orações. Por outro lado, no exemplo da figura 6.5, encontrado na narrativa EF1 oral, o elemento *assim* refere-se cataforicamente a toda a porção de texto formada pelas unidades de 2 a 11, ou seja, as unidades de 2 a 11 explicam como se inicia a história.

Figura 6.4 – Relação de elaboração estabelecida entre orações

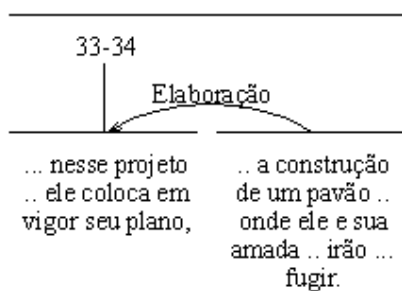
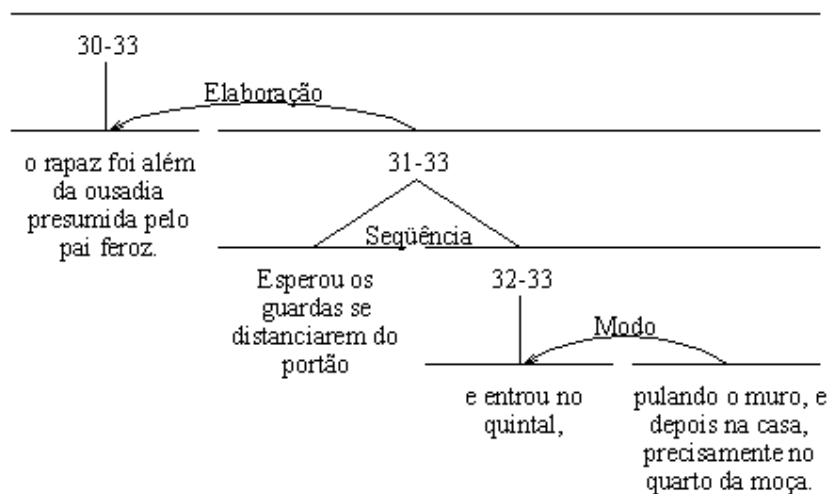


Figura 6.5 – Relação de elaboração estabelecida entre uma oração e uma porção de texto formada por várias orações



A relação de resultado é muito semelhante à relação de causa, mas, na verdade, há uma diferença polar entre essas relações. Ambas trazem uma ação ou situação que causa outra ação ou situação. A diferença reside na posição em que ocorrem núcleo e satélite. Na relação de causa, a ação ou situação causadora está no satélite, de forma que a relação de causa ocorre principalmente na combinação entre a oração causal e sua oração-núcleo. A relação de resultado, por sua vez, tem a ação ou situação causadora no núcleo (ver ANEXO B). Embora atue nas três ocorrências de orações consecutivas, no *corpus*, a relação de resultado é empregada no estabelecimento de relações entre porções maiores de texto, como pode ser observado no exemplo da figura 6.6, encontrado na narrativa EM7 oral, e no estabelecimento de relações entre orações paratáticas, como pode ser observado no exemplo 6.7, encontrado na narrativa EF4 escrita.

Figura 6.6 – Relação de resultado estabelecida entre porções de texto formadas por mais de uma oração

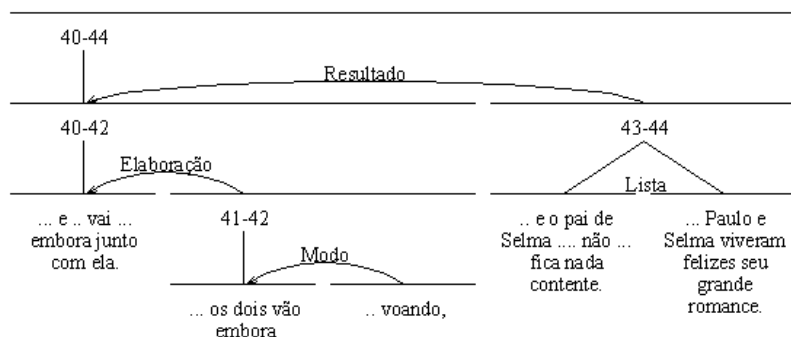
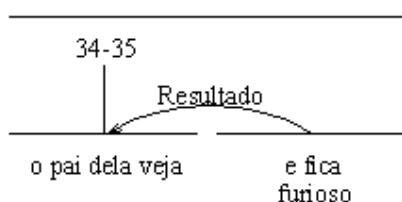


Figura 6.7 – Relação de resultado estabelecida entre orações paratáticas



6.1.2 Relações que atuam na organização do texto e na combinação de orações paratáticas

Há, também, relações que, além atuar na organização de porções de texto maiores do que a oração, também são encontradas com muita frequência nas relações estabelecidas entre duas orações. É o caso das relações de seqüência, de lista e de contraste. Atuam na organização de grandes porções de texto e também são empregadas na combinação de orações aditivas (relações de seqüência e de lista) e na combinação de orações adversativas (relação de contraste).

Podem ser encontradas algumas semelhanças entre as orações paratáticas e as relações multinucleares da Teoria da Estrutura Retórica do Texto, no que diz respeito ao modo de estabelecimento da relação e à frequência de ocorrência no *corpus*.

No que diz respeito ao modo de estabelecimento da relação, em uma combinação paratática se encontram orações de mesmo estatuto, ou seja, uma oração não modifica a outra (HALLIDAY, 1985). No caso das relações multinucleares, as porções de texto que se

relacionam não são ancilares uma da outra, isto é, são núcleos distintos (MANN & THOMPSON, 1987a; MANN & THOMPSON, 1987b).

No *corpus*, entre as orações paratáticas aditivas, estabelecem-se relações multinucleares de seqüência ou de lista.

Figura 6.8 – Relação de seqüência estabelecida entre orações aditivas

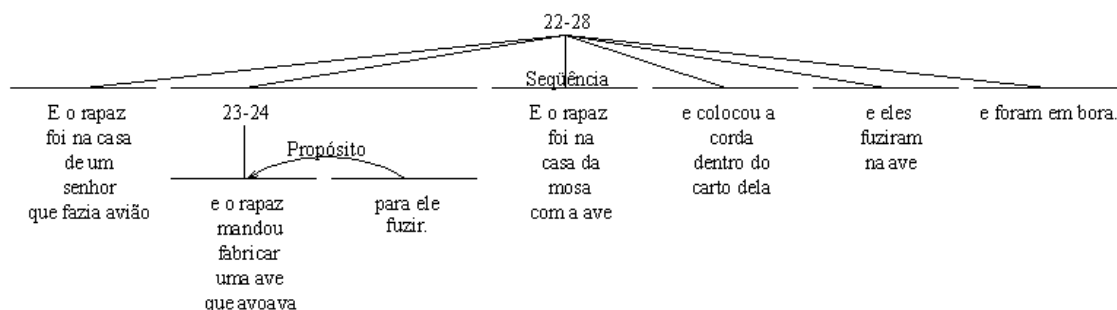


Figura 6.9 – Relação de lista estabelecida entre orações aditivas



No exemplo da figura 6.8, encontrado na narrativa EF1 escrita, pode-se observar que os eventos codificados pelas orações se sucedem temporalmente, motivo pelo qual a relação estabelecida é a de seqüência (relação de sucessão entre as situações nos núcleos – ver ANEXO B).

Por outro lado, no exemplo da figura 6.9, encontrado na narrativa ES3 escrita, as orações aditivas codificam eventos semelhantes, mas que não necessariamente se sucedem temporalmente. Assim, a relação estabelecida é a de lista (um item comparável a outros – ver ANEXO B).

Entre as orações paratáticas adversativas, estabelece-se relação de contraste, como pode ser observado no exemplo da figura 6.10, encontrado na narrativa EM6 escrita.

Figura 6.10 – Relação de contraste estabelecida entre orações adversativas



Na relação multinuclear de contraste, as situações e/ou os eventos codificados pelos núcleos são concebidos como semelhantes em alguns aspectos e divergentes em outros aspectos, e são comparáveis com base nessas diferenças (ver ANEXO B). A coordenação adversativa por meio do *mas* é tratada de forma semelhante por Neves (2000: 756): “[o MAS] coloca o segundo segmento como de algum modo diferente do primeiro”, ou seja, fica implícito que há semelhança entre as orações, uma vez que a relação adversativa coloca uma das orações como de algum modo diferente da outra.

Para que se possam analisar as semelhanças entre as orações paratáticas e as relações multinucleares no que diz respeito à frequência de ocorrência no *corpus*, os dados encontrados nos capítulos 4 e 5 são reapresentados nos quadros a seguir, organizados de forma a permitir uma melhor comparação.

Quadro 6.1 – Frequência de ocorrência das orações aditivas e das relações multinucleares de lista e de sequência

		Orações aditivas		Relações multinucleares: lista + sequência	
		N / total	%	N / total	%
Ensino Superior	oral	478/736	65%	558/762	73,2%
	escrita	336/560	60%	389/572	68%
Ensino Médio	oral	417/577	72,2%	456/634	72%
	escrita	310/507	61,1%	349/529	66%
Ensino Fundamental	oral	411/645	63,7%	477/692	69%
	escrita	300/474	63,3%	316/482	65,5%

Tanto as orações aditivas quanto as relações multinucleares (lista e sequência somadas) apresentam frequência mais alta na modalidade oral do que na modalidade escrita. Os valores percentuais também ficam próximos, como pode ser observado no quadro 6.1. A

maior diferença pode ser observada nas narrativas orais dos informantes do Ensino Superior. Nesse conjunto de textos, as orações aditivas têm frequência de 65%, ao passo que a soma da frequência das relações multinucleares de lista e de sequência é de 73,2%. A menor diferença pode ser encontrada nas narrativas orais dos informantes do Ensino Médio. Nos textos desses informantes, as orações aditivas têm frequência de 72,2%, enquanto que a soma da frequência das relações multinucleares de lista e de sequência é de 72,2%.

Quadro 6.2 – Frequência de ocorrência das orações adversativas e da relação multinuclear de contraste

		Orações adversativas		Relação multinuclear: contraste	
		N / total	%	N / total	%
Ensino Superior	oral	27/736	3,6%	48/762	6,3%
	escrita	21/560	3,7%	38/572	6,6%
Ensino Médio	oral	22/577	3,8%	46/634	7,2%
	escrita	27/507	5,3%	50/529	9,4%
Ensino Fundamental	oral	17/645	2,6%	38/692	5,5%
	escrita	15/474	3,1%	36/482	7,4%

Tanto as orações adversativas como a relação multinuclear de contraste apresentam frequência mais alta de ocorrência na escrita. A frequência de ocorrência da relação multinuclear de contraste é mais alta do que a das orações adversativas, mas a diferença não é grande. Como pode ser observado no quadro 6.2, enquanto a frequência de ocorrência das orações adversativas varia de 2,6% a 5,3%, a frequência de ocorrência da relação multinuclear de contraste vai de 5,5 a 9,4%.

6.1.3 Relações que atuam principalmente na combinação de orações hipotáticas

Podem ser encontradas, também, relações que primordialmente são empregadas na combinação de uma oração hipotática com a oração-núcleo. É o que acontece, no *corpus*, com as relações de evidência, de justificativa, de causa, de concessão, de propósito, de modo, de meio e de circunstância.

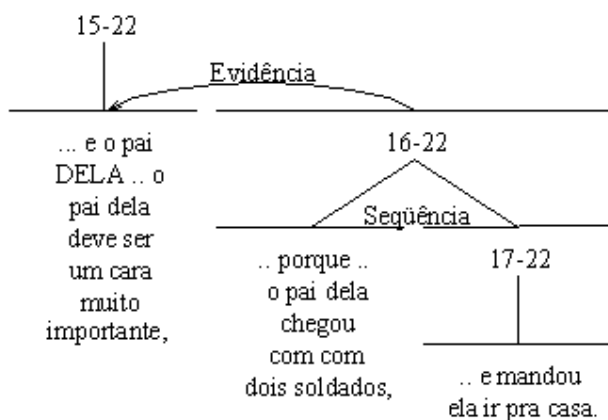
Assim como ocorre com as orações paratáticas e com as relações multinucleares, as orações hipotáticas e as relações núcleo-satélite também apresentam semelhanças no que diz respeito ao modo de estabelecimento da relação e à frequência de ocorrência no *corpus*.

No tocante ao modo de estabelecimento da relação, uma oração hipotática modifica a oração-núcleo à qual está ligada. Ao contrário do que ocorre com as orações paratáticas, a oração hipotática tem estatuto desigual em relação à oração-núcleo (HALLIDAY, 1985). Por sua vez, nas relações núcleo-satélite, a porção de texto que funciona como satélite é ancilar da porção de texto que funciona como núcleo, sendo dependente dela (MATTHIESSEN & THOMPSON, 1988).

As orações causais estabelecem no *corpus* relações de evidência, de justificativa ou de causa com a oração-núcleo à qual estão ligadas.

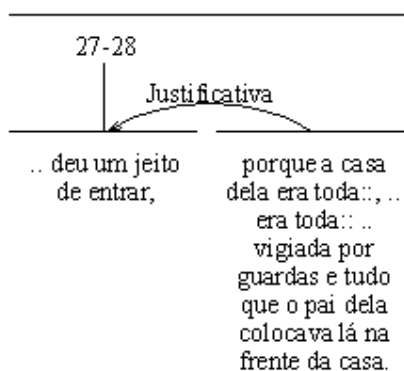
No caso da relação de evidência, a porção de texto que funciona como satélite (a oração causal) fornece um argumento com a finalidade de comprovar o conteúdo da oração-núcleo (ver ANEXO B), como no exemplo da figura 6.11, encontrado na narrativa EM3 oral.

Figura 6.11 – Relação de evidência estabelecida entre a oração causal e a oração-núcleo



Na relação de justificativa, a porção de texto que funciona como satélite (a oração causal) apresenta o motivo que levou o produtor do texto a realizar o ato de fala veiculado pela oração-núcleo (ver ANEXO B), como pode ser observado no exemplo da figura 6.12, encontrado na narrativa ES10 oral.

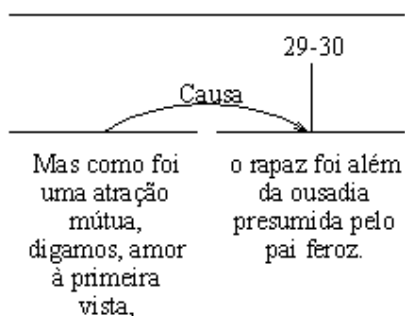
Figura 6.12 – Relação de justificativa estabelecida entre a oração causal e a oração-núcleo



Em ambos os exemplos, a porção de texto que funciona como satélite seria considerada, pela gramática tradicional, uma oração coordenada explicativa. No entanto, como pode ser observado, a relação estabelecida é do tipo núcleo-satélite, tendo em vista que as porções de texto não constituem núcleos distintos, sendo uma porção de texto ancilar da outra. O que ocorre, na verdade, é que a relação é estabelecida no domínio dos atos de fala, como aponta Neves (1999a), com base no conceito de domínio semântico de Sweetser (1990). No caso do exemplo 6.11, a porção de texto que funciona como satélite tem por função fornecer evidência para o ato de fala realizado pelo produtor do texto de que “o pai dela deve ser um cara muito importante”. Por sua vez, no exemplo 6.12, a porção de texto que funciona como satélite tem a finalidade de justificar o porquê de o produtor do texto ter dito que o rapaz teve de “dar um jeito de entrar”.

Na relação de causa, por sua vez, a ação ou situação veiculada pelo conteúdo do satélite (oração causal) causa a ação ou situação veiculada pelo conteúdo do núcleo (ver ANEXO B), como pode ser observado no exemplo da figura 6.13, encontrado na narrativa ES4 escrita.

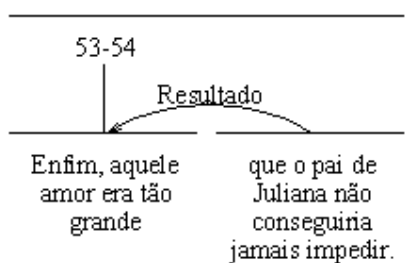
Figura 6.13 - Relação de causa estabelecida entre a oração causal e a oração-núcleo



Embora a relação de resultado tenha a mesma definição da relação de causa, as orações causais não estabelecem relações de resultado, uma vez que, nessa relação, a ação ou situação causadora se encontra no núcleo.

No *corpus*, a relação de resultado pode ser expressa pelas orações consecutivas, que denotam o efeito ou o resultado de um evento expresso na oração-núcleo, como pode ser observado no exemplo da figura 6.14, encontrado na narrativa ES3 escrita. Há apenas três ocorrências de orações consecutivas no *corpus*, ao passo que a relação de resultado apresenta, no total, 110 ocorrências. Esses dados confirmam que, embora as orações consecutivas, no *corpus*, estabeleçam apenas relações de resultado, essa relação é usada pelos informantes também com outras finalidades, conforme foi apontado no item 6.1.2.

Figura 6.14 - Relação de resultado estabelecida entre a oração consecutiva e a oração-núcleo



No que diz respeito ao número de ocorrências no *corpus*, as relações de evidência e de justificativa apresentam apenas duas ocorrências cada uma. Em ambos os casos, uma das ocorrências é estabelecida entre uma oração causal e uma oração-núcleo (figuras 6.11 e 6.12), e a outra ocorrência, entre porções maiores de texto.

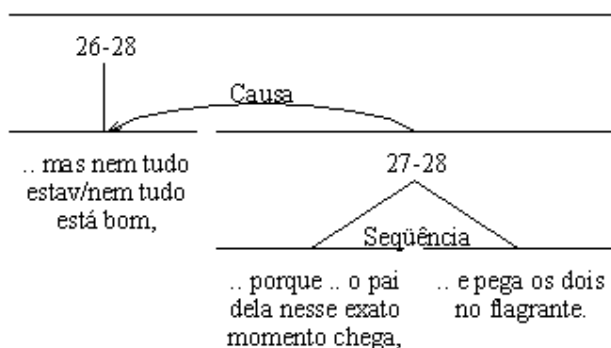
Por outro lado, como pode ser observado no quadro 6.3, as orações causais apresentam frequência de ocorrência semelhante à das relações de causa. No caso das orações causais, a frequência de ocorrência vai de 0,9% a 2,7% e, no caso das relações de causa, a frequência vai de 1,3% a 2,6%.

Quadro 6.3 – Frequência de ocorrência das orações causais e da relação de causa

		Orações causais		Relação de causa	
		N / total	%	N / total	%
Ensino Superior	oral	14/736	1,9%	11/762	1,4%
	escrita	13/560	2,3%	12/572	2%
Ensino Médio	oral	16/577	2,7%	11/634	1,7%
	escrita	11/507	2,1%	14/529	2,6%
Ensino Fundamental	oral	6/645	0,9%	9/692	1,3%
	escrita	6/474	1,2%	8/482	1,6%

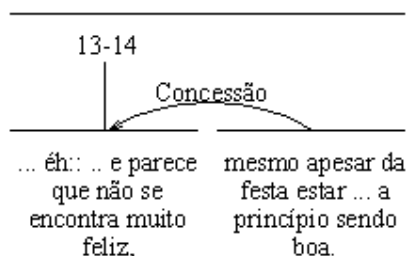
Um dado que deve ser observado no quadro 6.3 é que em alguns conjuntos de textos (narrativas dos informantes do Ensino Superior, nas duas modalidades de língua, e narrativas orais dos informantes do Ensino Médio) há um número maior de ocorrências de orações causais do que de relações de causa. Essa diferença entre o número de relações de causa e o número de orações causais pode ser explicada pelo fato de duas ou mais orações adverbiais em sequência estabelecerem relação com um mesmo núcleo, como pode ser observado no exemplo da figura 6.15, encontrado na narrativa EM10 oral, em que é contada apenas uma relação de causa, embora haja duas orações de causa.

Figura 6.15 – Relação de causa estabelecida entre duas ou mais orações adverbiais em sequência com um único núcleo



As orações concessivas estabelecem, no *corpus*, relações de concessão com a oração-núcleo à qual estão ligadas. Na proposta da TERT, a porção de texto que funciona como satélite (a oração concessiva) traz uma situação que, mesmo sendo aparentemente inconsistente (ver ANEXO B), é apresentada pelo produtor do texto. A definição do significado básico do grupo de orações ao qual pertencem as orações concessivas é semelhante: contrariedade à expectativa (HALLIDAY & HASAN, 1976), do tipo que pode ser observado no exemplo da figura 6.16, encontrado na narrativa ES8 oral.

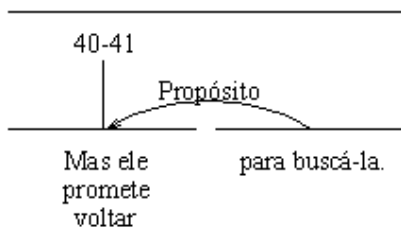
Figura 6.16 - Relação de concessão estabelecida entre a oração concessiva e a oração-núcleo



No que diz respeito ao número de ocorrências, há, no *corpus*, apenas duas ocorrências de orações concessivas, que estabelecem as duas únicas ocorrências de concessão encontradas na pesquisa.

As orações finais estabelecem, com a oração-núcleo à qual estão ligadas, relações de propósito. Nessa relação, a porção de texto que funciona como satélite expressa uma atividade que deverá ser realizada por meio da atividade expressa pela porção de texto que funciona como núcleo (ver ANEXO B). É o que pode ser observado no exemplo da figura 6.17, encontrado na narrativa EM6 escrita.

Figura 6.17 - Relação de propósito estabelecida entre a oração final e a oração-núcleo



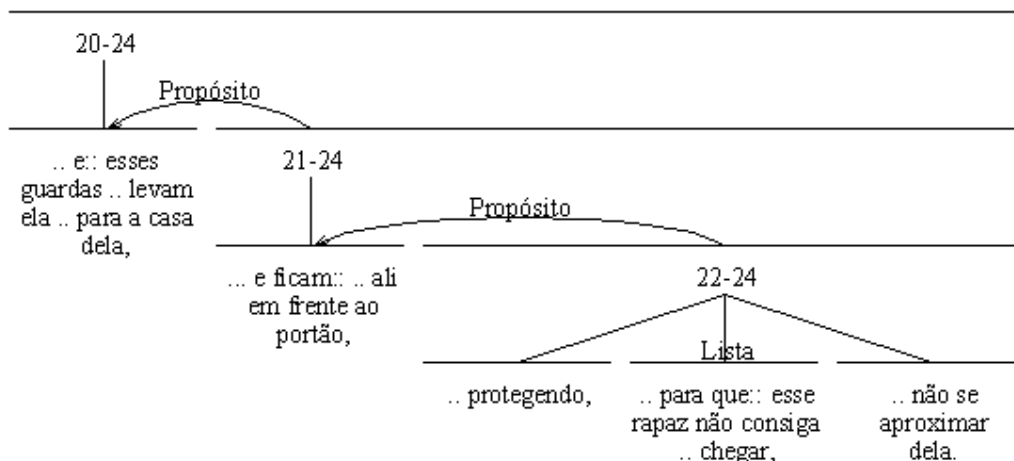
No quadro 6.4, as semelhanças entre as orações finais e as relações de propósito podem ser observadas no que diz respeito à frequência de ocorrência. As orações finais têm frequência de ocorrência que varia de 2% a 5,7%, e a frequência de ocorrência das relações de propósito vai de 2% a 5%.

Quadro 6.4 – Frequência de ocorrência das orações finais e da relação de propósito

		Orações finais		Relação de propósito	
		N / total	%	N / total	%
Ensino Superior	oral	24/736	3,2%	21/762	2,7%
	escrita	20/560	3,5%	16/572	2,7%
Ensino Médio	oral	12/577	2%	13/634	2%
	escrita	26/507	5,1%	25/529	4,7%
Ensino Fundamental	oral	37/645	5,7%	35/692	5%
	escrita	20/474	4,2%	21/482	4,3%

Assim como ocorre com as orações causais, observa-se que em alguns conjuntos de textos - narrativas dos informantes do Ensino Superior, nas duas modalidades de língua, narrativas escritas dos informantes do Ensino Médio e narrativas orais dos informantes do Ensino Fundamental - há mais orações finais do que relações de propósito. O exemplo da figura 6.18, encontrado na narrativa ES8 oral, ilustra o que ocorre nesses casos: duas ou mais orações finais em sequência estabelecem relação com um mesmo satélite, ou seja são codificadas três orações finais e apenas uma relação de propósito.

Figura 6.18 – Relação de propósito estabelecida entre duas ou mais orações adverbiais em sequência com um mesmo núcleo



As orações modais estabelecem relações de modo ou de meio com a oração-núcleo à qual estão ligadas. Por meio das orações modais, expressa-se como o evento da oração-núcleo é realizado. Na definição da relação de modo, a porção de texto que funciona como satélite é definida de forma semelhante, ou seja, essa porção de texto apresenta o modo como é realizada a ação expressa pela porção de texto que forma o núcleo (ver ANEXO B), como pode ser observado no exemplo da figura 6.19, encontrado na narrativa EM4 oral. Por sua vez, na relação de meio, como se observa no exemplo da figura 6.20, encontrado na narrativa ES8 oral, a porção de texto que funciona como satélite apresenta um procedimento ou um instrumento que permite a realização do evento encontrado na porção de texto que forma o núcleo (ver ANEXO B).

Figura 6.19 - Relação de modo estabelecida entre a oração modal e a oração-núcleo

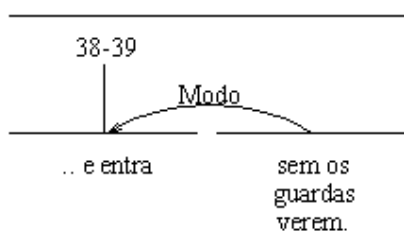
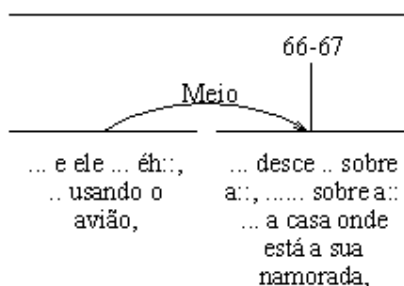


Figura 6.20 - Relação de meio estabelecida entre a oração modal e a oração-núcleo



A frequência de ocorrência das orações modais e das relações de modo e de meio é semelhante, como pode ser observado no quadro 6.5. Nas narrativas dos informantes do Ensino Fundamental, a frequência de ocorrência das orações modais vai de 0,1% a 0,2%, e das relações de modo e de meio, de 0,4% a 0,7%. Nas narrativas dos informantes do Ensino Médio, a frequência de ocorrência das orações modais e das relações de modo e de meio é um

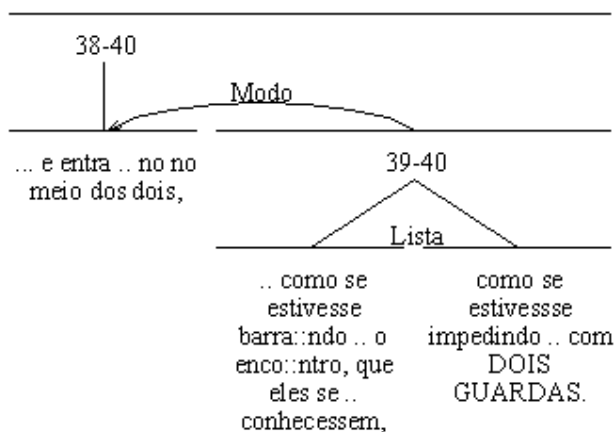
pouco mais alta: 1,1% a 1,2%, no primeiro caso; 0,7% a 1,1%, no segundo. Uma frequência mais alta de ocorrência das orações modais e das relações de modo e de meio pode ser encontrada nas narrativas dos informantes do Ensino Superior: 1,7% a 2,8%, para as orações modais; 1,5% a 3,1%, para as relações de modo e de meio. Como pode ser observado, os informantes de Ensino Superior utilizam com maior frequência do que os outros informantes orações hipotáticas adverbiais e relações retóricas do tipo núcleo-satélite.

Quadro 6.5 – Frequência de ocorrência das orações modais e das relações de modo e de meio

		Orações modais		Relações de modo e de meio	
		N / total	%	N / total	%
Ensino Superior	oral	13/736	1,7%	12/762	1,5%
	escrita	16/560	2,8%	18/572	3,1%
Ensino Médio	oral	7/577	1,2%	7/634	1,1%
	escrita	6/507	1,1%	4/529	0,7%
Ensino Fundamental	oral	1/645	0,1%	3/692	0,4%
	escrita	1/474	0,2%	1/482	0,2%

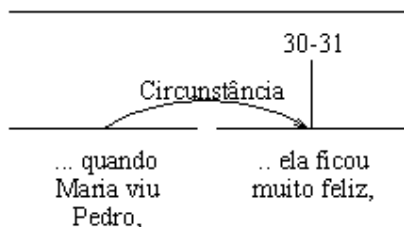
Assim como acontece com as orações causais e com as orações finais, observa-se que nas narrativas orais dos informantes do Ensino Superior e nas narrativas escritas dos informantes do Ensino Médio há mais ocorrências de orações modais do que de relações de modo e de meio. No exemplo da figura 6.21, retirado da narrativa ES7 oral, pode-se encontrar uma ilustração do que ocorre nesses casos, ou seja, duas ou mais orações modais em sequência estabelecem relação com um mesmo núcleo.

Figura 6.21 – Relação de modo estabelecida entre duas ou mais orações adverbiais em sequência com um mesmo núcleo



As orações temporais estabelecem, com a oração-núcleo à qual estão ligadas, relação de circunstância, como pode ser observado no exemplo da figura 6.12, encontrado na narrativa EF6 oral.

Figura 6.22 - Relação de meio estabelecida entre a oração modal e a oração-núcleo



No *corpus*, as orações temporais têm a frequência de ocorrência mais alta dentre as orações adverbiais, e a relação de circunstância também apresenta a maior frequência de ocorrência dentre as relações núcleo-satélite. No caso das orações temporais, a frequência de ocorrência vai de 5,5% a 9,4% e, no caso da relação de circunstância, a frequência de ocorrência vai de 5,2% a 8,9%.

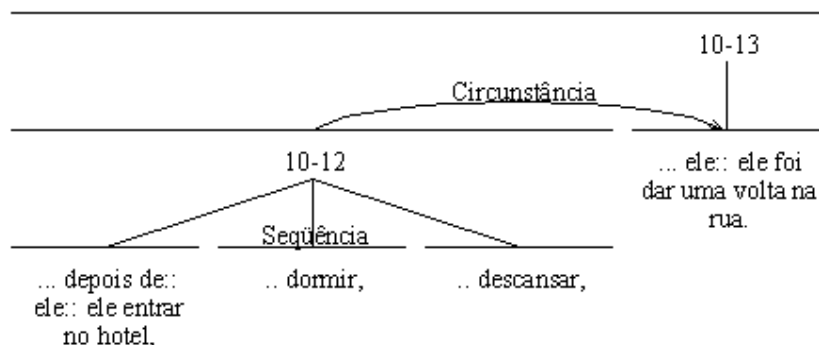
Quadro 6.6 – Frequência de ocorrência das orações temporais e da relação de circunstância

		Orações temporais		Relação de circunstância	
		N / total	%	N / total	%
Ensino Superior	oral	52/736	7%	53/762	6,9%
	escrita	53/560	9,4%	51/572	8,9%
Ensino Médio	oral	32/577	5,5%	33/634	5,2%
	escrita	44/507	8,6%	41/529	7,7%
Ensino Fundamental	oral	59/645	9,1%	52/692	7,5%
	escrita	33/474	6,9%	39/482	8%

Assim como acontece com as orações causais, com as orações finais e com as orações modais, também se pode observar no quadro 6.6 que em alguns conjuntos de textos (narrativas escritas dos informantes do Ensino Superior e dos informantes do Ensino Médio; narrativas orais dos informantes do Ensino Fundamental) há mais ocorrências de orações temporais do que de relações de circunstância. O exemplo da figura 6.23, encontrado na narrativa EF5 oral, ilustra o que ocorre nesses casos, isto é, três orações temporais em

seqüência estabelecem relação com um mesmo núcleo, de forma que são codificadas três orações temporais e apenas uma relação de circunstância.

Figura 6.23 – Relação de modo estabelecida entre duas ou mais orações adverbiais em seqüência com um mesmo núcleo



6.2 Conclusões a respeito da relação entre estrutura retórica e articulação de orações

Neste capítulo, apresentou-se uma classificação das relações da Teoria da Estrutura Retórica do Texto de acordo com a função que elas exercem nas narrativas do *corpus*.

As relações de *background*, de solução e de resumo exercem função de organização textual e atuam nas primeiras camadas da estrutura retórica das narrativas, tendo como escopo porções de texto maiores do que a oração. As relações de avaliação, de elaboração e de resultado também exercem função de organização textual, mas têm como escopo tanto uma oração como porções de texto maiores do que a oração.

As relações de seqüência, de lista e de contraste, por sua vez, atuam tanto na organização textual como na combinação de orações. As orações aditivas estabelecem relações de seqüência ou de lista, ao passo que as orações adversativas estabelecem relações de contraste. Observam-se semelhanças tanto nas definições quanto na freqüência de

ocorrência dessas relações multinucleares com as orações paratáticas de seqüência, de lista e de contraste.

Por último, há relações que atuam principalmente na combinações de orações hipotáticas. Trata-se das relações de evidência, de justificativa, de causa, de concessão, de propósito, de modo, de meio e de circunstância. Estão ligadas às orações causais as relações de evidência, de justificativa e de causa, sendo esta última relação a que ocorre com mais freqüência com as orações causais. As orações concessivas estabelecem relações de concessão, as orações finais estabelecem relações de propósito, as orações modais estabelecem relações de modo e de meio e, por fim, as orações temporais estabelecem relações de circunstância. Observam-se semelhanças no que diz respeito à definição e à freqüência de ocorrência entre os seguintes pares de orações e relações: orações causais e relação de causa; orações concessivas e relação de concessão; orações finais e relação de propósito; orações modais e relações de modo e de meio; orações temporais e relação de circunstância.

Essas observações feitas no *corpus* são, portanto, uma evidência a favor da afirmação de Matthiessen e Thompson (1988, p. 286) de que “a gramática da combinação de orações reflete a organização do discurso”, uma vez que, na combinação de orações, podem ser encontrados os mesmos padrões de organização retórica do texto, ou seja, relações com um núcleo e um satélite e relações com mais de um núcleo.

CAPÍTULO 7 – CONCLUSÕES

Neste trabalho, procurou-se verificar, no português brasileiro, nas modalidades de língua oral e escrita, a validade da afirmação de Matthiessen & Thompson (1988) de que as relações retóricas que se estabelecem no nível discursivo organizam desde a coerência dos textos até a combinação entre orações. Acrescentou-se a essa investigação a busca de diferenças conforme diferentes fatores. Para isso, utilizou-se um *corpus* constituído de sessenta narrativas, produzidas por informantes do Ensino Superior, do Ensino Médio e do Ensino Fundamental, após a exibição de um filme mudo.

Após a transcrição dos textos e a segmentação das unidades - da língua falada em unidades de entoação e da escrita em orações -, os dados foram tratados com a ajuda de duas ferramentas computacionais. Os dados relativos à articulação de orações foram codificados com a ajuda da ferramenta *Systemic Coder*. Os diagramas da estrutura retórica, por sua vez, foram elaborados com a ferramenta *RSTTool*.

Encontrou-se, em todas as narrativas do *corpus*, independentemente de modalidade de língua ou de grupo de informantes, um mesmo modelo de estrutura retórica, dividido em pelo menos três níveis. No primeiro nível, há uma divisão tripartite cujo núcleo é a porção principal da narrativa, chamada *complicação*, no modelo de estrutura narrativa de Labov e Waletzky. Um dos satélites desse primeiro nível, anteposto ao núcleo, estabelece relação de *background* e funciona como pano de fundo para a porção principal. No modelo de Labov e Waletzky, esse satélite recebe o nome de *orientação*. O outro satélite, posposto ao núcleo, estabelece relação de solução, apresentando a solução das ações da complicação. No modelo de Labov e Waletzky, esse satélite recebe o nome de *resolução*. No segundo nível, as porções de texto que formam os satélites de *background* e de solução, bem como as porções de texto que formam o núcleo, subdividem-se em seqüências de ações que se resolvem em

relações multinucleares de seqüência e de lista. A partir do terceiro nível, a estrutura retórica das narrativas passa a diferenciar-se.

No que diz respeito à freqüência de ocorrência, as orações paratáticas, no estudo da articulação de orações, e as relações multinucleares, no estudo da estrutura retórica, apresentam a freqüência mais alta. Dentre as orações paratáticas, as orações aditivas são as que apresentam freqüência mais alta, e, dentre as relações multinucleares, a relação de seqüência é a que apresenta freqüência mais alta. Tais resultados são presumíveis, uma vez que o *corpus* é formado de narrativas, e as narrativas geralmente apresentam seqüências de ações.

Na análise da estrutura retórica, observou-se que as relações núcleo-satélite que tentam levar o interlocutor a reconhecer a relação têm freqüência de ocorrência mais alta do que as que procuram levar o interlocutor a agir de acordo com o conteúdo do núcleo, porque espera-se que, em narrativas, o enredo geralmente seja de maior interesse para o leitor/ouvinte. Foram encontrados no *corpus* quatorze tipos de relações núcleo-satélite, mas apenas cinco tipos apresentaram uma quantidade suficiente de ocorrências para garantir uma distribuição regular dos dados entre as narrativas dos três grupos de informantes, nas duas modalidades de língua. Trata-se das relações de causa, de resultado, de circunstância, de elaboração e de propósito.

No estudo da articulação de orações, foram encontrados sete tipos de orações hipotáticas, mas apenas dois tipos apresentaram uma distribuição regular dos dados entre as narrativas dos três grupos de informantes, nas duas modalidades de língua. Trata-se das orações temporais e das orações finais.

Em relação a diferenças encontradas nas modalidades de língua oral e escrita, as evidências a seguir sugerem uma maior complexidade estrutural nas construções das narrativas escritas:

- (i) nas narrativas orais, a frequência de ocorrência de relações multinucleares em geral, de orações paratáticas em geral e de orações independentes é maior do que nas narrativa escritas;
- (ii) nas narrativas escritas, a frequência de ocorrência de relações multinucleares de contraste¹⁵, de relações núcleo-satélite com uma distribuição regular de dados¹⁶, de orações hipotáticas com uma distribuição regular dos dados, de orações encaixadas, de orações-núcleo e de orações-matriz do tipo hipotática e encaixada é mais alta do que nas narrativas orais.

É nossa hipótese que essas diferenças sejam resultado de diferenças no processo de produção e de recepção de cada modalidade. O processo de produção da escrita permitiu aos informantes planejar seus textos globalmente e “empacotar” uma maior quantidade de informação. Em outras palavras, como as narrativas escritas foram produzidas globalmente, com tempo para planejamento, os informantes puderam focalizar maior quantidade de informação de cada vez do que nas narrativas orais, que foram produzidas quase que concomitantemente com o planejamento. Além disso, deve-se supor que os informantes procuraram levar em consideração as condições que seus interlocutores teriam para interpretar os textos. Dessa forma, na versão escrita da narrativa, os informantes empregaram com maior frequência do que na versão oral, estruturas mais complexas, envolvendo hierarquização, tais como hipotaxe e encaixamento. Na versão oral da narrativa, empregaram com maior frequência do que na versão escrita estruturas menos complexas, sem hierarquização, como a parataxe e as orações independentes.

No tocante aos grupos de informantes, pôde-se observar que as diferenças entre as modalidades de língua oral e escrita aumentam conforme o grau de escolaridade dos

¹⁵ As relações multinucleares de contraste não apenas justapõem elementos, ao contrário das relações de lista e de sequência.

¹⁶ Com exceção da relação de elaboração, que tem maior frequência na modalidade oral – supõe-se que os informantes optaram por acrescentar com maior frequência na modalidade oral do que na modalidade escrita informações adicionais a um conteúdo já veiculado.

informantes, com base nas evidências a seguir:

- (i) a diferença na frequência de ocorrência das relações multinucleares entre as narrativas orais e as narrativas escritas é maior no grupo dos informantes do Ensino Superior e menor no grupo dos informantes do Ensino Fundamental;
- (ii) nas narrativas dos informantes do Ensino Superior, pode ser encontrada uma maior variedade de tipos de orações hipotáticas (seis), ao passo que nas narrativas dos informantes do Ensino Fundamental e do Ensino Médio, os tipos de orações hipotáticas encontrados restringem-se a quatro;
- (iii) nas narrativas dos informantes do Ensino Fundamental, ao contrário do que ocorre nas narrativas dos informantes do Ensino Superior e do Ensino Médio, há maior frequência de orações paratáticas, de orações temporais e de orações finais na modalidade oral do que na modalidade escrita;
- (iv) nas narrativas dos informantes do Ensino Fundamental, a frequência de orações independentes é mais do que o dobro da frequência do que nas narrativas dos outros informantes;
- (v) nas narrativas dos informantes do Ensino Superior, a frequência de orações-matriz hipotáticas e de orações-matriz encaixadas é mais alta na modalidade escrita do que na modalidade oral.

Embora a questão da escolaridade mereça um exame mais aprofundado, supõe-se, assim, que, quanto maior a escolaridade, e, portanto, a exposição institucionalizada à modalidade escrita, maior a diferenciação entre fala e escrita nas narrativas do *corpus*. Os textos dos informantes do Ensino Fundamental apresentam menos diferenças no que diz respeito às modalidades de língua oral e escrita do que os textos dos informantes do Ensino Médio. Nas narrativas dos informantes do Ensino Superior, que cursam Letras e, por esse

motivo, supostamente têm maior conhecimento das potencialidades de cada modalidade, as diferenças na implementação dessas potencialidades aparecem mais claramente.

Pôde ser elaborada, também, com base na análise da estrutura retórica dos textos do *corpus*, uma taxonomia das funções exercidas pelas relações nas narrativas estudadas. Há relações cuja função principal é a organização textual, tendo como escopo uma oração ou porções de texto maiores do que a oração. Há também relações que, além de atuar na organização textual, ainda operam na combinação de orações paratáticas. Por último, há as relações que atuam apenas na combinação de orações hipotáticas. Essa taxonomia é apresentada a seguir:

1. Relações com função de organização textual:

1.1 Escopo: porções de texto maiores do que a oração – relações de *background* e solução, atuando nas primeiras camadas da estrutura retórica, tendo, assim, como escopo porções de texto maiores do que a oração;

1.2 Escopo: desde uma oração até porções de texto maiores do que a oração – relações de avaliação, de elaboração e de resultado, que também exercem função na organização textual, mas que podem ter como escopo desde uma oração até porções maiores do que a oração;

2. Organização textual e combinação de orações paratáticas: relações de seqüência, de lista e de contraste, que atuam tanto na organização textual quanto na combinação de orações paratáticas. As orações aditivas estabelecem relações de seqüência ou de lista, ao passo que as orações adversativas estabelecem relações de contraste. Observam-se semelhanças tanto nas definições quanto na freqüência de ocorrência dessas relações multinucleares com as orações paratáticas de seqüência, de lista e de contraste;

3. Combinação de orações hipotáticas: relações de evidência, de justificativa, de causa, de concessão, de propósito, de modo, de meio e de circunstância. Estão ligadas às orações causais as relações de evidência, de justificativa e de causa, sendo esta última relação a que

ocorre com mais freqüência com as orações causais. As orações concessivas estabelecem relações de concessão, as orações finais estabelecem relações de propósito, as orações modais estabelecem relações de modo e de meio e, por fim, as orações temporais estabelecem relações de circunstância. Observam-se semelhanças no que diz respeito à definição e à freqüência de ocorrência entre os seguintes pares de orações e relações: orações causais e relação de causa; orações concessivas e relação de concessão; orações finais e relação de propósito; orações modais e relações de modo e de meio; orações temporais e relação de circunstância.

Com base nos dados encontrados na pesquisa, pode-se dizer que em narrativas orais e em narrativas escritas do português brasileiro há fortes evidências a favor da validade da afirmação de Matthiessen e Thompson (1988, p. 286) de que “a gramática da combinação de orações reflete a organização do discurso”. A favor dessa afirmação estão as semelhanças encontradas na pesquisa entre a estrutura retórica e a combinação de orações. Tais semelhanças podem ser observadas no que diz respeito à definição e à freqüência de ocorrência (nas modalidades de língua oral e escrita, nas narrativas de todos os grupos de informantes), entre relações retóricas multinucleares e orações paratáticas, entre relações retóricas núcleo-satélite e orações hipotáticas adverbiais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUILERA, V. A.; LEMOS, R. C. Oralidade/escrita: análise de narrativas segundo o modelo laboviano. *Anais do XLI Seminário do GEL*, FFCLH/USP, São Paulo, p. 445-452, 1994.

ANTONIO, J. D. *Narrativas orais e narrativas escritas: a estrutura argumental preferida, e outras preferências*. Dissertação de mestrado. Unesp/FCL-Araraquara, 1998.

BRAGA, M. L. Os enunciados de tempo no português falado no Brasil. In: NEVES, M. H. M. (org.) *Gramática do português falado: novos estudos*. S. Paulo: Humanitas/FFLCH/USP; Campinas: Editora da Unicamp, 1999. v. 7, p. 443-459.

CAMACHO, R. G. O papel da estrutura argumental na variação de perspectiva. In: KOCH, I. V. (org.) *Gramática do Português Falado: desenvolvimentos*. Campinas: Ed. da Unicamp, 1996. v. 6, p. 253-274.

CHAFE, W. *The Pear Stories*. Norwood: Ablex, 1980.

_____. Linguistic differences produced by differences between speaking and writing. In: OLSON, D. R. et al (eds). *Literacy, Language and Learning: the nature and consequences of reading and writing*. Cambridge: Cambridge University Press, 1985. p. 105-123.

_____. Cognitive Constraints on Information Flow. In: TOMLIN, R. *Coherence and Grounding in Discourse*. Amsterdam/Philadelphia: J. Benjamins, 1987. p. 21-51.

_____. Linking Intonation Units in Spoken English. In: HAIMAN, J.; THOMPSON, S. *Clause Combining in Grammar and Discourse*. Amsterdam/Philadelphia: J. Benjamins, 1988. p. 1-27.

_____. The flow of ideas in a sample of written language. In: MANN, W. C.; THOMPSON, S. A. (eds.) *Discourse Description: diverse linguistic analyses of a fund-raising text*. Amsterdam/Philadelphia: J. Benjamins, 1992. p. 267-294.

_____. *Discourse, Consciousness and Time*. The flow and displacement of conscious experience in speaking and writing. Chicago: University of Chicago Press, 1994.

CROCCI DE SOUZA, M. S. *A hipotaxe adverbial temporal: uma abordagem funcionalista*. Tese de doutorado. Unesp/FCL-Araraquara, 1996.

DECAT, M. B. N. *“Leite com manga, morre!”: da hipotaxe adverbial no português em uso*. Tese de doutorado. PUC-SP, 1993.

DIAS, N. B. *As cláusulas de finalidade*. Tese de doutorado. Unicamp-IEL, 2001.

DIK, C. S. *The Theory of Functional Grammar*. Dordrecht: Foris, 1989.

DU BOIS, J. Competing Motivations. In: HAIMAN, J. (ed.) *Iconicity in Syntax*. Amsterdam/Philadelphia: J. Benjamins, 1985. p. 343-365.

FÁVERO, L. L. *Coesão e coerência textuais*. São Paulo: Ática, 1991.

GIVÓN, T. (ed.) *Discourse and Syntax*. New York: Academic Press, 1979.

_____. *Syntax: a functional-typological introduction*. Amsterdam/Philadelphia: J. Benjamins, 1990. v. 2.

_____. *English grammar: a function-based introduction*. Amsterdam/Philadelphia: J. Benjamins, 1993. v. 2.

_____. *Functionalism and grammar*. Amsterdam/Philadelphia: J. Benjamins, 1995.

HAIMAN, J.; THOMPSON, S. A. (eds.) *Clause Combining in Grammar and Discourse*. Amsterdam/Philadelphia: J. Benjamins, 1988.

HALLIDAY, M. A. K. *An introduction to functional grammar*. Baltimore: E. Arnold, 1985.

_____. *Spoken and written language*. 2. ed. Oxford: Oxford University Press, 1989.

_____; HASAN, R. *Cohesion in English*. London: Longman, 1976.

HILGERT, J. G. A construção do texto “falado” por escrito: a conversação na internet. In: PRETI, D. (org.). *Estudos de língua falada*. S. Paulo: Humanitas, 2000. v. 4, p. 17-55.

HOPPER, P. (ed.) *Tense-Aspect: Between Semantics and Pragmatics*. Amsterdam: J. Benjamins, 1982.

HYMES, D. On Communicative Competence. *Sociolinguistics*, v. 1, p. 219-229, 1987.

ILARI, R. *Perspectiva funcional da frase portuguesa*. 2. ed. Campinas: Ed. da Unicamp, 1992.

JUBRAN, C. C. A. S. et al. Organização Tópica da Conversação. In: ILARI, R. (org.) *Gramática do Português Falado: níveis de análise lingüística*. Campinas: Ed. da Unicamp, 1992. v. 2, p. 359-440.

KOCH, I. V. Lingüística do Discurso: o salto qualitativo. *Anais do II Seminário do Centro de Estudos Lingüísticos e Literários do Paraná*, UEL, Londrina, p. 200-212, 1988.

KOCH, I. G. V.; TRAVAGLIA, L. C. *A coerência textual*. São Paulo: Contexto, 1990.

LABOV, W.; WALETZKY, J. Narrative analysis: oral versions of personal experience. In: HELM, J. (ed.) *Essays on the Verbal and Visual Arts*. Washington: University of Washington Press, 1967. p. 12-44.

LEROY, M. *As grandes correntes da Lingüística Moderna*. 6. ed. S. Paulo: Cultrix, 1987.

MARCUSCHI, L. A. *Lingüística de texto: o que é e como se faz*. Recife: UFPE, 1983.

_____. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. S. Paulo: Cortez, 2000.

MANN, W. C.; THOMPSON, S. A. *Relational propositions in Discourse*. ISI/RR-83-115, 1983.

_____. *Assertions from Discourse Structure*. ISI/RS-85-155, 1985.

_____. *Rhetorical Structure Theory: a framework for the analysis of texts*. ISI/RS-87-185, 1987a.

_____. *Rhetorical Structure Theory: a theory of text organization*. ISI/RS-87-190, 1987b.

_____. *Rhetorical Structure Theory: Toward a functional theory of text organization*. *Text*, v. 8, n. 3, p. 243-281, 1988.

MANN, W. C.; MATTHIESSEN, C. M. I. M.; THOMPSON, S. A. Rhetorical Structure Theory and text analysis. In: MANN, W. C.; THOMPSON, S. A. (eds.) *Discourse description: diverse linguistic analyses of a fund-raising text*. Amsterdam/Philadelphia: J. Benjamins, 1992. p. 39-77.

MATTHIESSEN, C.; THOMPSON, S. The structure of discourse and 'subordination'. In: HAIMAN, J.; THOMPSON, S. (eds.) *Clause Combining in Grammar and Discourse*. Amsterdam/Philadelphia: J. Benjamins, 1988. p. 275-329.

NEVES, M. H. M. Uma visão geral da Gramática Funcional. *Alfa*, v. 38, p. 109-127, 1994a.

_____. *A estrutura argumental preferida em inquéritos do NURC*. 1994b. Mimeo.

_____. Reflexões sobre a investigação gramatical: projeto GPF - grupo Sintaxe I. *Atas do 1º Congresso Internacional da ABRALIN*, ABRALIN - FINEP - UFBA, Salvador, p. 421-427, 1996.

_____. *A Gramática Funcional*. S. Paulo: Martins Fontes, 1997a.

_____. *A articulação de orações: reflexões de base funcionalista*. Maceió: Congresso da Abralín, 1997b. Mimeo.

_____. A modalidade. In: KOCH, I. G. V. (org.) *A gramática do português falado: desenvolvimentos*. Campinas: Ed. da Unicamp/Fapesp, 1997c. v. 6, p. 163-199.

_____. As construções causais. In: _____ (org.) *Gramática do português falado: novos estudos*. S. Paulo: Humanitas/FFLCH/USP; Campinas: Editora da Unicamp, 1999a. v. 7, p. 461-496.

_____. As construções concessivas. In: _____ (org.) *Gramática do português falado: novos estudos*. S. Paulo: Humanitas/FFLCH/USP; Campinas: Editora da Unicamp, 1999b. v. 7, p. 545-591.

_____. As construções condicionais. In: _____ (org.) *Gramática do português falado: novos estudos*. S. Paulo: Humanitas/FFLCH/USP; Campinas: Editora da Unicamp, 1999c. v. 7, p. 497-544.

_____. A modalidade: um estudo de base funcionalista na língua portuguesa. *Revista Portuguesa de Filologia*, Universidade de Coimbra, Coimbra, p. 97-123, 1999-2000.

_____. *Que gramática estudar na escola?* Norma e uso na Língua Portuguesa. S. Paulo: Contexto, 2003.

OCHS, E. Planned and unplanned discourse. In: GIVÓN, T. (ed.). *Discourse and syntax*. New York: Academic Press, 1979. p. 51-80.

PAIVA, M. C. *Ordenação das cláusulas causais: forma e função*. Tese de doutorado. UFRJ, 1991.

PEZATTI, E. G. Estrutura argumental e fluxo de informação. In: KOCH, I. V. (org.) *Gramática do Português Falado: desenvolvimentos*. Campinas: Ed. da Unicamp, 1996. v. 6, p. 275-299.

PRETI, D.(org.) *Análise de Textos Orais*. S. Paulo: FFLCH / USP, 1993.

PRINCE, H. Toward a taxonomy of given-new information. In: COLE, P. (ed.) *Radical Pragmatics*. New York: Academic Press, 1981. p. 223-255.

SIEWIERSKA, A. *Functional grammar*. London/New York: Routledge, 1991.

SWEETSER, E. Conditionals. In: *From Etymology to pragmatics*. Cambridge: Cambridge University Press, 1990. p. 113-144.

TANNEN, D. *Spoken and written language: exploring orality and literacy*. Norwood: Ablex, 1982.

VOTRE, S. J.; NARO, A. J. Mecanismos funcionais no uso da língua. *D.E.L.T.A.*, v. 5, n. 2, p. 169-184, 1989.

ZAMPRONEO, S. *A hipotaxe adverbial concessiva no português escrito contemporâneo do Brasil*. Dissertação de Mestrado. Unesp/FCL-Araraquara, 1998.

GRAMÁTICAS

BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

CEGALLA, D. P. *Novíssima gramática da língua portuguesa*. 20. ed. São Paulo: Editora Nacional, 1979.

CUNHA, C.; CINTRA, L. *Nova gramática do português contemporâneo*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

MIRA MATEUS, M. H. *et al. Gramática da língua portuguesa*. Coimbra: Almedina, 1983.

NEVES, M. H. M. *Gramática de usos do português*. S. Paulo: Editora UNESP, 2000.

ROCHA LIMA, C. H. *Gramática normativa da língua portuguesa*. 16. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1973.

SAID ALI, M. *Gramática histórica da língua portuguesa*. S. Paulo: Melhoramentos, 1965.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

ABREU, A. S. Coordenação e subordinação – uma proposta de descrição gramatical. *Alfa*, v. 41, p. 13-37, 1997.

AKATSUKA, N. Conditionals are discourse-bound. In: TRAUGOTT, E. C. et al (eds.) *On conditionals*. Cambridge: Cambridge University Press, 1986. p. 333-351.

BRAGA, M. L. A informação, seu fluxo e as construções clivadas. In: HEYE, J. (org.). *Flores verbais*. R. de Janeiro: Editora 34, 1995. p. 283-292.

BROWN, G.; YULE, G. *Discourse Analysis*. Cambridge: Cambridge University Press, 1983.

CAMACHO, R. G. Estruturas coordenadas aditivas. In: NEVES, M. H. M. (org.) *Gramática do português falado: novos estudos*. S. Paulo: Humanitas/FFLCH/USP; Campinas: Editora da Unicamp, 1999. v. 7, p. 351-405.

CHAFE, W. How people use adverbial clauses. *Annual Meeting of the Berkeley Linguistic Society*, v. 10, p. 437-449, 1984.

DANES, F. De la structure sémantique et thématique du message. *Travaux*, v. 5, p. 177-200, 1978.

DECAT, M. B. N. A articulação hipotática adverbial no português em uso. In: _____ et al *Aspectos da gramática do português: uma abordagem funcionalista*. Campinas: Mercado de Letras, 2001. p. 103-166.

DILLINGER, M. Forma e função na lingüística. *D.E.L.T.A.*, vol. 7, n. 1, p. 395-407, 1991.

DU BOIS, J. W.; THOMPSON, S. *Dimensions of a Theory of Information Flow*. MS, University of California: Santa Barbara, 1991.

FERRETTI, L. S. *Um estudo sobre a hipotaxe adverbial causal no português escrito contemporâneo do Brasil*. Dissertação de mestrado. Unesp/FCL-Araraquara, 2000.

FORD, C. E.; THOMPSON, S. A. Conditionals in discourse: a text based study. In: TRAUGOTT, E. C. et al (eds.) *On conditionals*. Cambridge: Cambridge University Press, 1986. p. 353-372.

FRONEK, J. Some Criticisms of Halliday's Information Systems. *Lingua*, v. 60, p. 311-329, 1983.

HAIMAN, J. Conditionals are topics. *Language*, n. 54, p. 564-589, 1978.

_____. *Iconicity in syntax*. Amsterdam/Philadelphia: J. Benjamins, 1985.

HALLIDAY, M. A. K. Notes on transitivity and theme in English: Part 2. *Journal of Linguistics*, v. 3, p. 199-244, 1967.

_____. *A Course in Spoken English: Intonation*. Oxford: Oxford University Press, 1970.

_____. *Language as a Social Semiotic*. The Social Interpretation of Language and Meaning. London: Edward Arnold, 1978.

HEINE, B.; CLAUDI, C.; HÜNNEMEYER, F. From Cognition to Grammar: evidence from African Languages. In: TRAUGOTT, E. C.; HEINE, B. *Approaches to Grammaticalization*. Amsterdam/Philadelphia: J. Benjamins, 1991a. v. 1, 149-187.

_____. *Grammaticalization: A Conceptual Framework*. Chicago: University of Chicago Press, 1991b.

HILDYARD, A.; HIDI, S. Oral-written differences in the production and recall of narratives. In: OLSON, D. R. et al (eds). *Literacy, Language and Learning: the nature and consequences of reading and writing*. Cambridge: Cambridge University Press, 1985. p. 285-306.

HIRATA, F. B. M. *A hipotaxe adverbial condicional no português escrito contemporâneo do Brasil*. Dissertação de mestrado. Unesp/FCL-Araraquara, 1999.

HOPPER, P. J.; TRAUGOTT, E. C. *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

IVIR, V. Functionalism in Contrastive Analysis and Translation Studies. In: DIRVEN, R.; FRIED, V. (eds.) *Functionalism in Linguistics*. Amsterdam/Philadelphia: J. Benjamins, 1987. p. 471-481.

MARCUSCHI, L. A. O tratamento da oralidade nos PCN de Língua Portuguesa de 5ª a 8ª séries. *Scripta*, v. 2, n. 4, p. 114-129, 1999.

_____. Letramento e oralidade no contexto das práticas sociais e eventos comunicativos. In: SIGNORINI, I. (org.) *Investigando a relação oral/escrito e as teorias do letramento*. Campinas: Mercado de Letras, 2001. p. 23-50.

NEVES, M. H. M. A gramaticalização e a articulação de orações. *Estudos Lingüísticos*. Ibilce, S. J. do Rio Preto, v. 27, 46-56, 1998a.

_____. Aspectos da gramaticalização em português. In: *Para sempre em mim: homenagem à profa. Ângela Vaz Leão*. Belo Horizonte: Ed. PUC-MG, 1998b. p. 1-14.

_____. Um tratamento funcionalista da articulação de orações. In: GÄRTNER, E.; HUNDT, C. SCHÖNBERGER, A. (eds.) *Estudos de gramática portuguesa (II)*. Frankfurt am Main: TFM, 2000. p. 137-147.

_____. *A gramática: história, teoria e análise, ensino*. S. Paulo: Editora Unesp, 2002.

_____; BRAGA, M. L.. Hipotaxe e gramaticalização: uma análise das construções de tempo

e de condição. *D.E.L.T.A.*, V. 14, n. especial, p. 191-209, 1998.

NICHOLS, J. Functional Theories of Grammar. *Annual Review of Anthropology* v. 43, p. 97-117, 1984.

PEZATTI, E. G. Estruturas coordenadas alternativas. In: NEVES, M. H. M. (org.) *Gramática do português falado: novos estudos*. S. Paulo: Humanitas/FFLCH/USP; Campinas: Editora da Unicamp, 1999. v. 7, p. 407-441.

PRINCE, H. The ZPG Letter: Subjects, Definiteness, and Information-status. In: MANN, W. C.; THOMPSON, S. A. (eds.) *Discourse Description: diverse linguistic analyses of a fund-raising text*. Amsterdam/Philadelphia: J. Benjamins, 1992. p. 295-325.

ROJO, R. Letramento escolar, oralidade e escrita em sala de aula: diferentes modalidades ou gêneros do discurso? In: SIGNORINI, I. (org.) *Investigando a relação oral/escrito e as teorias do letramento*. Campinas: Mercado de Letras, 2001. p. 51-74.

RUBIN, A. A Theoretical Taxonomy of the Differences between Oral and Written Language. In: SPIRO, R. S. et al (eds.) *Theoretical Issues in Reading Comprehension*. Hillsdale: Lawrence Erlbourn, 1980. p. 411-438.

TESNIÈRE, L. *Élèments de syntaxe structurale*. 12. ed. Paris: Editions Klincksieck, 1959.